



**INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM (PPGLin)
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KARINE MAGALHÃES ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A MULHER NEGRA NA
PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: UMA ANÁLISE
DE CONTOS DO LIVRO *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

ACARAPE

2023

KARINE MAGALHÃES ALVES

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A MULHER NEGRA NA
PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: UMA ANÁLISE DE
CONTOS DO LIVRO *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Dissertação em andamento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem e Integração.

Orientadora: Professora Dra. Izabel Larissa Lucena Silva.

ACARAPE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Alves, Karine Magalhães.A479

A representação discursiva sobre a mulher negra na perspectiva da gramática sistêmico-funcional: uma análise de contos do livro Olhos d'água de Conceição Evaristo / Karine Magalhães Alves. - Redenção, 2023.

142f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof^a Dr^a Izabel Larissa Lucena Silva.

1. Análise do discurso - Aspectos sociais. 2. Língua portuguesa - Gramática. 3. Funcionalismo (Linguística). 4. Negras na literatura. 5. Evaristo, Conceição, 1946. I. Título

KARINE MAGALHÃES ALVES

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE A MULHER NEGRA NA
PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: UMA ANÁLISE DE
CONTOS DO LIVRO *OLHOS D'ÁGUA* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Linguagem da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito
à obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.
Área de concentração: Linguagem e Integração.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Izabel Larissa Lucena Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Júlio César Dinoá
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
(1º examinador)

Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
(2º examinador)

A Deus.

À Maria de Fátima, minha avó.

À Eveline, minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que sempre me conduziu com lições de amor e empatia.

À minha professora Dra. Izabel Larissa, pela paciência, dedicação, pelas orientações e pelos conhecimentos compartilhados, sem os quais este trabalho não se realizaria.

À minha avó, Maria de Fátima, que sempre esteve comigo nas horas mais difíceis e felizes de minha vida.

À minha mãe, Eveline Magalhães, que sempre acreditou em mim e tomava as demandas de casa para si, mesmo após um dia cheio de trabalho, enquanto eu estudava.

À minha irmã, Karen Evelyn, que sempre foi uma das minhas maiores alegrias.

Às professoras e aos professores do PPGLin – Unilab, pelas maravilhosas aulas.

Às colegas e aos colegas de Mestrado pelo apoio, em especial Victória Maria de Oliveira e Hidalicy Brito.

À CAPES, pelo financiamento.

“A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água.”

Conceição Evaristo

“Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela
superfície”.

Conceição Evaristo

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações discursivas sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir do Sistema de Transitividade. Para tanto, adotamos os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2014). Metodologicamente, selecionamos 04 contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, a saber: *Olhos d'água*, *Ana Davenga*, *Duzu-Querença* e *Maria*, dentre os 15 contos da referida obra que narram representações de realidades de pessoas negras no Brasil. Selecionamos 04 contos nos quais a mulher negra é apresentada como participante significativo, no sentido de que o enredo está em torno de protagonistas que são mulheres afrodescendentes. Para a análise qualitativa, dividimos a pesquisa em duas grandes etapas: análise contextual, em que analisamos o campo, as relações e o modo, e análise linguística, em que segmentamos os textos em orações e fazemos um apanhado geral dos itens lexicais referentes ao campo semântico da mulher negra. Para uma análise qualitativa das orações, selecionamos as proposições em que a mulher faz parte da predicação como termo referenciador com o objetivo de, no âmbito léxico-gramatical, classificar os constituintes oracionais em processos, participantes e circunstâncias de acordo com a teoria de Halliday e Matthiessen (2014). Após isso, categorizamos as representações sobre a mulher a partir dos aspectos contextuais e linguísticos. Os resultados da pesquisa revelam, com relação às categorias semânticas do Sistema de Transitividade, que os processos Materiais e Mentais predominam nos contos analisados, bem como os participantes Ator e Experienciador, respectivamente, o que indica que o “fazer” e o “sentir” constituem os significados mais centrais desses contos. Percebemos que há diferentes categorizações para mulher negra, tais como: a mulher forte, a mulher mãe, a mulher que recupera a ancestralidade, a mulher pobre, a mulher sábia, a mulher trabalhadora, a mulher boa, a mulher acolhedora, a mulher criminalizada pelo preconceito racial, a mulher explorada sexualmente e a mulher silenciada. A estrutura temática predominante das orações é a não marcada, com o sujeito da oração como ponto de partida que direciona a interpretação da narrativa no conto. Quanto aos recursos ligados à modalidade epistêmica, observamos que as marcas indicadoras de graus de probabilidade predominam no texto, evidenciando os reais desejos e pensamentos das personagens. A predominância da subjetividade explícita em todos os contos nos mostra o fato de a narradora marcar-se a todo momento como fonte da avaliação.

Palavras-chave: Gramática Sistêmico-Funcional; Representações Discursivas Sobre a Mulher Negra; Olhos d'água; Conceição Evaristo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the discursive representations about black women in short stories from the book *Olhos d'água* by Conceição Evaristo based on the Transitivity System. To do so, we adopted the theoretical-methodological assumptions of the Systemic-Functional Grammar by Halliday and Matthiessen (2014). Methodologically, we selected 04 short stories from the book *Olhos d'água* by Conceição Evaristo, namely: *Olhos d'água*, *Ana Davenga*, *Duzu-Querença* and *Maria*, among the 15 short stories from that work that narrate representations of the realities of black people in Brazil. We selected 04 short stories in which the black woman is presented as a significant participant, in the sense that the plot revolves around protagonists who are Afro-descendant women. For the qualitative analysis, we divided the research into two major stages: contextual analysis, in which we analyze the field, relationships and mode, and linguistic analysis, in which we segment the texts into clauses and make a general overview of the lexical items referring to the field. semantics of the black woman. For a qualitative analysis of the sentences, we selected the propositions in which the woman is part of the predication as a referring term with the objective of, in the lexical-grammatical scope, classifying the sentence constituents in processes, participants and circumstances according to Halliday's theory and Matthiessen (2014). After that, we categorized the representations for women based on contextual and linguistic aspects. The research results reveal, regarding the semantic categories of the Transitivity System, that the Material and Mental processes predominate in the analyzed stories, as well as the Actor and Experiencer participants, respectively, which indicates that “doing” and “feeling” constitute the most central meanings of these tales. We noticed that there are different categorizations for black women, such as: the strong woman, the mother woman, the woman who recovers her ancestry, the poor woman, the wise woman, the hardworking woman, the good woman, the welcoming woman, the criminalized woman by racial prejudice, sexually exploited women and silenced women. The predominant thematic structure of the clauses is unmarked, with the subject of the clause as a starting point that directs the interpretation of the narrative in the short story. As for the resources linked to the epistemic modality, we observed that the marks indicating degrees of probability predominate in the text, evidencing the real desires and thoughts of the characters. The predominance of explicit subjectivity in all the stories shows us the fact that the narrator marks herself at all times as a source of evaluation.

Keywords: Systemic-Functional Grammar; Discursive Representations About Black Women; Olhos d'água; Conceição Evaristo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – TEXTO EM CONTEXTO	20
Figura 2 – VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO	30
Figura 3 – MODALIDADE E POLARIDADE	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Variáveis do contexto de situação e Metafunções da linguagem	21
Quadro 02- Funções da fala	35
Quadro 03 - Componentes do Sistema de Modo	36
Quadro 04 – Modos Oracionais e Funções da fala	37
Quadro 05 - Orientação e a manifestação da Modalidade	40
Quadro 06 - Tema Textual + Tema Experiencial	42
Quadro 07 - Tema Interpessoal + Tema Experiencial	43
Quadro 08 - Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial	43
Quadro 09 – Contos e Temáticas	47
Quadro 10 – Procedimentos metodológicos	48
Quadro 11 – Categorias de análise	49
Quadro 12 – Sistematização dos resultados	110
Quadro 13 – Representações discursivas para a mulher e evidências linguísticas	112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- GSF Gramática Sistêmico-Funcional
LSF Linguística Sistêmico-Funcional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	CONTEXTO DE CULTURA: O GÊNERO CONTO LITERÁRIO	20
2.1	Representação semântica	24
2.2	Síntese conclusiva	27
3	LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	28
3.1	Gramática Sistêmico-Funcional	28
3.1.1	<i>Metafunção Ideacional</i>	31
3.1.2	<i>Metafunção Interpessoal</i>	31
3.1.3	<i>Metafunção Textual</i>	32
3.2	Sistemas Léxico-gramaticais	33
3.3	Síntese conclusiva	43
4	METODOLOGIA	45
4.1	Natureza da pesquisa	45
4.2	Constituição e delimitação do <i>corpus</i> de análise	46
4.3	Procedimentos de coleta e análise dos dados	48
4.4	Categorias de análise	49
4.5	Síntese conclusiva	50
5	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO SOBRE A MULHER NOS CONTOS DO LIVRO <i>OLHOS D'ÁGUA</i>	51
5.1	Olhos d'água	52
5.1.1	<i>Descrição contextual</i>	53
5.1.2	<i>Descrição linguística</i>	55
5.1.2.1	<i>Sistema de Transitividade</i>	55
5.1.2.2	<i>Modalização</i>	59
5.1.2.3	<i>Estrutura Temática</i>	63
5.2	Maria	67
5.2.1	<i>Descrição contextual</i>	69
5.2.2	<i>Descrição linguística</i>	71
5.2.2.1	<i>Sistema de Transitividade</i>	71
5.2.2.2	<i>Modalização</i>	76
5.2.2.3	<i>Estrutura Temática</i>	79
5.3	Ana Davenga	81
5.3.1	<i>Descrição contextual</i>	83

5.3.2 Descrição linguística	86
5.3.2.1 Sistema de Transitividade	86
5.3.2.2 Modalização	90
5.3.2.3 Estrutura Temática	92
5.4 Duzu-Querença	96
5.4.1 Descrição contextual	98
5.4.2 Descrição linguística	99
5.4.2.1 Sistema de Transitividade	99
5.4.2.2 Modalização	102
5.4.2.3 Estrutura Temática	104
5.5 Sistematização dos resultados	107
6 CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS	120
ANEXOS	124

1 INTRODUÇÃO

Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria (EVARISTO, 2016, p.42).

É por meio da linguagem que construímos significados sociais. Na perspectiva sistêmico-funcional, o indivíduo desempenha papéis sociais que constroem experiências e estabelece relações sociais. Os significados refletem a história e a cultura do falante e/ou escritor produtor do texto. A epígrafe deste capítulo é um exemplo de que os usos linguísticos nos revelam representações sobre pessoas, coisas e experiências de mundo que estão envolvidas pelo contexto.

O livro *Olhos d'água* é composto por um conjunto de contos. A autora busca problematizar a questão da população afro-brasileira no Brasil, abordando a pobreza e a violência urbana que a acometem, principalmente a mulher negra. A autora chama-se Conceição Evaristo, linguista e escritora afro-brasileira. Foi professora universitária e é uma das mais influentes literatas no Brasil. Escreve contos, poesias, ensaios e romances. Em nosso *corpus*, investigamos fenômenos linguísticos no gênero conto escrito por ela.

O fragmento do conto *Maria* de Conceição Evaristo que nos serve de epígrafe nos mostra o momento em que a protagonista é linchada até a morte pelos passageiros do ônibus. De acordo com o enredo, o assaltante que surge no ônibus em que Maria estava; já teve um relacionamento com ela no passado, relacionamento este que resultou em um filho. No momento do assalto dentro do coletivo, o homem reconheceu a mãe de seu filho e cochichou ao seu ouvido, mandando um abraço, um beijo, um carinho para o menino. Logo depois, sacou a arma e iniciou o assalto, mas Maria não foi assaltada. Após o assalto, os passageiros começaram a xingá-la, julgando que a mulher tinha alguma relação com os assaltantes. Assim, lincharam-na até a morte. Maria era trabalhadora, estava voltando do trabalho e levando o sustento de seus filhos, mas sua vida foi interrompida por um julgamento coletivo de que “a negra safada estava com os ladrões”.

É evidente que há forte relação entre a linguagem e a sociedade em que estamos inseridos, como Halliday e Matthiessen (2014) apontam na GSF. A violência praticada nos grandes centros urbanos do Brasil, em muitos casos, advém de preconceito racial, herança deixada pelos colonizadores brancos. Se o sujeito negro é subalternizado, mais ainda é subalternizado o sujeito negro feminino. A mulher foi e é historicamente oprimida e agredida,

pois foi inferiorizada em relação ao homem. Essas questões são problematizadas no conto *Maria*, por exemplo.

Assim, diante do tema e do gênero escolhido para a investigação deste trabalho, apoiamo-nos numa autora que aborda em seus contos, a mulher negra como protagonista dos enredos. Dentre as escritoras brasileiras, escolhemos a escritora mineira Conceição Evaristo, conhecida por escrever textos em poesia e prosa com temáticas relacionadas à discriminação racial, de gênero e de classe. Conceição Evaristo carrega em seu trabalho o aspecto da *escrivivência*, ou seja, escreve vivências, escreve o que está/esteve próximo ao que a autora e as mulheres negras vivem no subúrbio brasileiro.

Tendo em vista isso, este trabalho tem por objetivo geral analisar as representações discursivas sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir da GSF.

Considerando que este trabalho adota uma visão sistêmico-funcional de linguagem, optamos por analisar as representações discursivas sobre a mulher negra no contexto cultura do gênero conto, que integra o domínio literário. O interesse por analisar esse gênero se deu devido ao fato de que ele permite refletir sobre a realidade dentro da ficção. Além disso, a autora é Conceição Evaristo e ela carrega em seu trabalho o aspecto da *escrivivência*, ou seja, escreve vivências: o que está/esteve próximo ao que a autora e as mulheres negras como ela enfrentam numa sociedade marcada pelo racismo e pelo preconceito.

O livro possui 15 contos que abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. Na obra ficcional, Conceição Evaristo foca na população afro-brasileira, abordando a pobreza e a violência urbana que acomete a população negra, principalmente mulheres. Ela nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte, estudou e trabalhou como empregada doméstica. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou em um concurso público e estudou Letras na UFRJ. Iniciou na Literatura no ano de 1990, com obras publicadas na série Cadernos Negros, do grupo *Quilombhoje*¹. É Mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Os contos selecionados e analisados fazem parte do livro *Olhos d'água*, que foi publicado em 2016, pela Editora Pallas.

Quanto aos objetivos específicos, no que se refere à articulação Tema-Rema, buscamos identificar os tipos de participantes que funcionam como ponto de partida da oração e as estratégias de tematização predominantes para a interpretação da oração enquanto mensagem e para a construção de significados ligados à representação discursiva sobre a mulher negra nos

¹ Editora de São Paulo, responsável pela publicação da série Cadernos Negros.

contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Também é um de nossos objetivos verificar como esses recursos estão a serviço da representação dos julgamentos e das opiniões das mulheres negras nos contos que constituem o *corpus*.

A partir do interesse de nossa investigação, surgiu a seguinte questão central: a partir de que processos discursivos se constroem as representações sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir da análise e descrição linguística realizada sob suporte teórico do Sistema de Transitividade?

Como desdobramento dessa questão central, surgiram mais quatro questões específicas: que participantes, processos e circunstâncias explicitam a oração como representação das experiências da mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo?; que representações da mulher negra nos contos do livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo são possíveis de classificar levando em conta os aspectos contextuais e linguísticos presentes nas narrativas?; como os recursos interpessoais de modalização presentes na proposição estão a serviço da representação dos julgamentos e das opiniões das mulheres negras representadas nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo?; que tipo de participante predomina na articulação Tema-Rema como ponto de partida da oração e que estratégias de tematização são mais utilizadas para a interpretação da oração enquanto mensagem e para a construção dos significados ligados à representação da mulher negra nos contos do livro *Olhos D'água* de Conceição Evaristo?

Quanto à fundamentação teórica, esta pesquisa assume os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Segundo Halliday; Matthiessen (2014), a língua não é um fim em si mesma, mas um meio para se atingir determinados fins comunicativos. Nesse sentido, a língua assume um caráter instrumental, pois é por meio dela que os usuários podem representar e trocar experiências no mundo, sendo entendida como configurações de funções para a produção de significados que se materializam na forma de textos em um dado contexto social de uso.

Considerando esse aporte teórico, vale fazer referência a alguns estudos acerca da temática da representação em textos empíricos. Em pesquisa realizada por Palmeira e Souza (2008), percebeu-se que, nas obras de Conceição Evaristo, é representada a mulher de baixa renda que mora na zona urbana. Também é representada a mulher no núcleo da família que mostra força e é detentora de conhecimento, mas que, mesmo assim, é colocada à margem da sociedade. Por meio do conhecimento que tem, essa mulher busca interferir na estrutura social em que está inserida. Assim, a representação dos/das afrodescendentes na literatura também é importante no sentido de que nos proporciona novas leituras sobre a afrodescendência e os/as

afrodescendentes.

É interessante a pesquisa realizada por Lima (2015), que investigou, por meio de análises contextuais, léxico-gramaticais e semântico-discursivos, representações para a mulher em crônicas do livro *Doidas e Santas* de Martha Medeiros. Para tanto, embasou-se na Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014) e no Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005). Os resultados da análise das crônicas que constituem o *corpus* apontaram para a existência de 13 representações para a mulher, apresentadas a partir de cinco temas do cotidiano dentro das crônicas, a saber: relacionamento amoroso, aparência física, maternidade, manifestação de desejos e manifestação de sentimentos. A autora constatou que há uma diversidade de comportamentos femininos que, a depender do contexto de situação, caracterizam diferentes perfis de mulheres contemporâneas, mas que, de certa forma, são condicionadas por padrões regulados socialmente.

Rossi (2015) investigou representações para as mulheres na perspectiva da GSF nos evangelhos. A pesquisa objetivou evidenciar representações para as mulheres por meio da análise do sistema de Transitividade e do subsistema de atitude, referente ao Sistema de Avaliatividade. Os resultados apontaram que, quanto ao gênero, os Evangelhos podem ser considerados como relatos biográficos, já que são testemunhos da vida de Jesus. Em relação às variáveis contextuais, percebeu-se semelhanças e diferenças quanto às situações sociais de produção dos Evangelhos no contexto de cada autor. Quanto à análise linguística, as funções léxico-gramaticais desempenhadas e o subsistema de atitude mostraram oito representações para a mulher. Nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas, as mulheres são representadas como posses, pecadoras, adúlteras e discriminadas. Nas vozes dos evangelistas e de Jesus Cristo, foram evidenciadas representações de companheiras, humildes, devotas e corajosas.

Levando-se em conta esses estudos, esta pesquisa pode contribuir com as investigações funcionalistas que têm por objetivo analisar como o Sistema de Transitividade se materializa em textos, refletindo os significados contextuais, e sua relação com a representação da mulher em diferentes gêneros textuais. No caso específico de nossa pesquisa, como lidamos com contos cujas protagonistas são mulheres negras, acreditamos que nosso estudo pode trazer contribuições importantes para a descrição da representação da mulher negra em texto literário, subsidiando, assim, por meio do Sistema léxico-gramatical da Transitividade, sua interpretação contextual e linguística.

Há ainda as motivações pessoais para a pesquisa. Ter estudado na Unilab – Universidade

da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, universidade afro-centrada, foi e é uma grande motivação. Nesta perspectiva, a Universidade abrange o repertório histórico e cultural dos afrodescendentes, o que é muito importante. As disciplinas estudadas na graduação, como a disciplina de literatura afro-brasileira, por exemplo, nos fizeram tomar conhecimento de Conceição Evaristo que é afro-brasileira, protagonista na Literatura e que problematiza as questões da condição dos afro-descendentes no Brasil, sobretudo a mulher negra.

Quanto à metodologia, este trabalho tem uma abordagem mista e em relação aos seus objetivos, é descritiva e explicativa. Para o provimento da análise, utilizamos uma abordagem qualitativa, pois o nosso propósito é analisar as representações discursivas sobre a mulher nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. O livro possui 15 contos, porém fizemos o recorte de 04 contos, tendo em vista que a mulher é participante significativo, pois atua como protagonista dos enredos, o que culmina com nosso objetivo de verificação da representação.

Quanto aos procedimentos de coleta e análise, temos a descrição contextual e a análise linguística. Na descrição contextual, analisamos o campo, identificamos as relações e verificamos o modo. Na análise linguística, segmentamos as orações dos contos; classificamos os processos, participantes e circunstâncias; categorizamos as representações para a mulher a partir dos aspectos contextuais e linguísticos; verificamos e analisamos os sentidos e efeitos de sentido dos recursos interpessoais de modalização presentes na proposição; analisamos a articulação do Tema – Rema a fim de identificar os tipos de participantes que predominam como ponto de partida da oração e as estratégias de tematização mais utilizadas; e, sistematizamos as representações para a mulher a partir da descrição contextual e da análise linguística.

Por fim, do ponto de vista retórico, esta dissertação está dividida em 6 capítulos.

No capítulo I, *Introdução*, apresentamos o tema, o objetivo central, a questão central da pesquisa e seus desdobramentos, bem como os argumentos que justificam a realização deste trabalho e, em síntese, os procedimentos metodológicos.

No capítulo II, *Contexto de Cultura: o gênero conto literário*, versamos sobre o contexto de cultura, em que abordamos o gênero conto literário e o conceito de representação semântica.

No capítulo III, *Linguística Sistêmico-Funcional*, apresentamos o referencial teórico funcionalista para o estudo da representação da mulher nos contos do livro *Olhos d'água*, por meio da Gramática Sistêmico-Funcional, considerando as Metafunções Ideacional, Interpessoal e Textual.

No capítulo IV, *Metodologia*, mostramos como se caracteriza a pesquisa, como se

constitui e se delimita o *corpus*, os procedimentos de coleta e análise dos dados e as categorias de análise.

No capítulo V, *Descrição e análise da representação discursiva sobre a mulher nos contos do livro Olhos d'água*, explicitamos a descrição contextual e linguística de cada conto, sendo a descrição linguística subdividida em Sistema de Transitividade, Modalização e Estrutura Temática, para, por fim, sistematizar os resultados.

No capítulo VI, *Conclusões*, apresentam-se as conclusões mais relevantes com base na análise dos resultados.

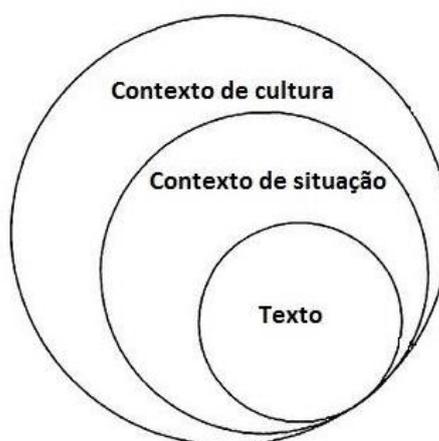
2 CONTEXTO DE CULTURA: O GÊNERO CONTO LITERÁRIO

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2016, p.15).

O texto está sempre envolvido por um determinado contexto e reflete influências do contexto em que é produzido. Nos conceitos básicos da GSF, existem dois tipos de contexto: *contexto de situação* e *contexto de cultura*. O contexto de situação diz respeito ao ambiente exato em que o texto se desenvolve. O contexto de cultura é mais amplo, é formado por vários contextos de situação. Qualquer uso linguístico que se constitua num texto está sempre envolvido por um determinado contexto.

A figura 1 abaixo exemplifica como o texto está inserido nos contextos de situação e de cultura.

Figura 1 – TEXTO EM CONTEXTO



Fonte: Fuzer; Cabral (2014, p. 26) com base em Halliday (1989).

Halliday; Matthiessen (2014) afirmam que o contexto de cultura é o que os membros de certa comunidade podem significar: “o potencial contextual de uma comunidade é a sua cultura²” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.32, tradução nossa).

Sendo assim, de acordo com a GSF, o contexto de cultura é o gênero e o contexto de situação é o registro. O contexto de situação mantém relação com três variáveis: *campo*, *relações* e *modo*. O *campo* diz respeito às atividades que estão sendo realizadas pelos

² “The contextual potential of a community is its culture” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 32).

participantes da interação. As *relações* envolvem os participantes, os papéis que desempenham, o grau de controle dos participantes, a relação e a distância social entre eles. O modo diz respeito à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado na situação, se é meio oral, escrito, não verbal, se o canal é gráfico ou fônico. É importante destacar que cada uma dessas variáveis se relaciona imediatamente com uma Metafunção e um sistema de escolha. A oração é organizada de acordo com os significados ideacionais (oração como representação), interpessoais (oração como interação) e textuais (oração como mensagem). Para Halliday, o contexto de situação diz respeito aos fatores extralinguísticos que afetam, de forma imediata, as escolhas que fazemos quando falamos ou escrevemos. Liga-se a três variáveis: campo, relações e modo. Para melhor exemplificação, temos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Variáveis do contexto de situação e Metafunções da linguagem

Variáveis do contexto de situação	Metafunções da Linguagem
Campo <----->	Ideacional
Relações <----->	Interpessoal
Modo <----->	Textual

Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p. 32).

Cada metafunção é realizada por um sistema próprio. A *metafunção ideacional*, concebe a linguagem como representação. Isso significa que os aspectos léxico-gramaticais do sistema linguístico ligados a essa metafunção dizem respeito ao modo como os indivíduos representam suas experiências por meio da linguagem, sejam elas do mundo exterior ou do mundo de sua própria consciência.

De acordo com Halliday; Matthiessen (2004), o subsistema ligado à metafunção ideacional/experiencial é o sistema de Transitividade. A Transitividade, na GSF, é uma propriedade ligada à oração como um todo, que consiste de processos, de participantes e de circunstâncias, diferentemente da visão tradicional, que se restringe à propriedade de um verbo implicar (ou não) complementos. Esses autores destacam seis tipos de processos: materiais, mentais, relacionais, existenciais, verbais e comportamentais.

Quanto à metafunção *interpessoal*, Halliday especifica dois papéis fundamentais da fala: *dar* e *solicitar*, o que leva à compreensão de que o enunciador interage não somente para realizar algo para si, mas também para solicitar algo de seu interlocutor. Nessa interação, os valores trocados são dois: *informações* ou *bens e serviços*. Na troca de informação, a linguagem é o alvo da troca, pois o enunciador a usa para que o interlocutor tome

conhecimento de algo. Na troca de bens e serviços, a linguagem é usada para influenciar o comportamento de alguém. A função semântica da oração na troca de informação é a *proposição*, ao passo que a função semântica da oração na troca de bens ou serviços é a *proposta*.

Do ponto de vista da *metafunção textual*, a linguagem cumpre uma função destinada à organização da mensagem. Essa metafunção nos habilita a criar textos. Nesse componente textual, há dois sistemas: o de *Tema* e o de *Informação*. O Sistema de Tema compreende dois elementos: o Tema, entendido como ponto de partida da oração, e o Rema, compreendido como a informação que desenvolve o Tema. O Sistema de Informação diz respeito à estrutura de informação (Dado e Novo) e Foco.

Essas metafunções serão melhor desenvolvidas no capítulo 3, que versa sobre a Linguística Sistêmico-Funcional.

No que se refere ao texto, Halliday; Matthiessen (2014) mencionam que, quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem texto. O texto é, portanto, o que ouvintes e leitores realizam ao estabelecerem uma interação; é qualquer instância da linguagem que faça sentido para quem conhece a língua. O texto é a linguagem funcionando em um contexto, varia de acordo com os contextos em que são usados e é um processo de fazer sentido no contexto. Segundo Antunes (2017, p. 29), “qualquer texto é parte de uma situação, de um contexto social de interação”. A autora ainda afirma que “o texto tem autoria; prevê interlocutores; tem um propósito comunicativo definido; e é parte de alguma situação social” (ANTUNES, 2017, p.38).

Para Antunes (2017), os textos são eventos reais e os participantes desempenham função comunicativa adequada. Em síntese, Antunes (2017, p.39) conclui que:

Texto é o que, de fato, foi dito ou escrito numa dada situação de interação acerca de algum objeto, com alguma finalidade particular (perguntar, informar, avisar, advertir, esclarecer, explicar, cumprimentar, aconselhar, definir, pedir, comentar, prometer, acusar, defender etc. etc.). Independentemente de sua dimensão, pois um texto é definido por sua orientação temática e sua função comunicativa, e não por seu tamanho.

Antunes (2017) assume texto numa concepção interacional, dialógica e funcional. A autora ressalta que os textos possuem interlocutores, são atos comunicativos, expressam sentidos, têm função comunicativa, estão em determinadas situações sociais, bem como em determinado contexto social, já que está “em consonância com o que prescreve cada espaço cultural e, assim, fazem parte da memória cultural de cada grupo” (ANTUNES, 2017, p. 38).

Sendo assim, quando falamos do contexto de cultura, que é mais amplo em relação ao contexto de situação, logo relacionamos à discussão do gênero conto, pois o contexto de cultura

diz respeito ao gênero, ao reconhecimento de que o texto constitui um exemplar de um determinado gênero a partir da identificação de um propósito comunicativo que o motiva. Nesta pesquisa, busca-se descrever e analisar as representações discursivas sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir do Sistema de Transitividade. Saber de que forma os processos, os participantes e as circunstâncias formam cenas que mostram diferentes representações para a mulher negra em textos literários faz parte desta pesquisa.

Como o objeto desta pesquisa – contos do livro *Olhos d'água* - situa-se no gênero conto literário, vale ressaltar algumas considerações sobre o gênero. Soares (1993) afirma que o conto é um gênero narrativo de menor extensão. O conto não se estende como romance ou novela, mas representa uma espécie de flagrante que é registrado literariamente, captando um evento singular e representativo. Outra característica do gênero é que ele delimita o tempo e o espaço, sem que se faça muitos detalhes minuciosos.

O conto nos permite refletir sobre a realidade dentro da ficção. Embora o gênero seja ficcional, literário, por meio do gênero conto, é possível recriar a realidade sob o viés subjetivo e particular de um escritor.

Ainda no que se refere ao conto, uma das características deste gênero literário segundo Oliveira (2018, p. 41):

É a relação entre os personagens e seus papéis representativos, inseridos num determinado momento no tempo e que, em geral, podem apresentar um desencadeamento lógico, que promovem a reflexão sobre o objeto, as ações, pessoas e fatos contidos na narrativa do conto, que permitem pensar sobre o outro, o mundo e sobre si mesmo, em partes ou por relações. Mas que também podem subverter a ordem das coisas, pois, esteticamente, a obra está aberta a outros modos de percepção das coisas.

Os contos selecionados para a pesquisa se encontram no livro *Olhos d'água*, cuja autora é, como já dissemos, Maria da Conceição Evaristo de Brito. A autora nasceu numa favela da zona sul de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, em 29 de novembro de 1946. De origem humilde, teve de conciliar os estudos com o trabalho, sendo empregada doméstica. Evaristo mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de formação acadêmica e melhores condições de trabalho. Graduou-se em Letras na UFRJ, realizou o Mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária.

Considerada uma das mais influentes escritoras negras do país, Evaristo (2005) afirma que, na Literatura brasileira, desde sua formação, é possível encontrar registros de textos literários em que a mulher negra é representada negativamente. A ideia do passado escravo, do corpo negro como “objeto” para servir aos “seus senhores” e de procriação é muito marcada. É

evidente que esse aspecto manifestado na Literatura é reflexo da sociedade racista e de todo o processo colonial que aconteceu no Brasil. Na *escrevivência* das mulheres negras, temos novos perfis na Literatura brasileira, tanto quanto ao conteúdo, como quanto à autoria. O lugar sociocultural é muito significativo. O fato da autora ser mulher e ser negra condiciona a inspiração para a escrita de obras, como é o caso do livro *Olhos d'água*.

A *escrevivência* de Conceição Evaristo implica, segundo Barossi (2017, p. 23), em “novas maneiras de existir que não aquelas instituídas pelo histórico escravagista e colonial, mas buscando a criação de um campo simbólico que entrelaça história, memória e experiência”. Os textos de Conceição Evaristo constituem importante meio de denúncia da condição de mulher negra em nossa sociedade.

Traçando brevemente o contexto pós-abolição e a atuação dos negros na sociedade brasileira, não é difícil recordar que os negros tiveram problemas quanto ao ingresso nas diferentes instâncias da sociedade, como o mercado de trabalho. O governo, tendo promovido uma campanha de branqueamento da população, quis eliminar, evidentemente, a cultura dos afrodescendentes no Brasil. O negro era visto como um problema para a formação da nação. Desse modo, proibiu-se a entrada do negro no país, ao passo que se incentivou a imigração europeia (MATTOS, 2007). É evidente o preconceito contra o sujeito negro no Brasil, preconceito este que perdura por séculos. Se o negro, incluindo homens, é subalternizado, há, ainda, nas palavras de Barossi (2017, p.27) “os subalternos dos subalternos, como é o *lócus* da mulher em determinado contexto de subalternidade”. Se o sujeito subalternizado é silenciado, mais ainda o é o sujeito subalternizado feminino.

Evaristo ressalta temáticas como a afrodescendência e contextos de exclusão social. No estudo realizado por Palmeira e Souza (2008), percebe-se que, nas obras de Conceição Evaristo, é representada a mulher de baixa renda que mora na zona urbana. Também é representada a mulher no núcleo da família que mostra força e é detentora de conhecimento, mas que, mesmo assim, é colocada à margem da sociedade. Por meio do conhecimento que tem, essa mulher busca interferir na estrutura social em que está inserida. Podemos concluir, portanto, que o estudo acerca da representação discursiva sobre os/as afrodescendentes na Literatura também é importante no sentido de que nos proporciona novas leituras sobre a afrodescendência e os/as afrodescendentes.

2.1 Representação semântica

Nesta seção, abordamos o conceito de representação semântica sob diferentes

perspectivas, mas é importante destacar que, para a desenvolvimento deste trabalho, utilizamos a representação semântica na visão de Halliday. Na concepção de Halliday, a representação está relacionada à Metafunção Experiencial, na qual o indivíduo expressa sua experiência de mundo material, ações e coisas que acontecem; como também do mundo de sua própria consciência. Na metafunção experiencial, a oração é concebida como representação. Nesta metafunção, são estudados aspectos léxico-gramaticais que representam a experiência por meio da linguagem. A oração é entendida como representação, ou seja, é utilizada para descrever as experiências humanas, bem como os acontecimentos. A parte da gramática em que se manifestam os significados experienciais é chamado de sistema de Transitividade. É no sistema de transitividade que se ordena e representa as experiências por meio da linguagem.

Embora esta pesquisa se pautar no conceito de representação na visão de Halliday, acreditamos que é importante mencionar que, também, há outros conceitos pertinentes de representação na Linguística. Há, por exemplo, a concepção de representação como práticas de significação. Os significados produzidos pelas representações fornecem sentido à nossa experiência como aponta Woodward (2007, p.17 *apud* TONDO, 2018, p. 37):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que estes sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Na perspectiva Linguística, podemos tomar o termo representação como imagem. Quando se fala de representação, há dois elementos importantes que devem ser levados em consideração: quem representa e o que ou quem é representado. Há estudos da “representação de si” no campo do discurso, como é o caso das pesquisas desenvolvidas por Maingueneau (2008) e outros autores. Na Análise do Discurso (AD), remete-se ao termo “*ethos*” para tratar das imagens de si, ou seja, “as autorrepresentações discursivas que se revelam na forma de um enunciador que se mostra na superfície textual a partir de marcas linguísticas” (IRINEU; SOUSA, 2015, p. 476).

De acordo com Maingueneau, conforme citado por Irineu e Sousa (2015, p. 476):

Concebemos *ethos* como a imagem de si que os enunciadores fazem revelar no discurso, circunscrita a uma cena enunciativa, através da instauração de uma voz social, a quem o coenunciador atribui um tom, um corpo e um caráter, como metáforas dos traços identitários, físicos e psicológicos do fiador desta imagem que se pode

estender para o plano da identidade cultural da comunidade da qual esta imagem faz parte.

Sendo assim, esta imagem se constitui no plano da discursividade em que há coenunciadores manifestando-se em várias imagens que compõem uma representação da imagem apreendida pelo coenunciador, no caso, o *ethos*, que incorpora esta imagem no discurso (IRINEU; SOUSA, 2015).

A representação tem relação com significação, com os significados que são produzidos. Representação está, ainda, inserida na esfera social, sendo ideologias compartilhadas entre as pessoas, como afirma o psicólogo social Moscovici (*apud* LIMA, 2015,p.33):

Na esfera social é natural haver crenças, valores, ideias compartilhadas entre indivíduos e/ou grupos afins. Em sociedade, nomeamos e definimos conjuntamente aspectos da realidade diária. A esse fenômeno é dada a denominação de representação social.

Há também o conceito de representação de atores sociais, proposta elaborada por Van Leeuwen (1997; 2008). Nesta perspectiva, a mídia ou outra instância em 3º pessoa representa o sujeito, chamado de ator social. De acordo com Silva Júnior (2022, p. 45):

Van Leeuwen (1997; 2008) propôs a Teoria de Representação dos Atores Sociais a fim de possibilitar a elucidação de como as representações linguísticas incluídas ou excluídas de atores sociais ajudam a sustentar relações de poder dentro de uma determinada prática social.

Sob essa perspectiva, é possível concluir que o estudo das representações sociais serve de subsídio para a compreensão dos papéis sociais dos participantes do evento. Sob este viés, é importante analisar o texto não apenas linguisticamente, mas levando em consideração os aspectos sociais que estão nele. A Teoria de Representação dos Atores Sociais faz parte do âmbito linguístico, pois possui base semântica-discursiva. É por meio de recursos linguísticos discursivos que se percebem como os atores sociais se situam linguisticamente dentro da oração e quais são seus respectivos papéis discursivos (SILVA JÚNIOR, 2022).

Nessa visão, existem dois recursos principais de representação: de Exclusão e Inclusão. A Exclusão acontece quando há o apagamento dos atores sociais a partir das intenções da voz textual. Há a Exclusão por Supressão e a Exclusão por Encobrimento. A Exclusão por Supressão acontece quando o ator social é totalmente excluído do discurso. A

Exclusão por Encobrimento acontece quando o ator social é colocado em segundo plano, quando se exclui indiretamente, mas em determinado momento pode ser recuperado no texto. Na Representação por Inclusão, por outro lado, os atores sociais estão expressos linguisticamente no discurso, assumindo, assim, diversos papéis (SILVA JÚNIOR, 2022).

Ainda quanto à representação, mas sob o viés literário, de acordo com Palmeira e Souza (2008, p. 08), “a representação tem um forte poder de perpetuar-se e influenciar a vida social dos grupos objetos da representação”. As autoras realizaram um trabalho em que se objetivou analisar e identificar temas abordados nas produções literárias de Conceição Evaristo, com a finalidade de averiguar as construções das imagens da afrodescendência sob a perspectiva da mulher negra, bem como os meios que dialogam com a Literatura brasileira. Os resultados apontam que as obras de Conceição Evaristo representam os afrodescendentes como sujeitos construtores de sua história e da história do Brasil. Os contos e os romances, por exemplo, tratam de temáticas como a mulher negra brasileira de baixa renda, ao passo que os poemas tematizam a vivência da mulher negra em geral. As análises das produções de Conceição Evaristo mostram “um espaço de contestação e reflexão da história dos afro-brasileiros” (PALMEIRA; SOUZA, 2008, p. 08). Sendo assim, a representação literária pode ser entendida como uma representação discursiva, como pensado por Fairclough com base na GSF.

2.2 Síntese conclusiva

Neste capítulo, vimos que o texto está sempre envolvido pelo contexto e ele reflete influências do contexto em que é produzido. Também observamos que cada variável do contexto de situação está relacionada com uma metafunção da linguagem. Na GSF, o texto é a linguagem funcionando em um contexto. Como o objeto desta pesquisa situa-se no gênero conto, vimos que este é um gênero narrativo de menor extensão e que representa uma espécie de flagrante que é registrada literariamente nos permitindo refletir a realidade dentro da ficção.

Os contos selecionados nos permitem refletir acerca das afrodescendentes e dos contextos de exclusão social a que estão inseridas. Como objetiva-se analisar representações discursivas sobre a mulher negra, também abordamos conceitos acerca da representação semântica, que na GSF, se relaciona com a Metafunção Experiencial em que o indivíduo expressa sua experiência de mundo material e do mundo de sua própria consciência. Por fim, diante de pesquisas já realizadas e do contato com obras de Conceição Evaristo, percebemos que a autora não apenas reflete, como também contesta a situação de mulheres afrodescendentes no subúrbio brasileiro.

3 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe ou às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes. E o filho dela com Davenga, que caminho farias? (EVARISTO, 2016, p.29).

Esta pesquisa centra-se na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF). Para Gouveia (2009), a LSF trata-se de uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana. Nesta perspectiva, realiza-se a descrição gramatical a partir dos usos linguísticos e essas descrições nos dão subsídio para entendermos como e o porquê as línguas variam levando em consideração os falantes e os contextos de uso. A LSF adquire uma denominação mais restrita, chamada de Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF), sendo dotada de metalinguagem e técnicas satisfatórias à análise de textos.

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma teoria de base semântica. Nesta perspectiva, a língua é concebida a partir de seu potencial de significados, o que vai ao encontro do interesse de análise desta pesquisa que é analisar as representações discursivas sobre a mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir do Sistema de Transitividade.

3.1 Gramática Sistêmico-Funcional

A história da Gramática Sistêmico-Funcional inicia-se no século XX, a partir do momento em que o antropólogo Bronislaw Malinowski tornou reconhecida a ideia de que a língua é uma das mais importantes manifestações da cultura de um povo. Assim, a relação entre língua e uso em contexto despertou os estudos de sistematizações pelo linguista John Rupert Firth. Um de seus alunos, o linguista britânico Halliday, desenvolveu as ideias de Firth, seu mestre, construindo uma análise gramatical chamada de Gramática de Escala e Categorias. A partir de então, a Linguística Sistêmico-Funcional passou a ser desenvolvida, resultando em muitas publicações. As categorias léxico-gramaticais dessa perspectiva teórica estão sistematizadas na obra *An Introduction to Functional Grammar*, obra esta publicada em 1985, revisada em 1994, editada e ampliada em 2004 com a colaboração de Matthiessen (FUZER; CABRAL, 2014).

A teoria Sistêmico-Funcional tem diversas aplicações, uma delas, por exemplo, é compreender a relação entre linguagem e cultura e entre linguagem e situação, já que o

ambiente situacional e cultural para a língua em uso é de suma importância (FUZER; CABRAL, 2014). Ademais, a teoria Sistêmico-Funcional tem ajudado a desenvolver outras abordagens teóricas, como a Análise Crítica do Discurso, por exemplo, que assume muitas categorias de análise pertencentes ao quadro teórico da Gramática Sistêmico-Funcional. No que se refere aos termos “sistêmico” e “funcional”, chama-se “sistêmico” porque a língua é vista como redes de sistemas linguísticos interligados, na qual se constrói significados e se faz as coisas no mundo; chama-se “funcional” porque a teoria busca explicar as estruturas gramaticais em relação ao seu significado e às funções que a linguagem desempenha em textos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Halliday; Matthiessen (2014) afirmam que o relacionamento entre teoria e descrição é dialógica no sentido de que a teoria da Gramática Sistêmico-Funcional ilustra suas categorias através da descrição do inglês, ao passo que a descrição do inglês foi habilitada pela teoria. É uma teoria da gramática em geral, mas que, em 1980, já havia sido testada na descrição de vários idiomas.

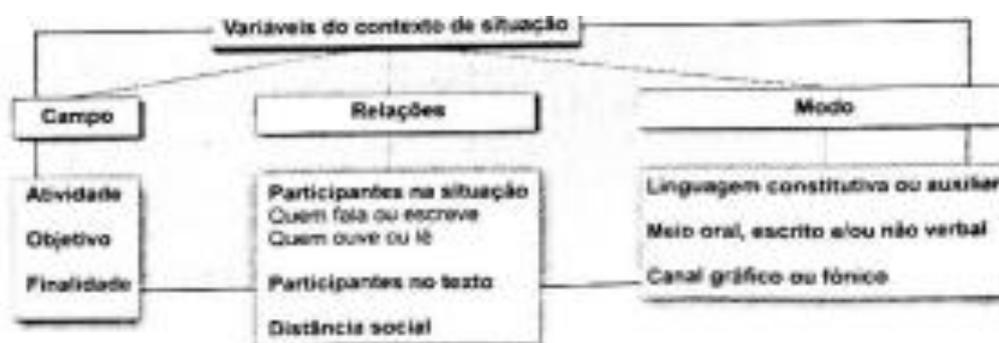
Um dos conceitos pertinentes na teoria é o conceito de linguagem na perspectiva funcional. Gouveia (2009) ressalta que, na perspectiva Sistêmico-Funcional, a linguagem desempenha três funções fundamentais. Ela serve para exprimir conteúdos, seja do mundo exterior ou do mundo interior, ou seja, o mundo de nossa consciência. A linguagem também nos permite manter relações sociais, bem como papéis sociais. Por fim, concebe-se que é por meio da linguagem que é possível estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso da fala. Essas três funções fundamentais são chamadas de metafunção Ideacional, metafunção Interpessoal e metafunção Textual, respectivamente. Essas “metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua” (FUZER e CABRAL, 2014, p.32).

Essas três metafunções da linguagem nos habilitam a organizar, na léxico-gramática, que tem a oração como unidade central, significados ideacionais, interpessoais e textuais. Partindo desse pressuposto, a metafunção Ideacional concebe a oração como representação e o sistema de Transitividade organiza a oração em processos, participantes e circunstâncias, identificando a linguagem como um processo reflexivo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014). A metafunção Interpessoal, tem função interativa e define a oração como troca, indicando os papéis de fala e os modos oracionais. O sistema de MODO disponibiliza, na léxico-gramática, as opções de significado interpessoal. Na metafunção Textual, a oração é vista como mensagem, organizando os constituintes da oração em Tema e Rema. Por ter caráter instrumental, a metafunção

textual nos habilita a construir textos, ou seja, manifestarmos, no formato de textos, nossas experiências e mantermos relações interpessoais, realizando esses significados em sequências de discursos coesos e coerentes (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Ao definir, simultaneamente, como representação, troca e mensagem, a oração, na GSF, é concebida como uma unidade multifuncional.

Halliday; Matthiessen (2014) mostram que cada uma dessas metafunções mencionadas acima se relaciona com as variáveis do contexto de situação, a saber: o campo, as relações e o modo. Abaixo, temos a figura 2 para melhor exemplificação dessas três variáveis que compõem o contexto de situação:

Figura 2 – VARIÁVEIS DO CONTEXTO DE SITUAÇÃO



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 30)

Para exemplificar as variáveis do contexto de situação, tomemos como exemplo um texto retirado de Fuzer e Cabral (2014, p.27):

Falante A: - Bah, ontem fui para casa pendurada no Bombeiro!

Falante B: - Ainda bem que eu pego o T. Neves.

O campo diz respeito ao que está acontecendo na situação, ou seja, às experiências dos passageiros do transporte coletivo de Santa Maria, no Sul do Brasil, evidenciando que os ônibus estão sempre lotados. As relações, são os papéis desempenhados pelos participantes, quem participa da situação, de acordo com o exemplo, um usuário da linha Campos-Bombeiros e o outro da linha Campos – Tancredo Neves. A distância social é mínima, haja vista que os participantes do diálogo interagem face a face. O modo se refere ao papel desempenhado pela linguagem; neste caso, a linguagem acontece por meio de diálogo em que o canal é fônico e o meio é oral.

Em síntese, cada uma dessas variáveis do contexto de situação se relaciona com uma

metafunção. O campo diz respeito ao que está acontecendo na situação - metafunção Ideacional; as relações são os papéis desempenhados pelos participantes, bem como quem participa da situação – metafunção Interpessoal; por fim, há o modo, que se refere ao papel desempenhado pela linguagem - metafunção Textual.

Nos subitens que seguem, abordamos cada uma dessas metafunções.

3.1.1 *Metafunção Ideacional*

No que se refere à linguagem na função Ideacional, como já mencionado anteriormente, esta é responsável pela construção de um modelo de representação no mundo, tem relação com a necessidade de exteriorização de nossas experiências, seja do mundo exterior (material) ou do mundo interior (mundo de nossa própria consciência). A unidade de análise nesta metafunção é a oração.

Na GSF, o sistema de Transitividade está ligado à metafunção Ideacional. Segundo Halliday; Matthiessen (2014), as estruturas de transitividade expressam significados experienciais³ em que uma cláusula é formada por um processo que se associa com participantes e circunstâncias. O sistema de Transitividade na GSF é um sistema de descrição de toda a oração, diferente da Gramática Tradicional, que concebe a transitividade como a relação dos verbos com os seus complementos.

De acordo com Halliday; Matthiessen (2004), as funções básicas da linguagem em relação ao nosso meio social é fazer sentido às nossas experiências e representar as nossas relações sociais. A linguagem interpreta o ser humano, fornece uma teoria da experiência humana. A metafunção Ideacional é distinguida em dois componentes: o *experencial* e o *lógico*. Através da função experiencial, é possível construir um modelo de representação de mundo, sendo a oração sua unidade de análise. A função lógica, por outro lado, é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais. Sempre que usamos a linguagem, há algo acontecendo. Desse modo, a linguagem encena as nossas relações pessoais e sociais, assim, a oração é mais do que uma figura, é uma proposição ou proposta em que informamos ou questionamos, damos uma ordem ou fazemos uma oferta, expressamos nossa avaliação e atitude em relação a quem estamos falando e sobre o que estamos falando.

³ A metafunção ideacional se subdivide na função experiencial e na função lógica. Esta diz respeito à combinação e à ordenação de grupos lexicais e oracionais. Aquela permite representar a experiência com base nos processos definidos: verbal, mental, material, comportamental, existencial e relacional. Sendo assim, podemos pensar em quem age e quais ações estão sendo executadas. Os significados experienciais relacionam-se a como se representam as experiências por meio da linguagem.

3.1.2 *Metafunção Interpessoal*

A metafunção *interpessoal* diz respeito às trocas entre os participantes das interações. Sob esse viés, usamos a linguagem para negociar e expressar opiniões e atitudes. Simultaneamente ao significado como representação da realidade, temos, ainda, a oração como unidade de interação entre falante e ouvinte. Como já mencionado anteriormente, Halliday especifica dois papéis fundamentais da fala: *dar* e *solicitar*, o que leva à compreensão de que o enunciador interage não somente para realizar algo para si, mas também para solicitar algo de seu interlocutor. Sendo assim, nessa interação, os valores trocados são dois: *informações* ou *bens e serviços*.

Quanto à troca de informações, a língua é o meio em que o processo de troca se efetiva. Também é o fim, pois a resposta que se espera é de natureza verbal. A expectativa do falante é que o interlocutor tome conhecimento do que é enunciado ou responda à pergunta que é feita. Quanto à troca de bens e serviços, a linguagem é empregada para influenciar o comportamento de alguém. Assim, o falante espera que o interlocutor faça aquilo que é enunciado.

Nesta perspectiva, o sistema a ser analisado é o Modo. O modo é um recurso gramatical que expressa a interação entre os participantes levando em consideração a interação entre participantes e as funções dos elementos que constituem a oração, a saber: Sujeito, Finito, Complemento, Predicador ou Adjunto. Nas análises desta metafunção, temos informações acerca do tempo, da modalidade e da polaridade também. Esses sistemas léxico-gramaticais são detalhados na seção Sistemas Léxico-gramaticais.

3.1.3 *Metafunção Textual*

A metafunção Textual, como vimos, define a oração como mensagem. É por meio dessa função que se organizam os significados experienciais e interpessoais em um todo coerente. Essa organização é feita pelas escolhas que fazemos no sistema de Tema. Na perspectiva da GSF, o ponto de partida da mensagem, o que localiza e orienta a oração dentro de seu contexto, é chamado de Tema. O restante da mensagem, ou seja, a parte em que o Tema é desenvolvido, é chamado de Rema. Desse modo, como estrutura de mensagem, uma oração consiste em um Tema acompanhado de um Rema. O que for escolhido como Tema é colocado primeiro na sentença (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Na maioria das vezes, o Tema expressa a informação dada, ou seja, o que já é conhecido pelo nosso ouvinte ou o que se pode recuperar no contexto. O Rema expressa a informação nova, o que o ouvinte não conhece ou que queremos que ele passe a conhecer. É importante destacar que as categorias Tema - Rema e Dado – Novo são níveis de análise diferentes, mas que coincidem muitas vezes. Tema e informação Dada são conceitos distintos. Tema é ponto de partida da oração enquanto mensagem. Dado é informação compartilhada ou acessível ao ouvinte. O Tema e o Rema são orientados para o falante, ao passo que Dado e Novo são orientados para o ouvinte. Ambos são selecionados pelo falante ou escritor, que é quem atribui ambas as estruturas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Quando estabelecemos um Tema, colocamos em evidência, destacamos o que queremos, estabelecemos o ponto de partida em que a mensagem se desenvolve. A escolha do elemento temático é significativa, haja vista que a composição Tema + Rema organiza a oração como mensagem.

3.2 Sistemas Léxico-gramaticais

Neste subitem, discorreremos acerca dos Sistemas Léxico-gramaticais pertinentes para nossa pesquisa. Cada um desses sistemas léxico-gramaticais estão situados em uma metafunção. Sendo assim, abordamos o Sistema de Transitividade, Modo e Modalização e Estrutura Temática. O Sistema de Transitividade está inserido na metafunção Experiencial, que concebe a oração como representação. Modo e Modalização se situam na metafunção Interpessoal, que concebe a oração como troca. Por fim, abordamos, também, a estrutura Temática que se situa na metafunção Textual, que compreende a oração como mensagem.

De acordo com Halliday; Mathiessen (2014), a Transitividade consiste em fluxos de eventos que formam cenas. Na GSF, esses conceitos são categorias semânticas que explicam nossas experiências no mundo dentro da estrutura linguística. É no sistema de Transitividade que é possível perceber as interações, seja para dar e exigir bens e serviços ou refletir e impor uma ordem, por exemplo.

Halliday; Matthiessen (2014) destacam os processos materiais, mentais, relacionais, existenciais, verbais e comportamentais. É evidente que analisar apenas o verbo não vai garantir que se possa identificar o processo como de um tipo ou de outro. Portanto, é necessário analisar os demais elementos léxico-gramaticais da oração, haja vista que um mesmo verbo pode realizar processos diferentes.

Halliday; Matthiessen (2004) concebem as cláusulas materiais como orações que

interpretam uma sequência de mudanças concretas; são chamadas de orações do “fazer” e “acontecer”. São alguns exemplos: “crescer”, “construir”, “dissolver”, “amassar”, “varrer”, “colorir”, dentre outros. Como participantes deste processo, temos o *Ator* que é responsável pelo desenrolar do processo; a *Meta*, que é o participante do processo afetado por um processo material; o *Escopo*, que é o participante que não é afetado pela performance do processo material; o *Beneficiário*, participante que se beneficia de um processo material e o *Atributo* que se refere à característica atribuída a um outro participante.

Os processos mentais são chamados de processos de sensoriamento, processos de experiência do mundo de nossa própria consciência. Representam o “sentir”, o “pensar”, o “querer” ou o “perceber”, por exemplo. São classificadas como perceptivos, cognitivos, afetivos e desiderativos. Os processos mentais perceptivos constroem percepções de fenômenos com base nos sentidos. Como exemplo, temos os verbos “ver”, “ouvir”, “cheirar”. Os processos mentais cognitivos fazem referência ao que é pensado, à consciência do indivíduo. Como exemplo, temos os verbos “pensar”, “acreditar”, “supor”, “entender”, “lembrar”, “esquecer”. Os processos mentais emotivos são chamados de afetivos, pois representam emoções. São exemplos os verbos “gostar”, “amar”, “adorar”, “odiar”. Por fim, há os verbos mentais desiderativos que exprimem desejo. São exemplos desse tipo de verbo “querer”, “almejar”, “ansiar” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Como participantes do processo mental, temos o *Experienciador*, participante que experiencia algo, e o *Fenômeno*, participante que é percebido ou experienciado.

As orações relacionais representam seres no mundo no que se refere às características e às identidades. Segundo Halliday; Matthiessen (2004), podem ser intensivas, possessivas e circunstanciais. Todas elas podem ser atributivas e identificativas. Os verbos mais típicos do processo relacional são os verbos “ser” e “estar”. Os participantes deste processo são o *Portador*, entidade a qual é atribuída alguma característica, identificada como *Atributivo*; *Identificador*, identidade atribuída ao identificado, e *identificado*, entidade que recebe a identificação.

Na fronteira entre os processos mentais e relacionais, há os processos verbais, que constituem “relações simbólicas construídas na consciência humana e encenadas na forma da linguagem, como dizer e significar” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 171)⁴. São verbos que têm a finalidade de comunicar, de dizer e de apontar. São participantes o *Dizente*, entidade que diz algo; *Verbiagem*, algo que é dito; *Receptor*, participante a quem é dirigida

⁴ “Symbolic relationships constructed in human consciousness and enacted in the form of language, like saying and meaning” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.171).

uma mensagem e *Alvo*, entidade atingida pelo processo de dizer.

Na fronteira entre o relacional e o material, estão os verbos concernentes à existência, chamados de processos existenciais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Ataíde (2010, p. 232) cita os processos existenciais da teoria da GSF de Halliday como “algo que ocorre com o único participante desse tipo de processo: o *Existente*. Nestes, os verbos representam algo que existe, acontece ou se constrói. São representativos, no português, os verbos “existir” e “haver”.

Por fim, há as orações comportamentais que estão na fronteira entre as orações materiais e mentais. Estes representam as manifestações externas do funcionamento interno, ou seja, a atuação de processos de consciência e estados fisiológicos. Nas palavras de Halliday; Matthiessen (2004, p. 248), “estes são processos de comportamento fisiológico e psicológico (tipicamente humano), como ‘respirar’, ‘tossir’, ‘sorrir’, ‘sonhar’ e ‘olhar’”⁵. Como participante deste processo, temos o *Comportante*, o ser consciente que realiza o processo comportamental.

Na metafunção Interpessoal a oração é analisada como uma parte de interação entre falante e ouvinte. É por meio da linguagem que podemos negociar e expressar opiniões, por exemplo. Os significados, que são realizados em textos, são influenciados pela variável contextual Relações e desempenham a metafunção interpessoal. Neste caso, a parte da gramática em que se manifestam os significados interpessoais é o sistema de MODO, que observa a interação entre falante e ouvinte, o que desencadeia funções da fala.

Sendo assim, como já mencionado anteriormente, há dois papéis fundamentais da fala: dar e solicitar. Também há dois valores que podem ser trocados nessa interação: informações ou bens e serviços. A função semântica da oração na troca de informação é a *proposição*, pois, neste caso, a proposição pode ser argumentada, negada ou confirmada, por exemplo. Já a função semântica da oração na troca de bens ou serviços é chamada de *proposta*. Neste caso, as escolhas do interlocutor são limitadas. Essas duas variáveis definem as quatro funções primárias da fala: oferta, comando, declaração e pergunta. Para melhor exemplificar, observemos o quadro 2 abaixo, adaptado de Halliday; Matthiessen (2004):

Quadro 02 - FUNÇÕES DA FALA

Papel na troca	Valor trocado	
	BENS E SERVIÇOS	INFORMAÇÕES
Dar	Oferta	Declaração

⁵ “These are processes of (typically human) physiological and psychological behaviour, like breathing, coughing, smiling, dreaming and staring” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 248).

	Você quer um chá?	Ele serviu-me um chá.
Solicitar	Comando Sirva-me um chá.	Pergunta O que ele lhe serviu?
	PROPOSTA	PROPOSIÇÃO

Adaptado de Halliday; Matthiessen (2004, p. 107).

A Metafunção Interpessoal aciona o Sistema de MODO, que é responsável pelos movimentos interativos no diálogo. Esse sistema “é o recurso gramatical para se realizarem movimentos interativos no diálogo”, como sugerem Martin, Matthiessen e Painter (1997, p.58 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p.106).

No sistema de MODO, a oração se organiza em Modo e Resíduo. O Modo se constitui de Sujeito e Finito. O Sujeito é um grupo nominal, ao passo que o Finito faz parte do grupo verbal. Assim, “o Finito é a parte do grupo verbal que carrega o tempo ou a opinião do falante e inclui polaridade positiva ou negativa” (DROGA; HUMPHREY, 2003 *apud* FUZER; CABRAL, 2014, p. 109). O restante da oração é chamado de Resíduo. No Resíduo, estão inclusos o Predicador, o Complemento e os Adjuntos. O Predicador “está presente na maioria das orações, exceto naquelas em que há elipse⁶” (Halliday e Matthiessen, 2004, p.121). É realizado por um grupo verbal e é sempre um elemento. Segundo Halliday; Matthiessen (2004, p.122), são quatro as funções do Predicador:

(I) especifica a referência temporal que não é a referência do tempo do evento de fala, um tempo “secundário”: presente, passado ou futuro em relação ao tempo primário; (II) especifica vários outros aspectos e fases como parecer, tentar, esperar; (III) especifica a voz ativa ou passiva; (IV) especifica o processo (ação, evento, processo mental, relação) que é predicado do Sujeito (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, p.122, tradução nossa)⁷.

O Complemento tem potencial para ser sujeito, mas não o é. O Adjunto, por sua vez, é o elemento que não tem potencial para ser Sujeito. Ele não pode ser elevado ao estatuto interpessoal de responsabilidade modal (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Para melhor exemplificação, apresentamos o quadro 3 abaixo:

Quadro 03 - Componentes do Sistema de Modo

⁶ “The Predicator is present in most clauses, except those in which there is an ellipsis” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.121).

⁷ The function of the Predicator is fourfold. (i) It specifies time reference other than reference to the time of the speech event, that is, ‘secondary’ tense: past, present or future relative to the primary tense. (ii) It specifies various other aspects and phases such as seeming, trying, hoping. (iii) It specifies the voice: active or passive. (iv) It specifies the process (action, event, mental process, relation) that is predicated of the Subject (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.122).

A transferência da motocicleta ao rapaz	pode	ser necessária.
Sujeito	Finito (modalidade)	Resíduo
Modo		

Adaptado de Fuzer; Cabral, 2014, p.109.

No Modo Oracional, podemos observar o funcionamento da oração em um evento comunicativo. Podemos validar a oração em termos de polaridade (escolha entre positivo e negativo) e modalidade (julgamento do falante em diferentes graus). A Polaridade diz respeito à escolha entre positivo e negativo. As orações interrogativas pedem informações quanto à Polaridade do tipo sim/não. As reações e as opiniões podem se situar em níveis intermediários, podendo inclinar-se tanto para o polo positivo, como para o negativo. Neste caso, para estes níveis intermediários, dar-se o nome de Modalidade. Segundo Halliday; Matthiessen (2004, p.147, tradução nossa) “o que o sistema de Modalidade faz é interpretar a região de incerteza que fica entre o ‘sim’ e o ‘não’⁸”. Na Modalidade, pode-se analisar o julgamento do falante em diferentes graus, saber como o falante/escritor assume uma posição ou expressa uma opinião.

As orações podem apresentar-se em três modos, o interrogativo, imperativo e declarativo (também chamado de indicativo). Os Modos realizam determinadas funções de fala. O modo indicativo realiza a função discursiva da proposição, têm como característica a certeza. O interrogativo suscita resposta do tipo sim/não, é o modo em que se realizam tipicamente pergunta e ofertas. O modo imperativo é o modo em que se realizam tipicamente comandos, são compostos por verbos que expressam ordem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Para melhor exemplificar, apresentamos o quadro 4 abaixo:

Quadro 04 – Modos oracioanais e funções da fala

Modo Oracional	Funções da fala	Exemplos
Declarativo	Declaração	João me deu água.
Interrogativo	Pergunta	O que João lhe deu?
Interrogativo	Oferta	Você quer água?
Imperativo	Comando	Dê-me água.

Fonte: Elaborada pela autora.

⁸ What the Modality system does is interpret the region of uncertainty that lies between 'yes' and 'no' (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p.147).

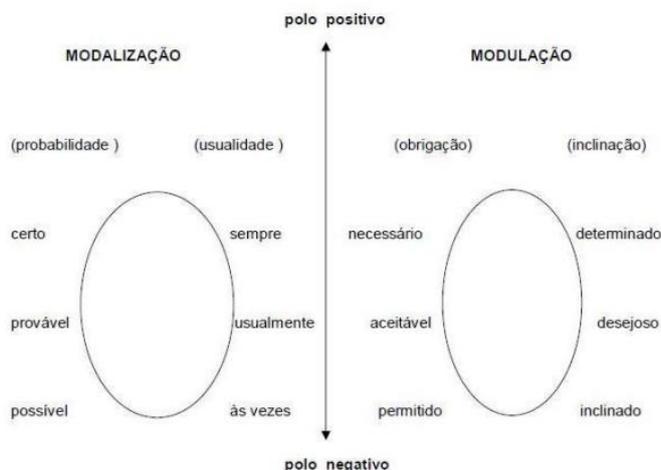
Halliday; Matthiessen (2004) destacam a polaridade como a escolha entre polo positivo e negativo. É importante destacar que, no que se refere à Modalização, que as palavras “sim” e “não” quando analisadas sob o viés da Polaridade, nos revelam que elas têm mais de uma funcionalidade. “Sim” e “não” podem funcionar como declarações, seja uma resposta a uma pergunta, em um reconhecimento de uma declaração, na execução de um comando ou na aceitação de uma oferta. Os termos “sim” e “não” podem funcionar como parte de um tema textual continuativo. Podem sinalizar que um novo movimento está começando. O “sim” pode funcionar também como uma frase menor, como resposta a um chamamento, por exemplo: “‘Paddy?’ ‘– Sim’”? Sendo assim, a Polaridade é a escolha entre o sim e o não, mas há graus intermediários entre esses polos que recebem a denominação geral de Modalidade. (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014).

Como dito anteriormente, as reações e opiniões podem se situar em níveis intermediários. Esses graus constituem a Modalidade. Neste caso, temos o julgamento do falante em diferentes graus. É importante destacar que a noção de modalidade está intimamente relacionada com a distinção entre proposição, função semântica da oração na troca de informações; e proposta, função semântica da oração na troca de bens ou serviços.

No que se refere à proposição, as informações expressas se agrupam em dois graus distintos: graus de *probabilidade* (certo, provável e possível) e graus de *usualidade* (às vezes, geralmente e sempre). Essas escalas de probabilidade e usualidade pertencem à *modalização*, também conhecida como “modalidade epistêmica”. Esses significados epistêmicos podem ser expressos por verbos modais e adjuntos modais, por exemplo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

No que se refere à proposta, existem dois graus distintos de significação, que se relacionam às funções da fala: comando e oferta. Em comandos, temos os graus de *obrigação* (necessário, aceitável, permitido). Em ofertas, temos graus de *inclinação* (determinado, desejoso, inclinado). Essas escalas de obrigação e inclinação pertencem à *modulação*, também conhecida como “modalidade deôntica” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Para melhor compreensão, apresentamos a figura 3 a seguir:

FIGURA 3 – Modalidade e Polaridade



Fonte: (FUZER; CABRAL, 2014, p. 116, com base em HALLIDAY, 1994).

Há diversas formas de expressar a Modalidade. Existem expressões que podem parecer apenas maneiras diferentes para se dizer a mesma coisa, mas não são. Sobre as diversas formas de expressar a Modalidade, podemos afirmar que:

Para explorar a diferença entre elas, devemos introduzir duas outras variantes que cobrem a mesma gama de significados. Assim, na mesma categoria de alta probabilidade, também vamos encontrar expressões como “É certo”; “Isso é verdade” e “Tenho certeza de que isso é verdade”. Percebemos que o falante está explicitamente afirmando a fonte da convicção, sendo Objetivo, como em “É certo...”; ou apresentado um julgamento Subjetivo sobre a parte de que fala o falante, como em “Eu tenho certeza que...”. Em contraste com estes, as versões apresentadas no último parágrafo deixam implícita a fonte da convicção, e diferem ao longo da dimensão Subjetivo/Objetivo. Enquanto a forma adverbial “certamente” é uma maneira de objetivar a avaliação do falante, a forma verbal “deve” leva um carregamento Subjetivo, ou seja, é do falante o próprio julgamento sobre o qual a validade da proposição é construída (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.181, tradução nossa)⁹.

Quanto à orientação e à manifestação da Modalidade, Halliday; Matthiessen (2014) chegaram a uma matriz de quatro combinações de recursos:

⁹ “To explore the difference between them, we should introduce two further variants that cover the same range of meanings. Keeping to the same category of high probability, we will also find expressions such as it is certain (that) that is true and I’m certain (that) that is true. Notice what is happening here. With these last examples, the speaker is explicitly stating the source of the conviction: it is either being said to be objective, as in it is certain ..., or presented as a subjective judgement on the speaker’s part, as in I’m certain that By contrast with these, the versions presented earlier leave implicit the source of the conviction. But they also differ along the subjective/objective dimension: whereas the adverbial form certainly is a way of objectifying the speaker’s evaluation, the verbal form must carries a subjective loading – it is the speaker’s own judgement on which the validity of the proposition is made to rest” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 181).

Quadro 05 - Orientação e a manifestação da Modalidade

	Subjetivo	Objetivo
Implícito	Deve	Certamente
Explícito	Tenho certeza que...	É certo que...

Fonte: Traduzido e adaptado de Halliday; Matthiessen (2014, p. 181).

De acordo com o quadro elaborado por Halliday; Matthiessen (2014), a Modalidade pode ter dois tipos de Orientação: Subjetiva ou Objetiva; e quanto à transparência enunciativa, pode ser Implícita ou Explícita.

A Modulação ocorre em propostas, ou seja, em ofertas e comandos. Em comandos, há graus de obrigação como permitido, aceitável, necessário e obrigatório. Em ofertas, há graus de inclinação como inclinado, desejoso, disposto e determinado. Às escalas de obrigação e inclinação é dado o nome de *Modulação* e são expressos por verbos modalizadores, adjuntos modais e algumas expressões como “é necessário, é preciso” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

A Estrutura Temática, ligada à metafunção textual, nos possibilita observar o que o autor/falante quer destacar, como já mencionado, é o que dá à oração o seu caráter de mensagem. É nessa estrutura que é possível perceber a organização da mensagem e a ênfase informacional. Assim, a escolha do Tema de uma oração está relacionada com a maneira pela qual a informação se desenvolve no texto. Como já mencionado anteriormente, a Estrutura Temática é composta pelo Tema que funciona como ponto de partida da mensagem e pelo Rema que é o restante da mensagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004).

Na Estrutura Temática, temos o conceito de Tema marcado e não marcado. Nas orações declarativas, quando o Tema é o sujeito, temos uma estrutura não marcada, é o padrão típico, usual, é a forma direta da sentença:

- (1) **Karen** lê a mensagem atentamente¹⁰.
- (2) **Anvisa** suspende alimentos da Fugini.

Porém, quando o Tema não se caracteriza como sujeito da oração; quando os elementos se encontram em ordem indireta, atípica, temos o Tema marcado:

¹⁰ Exemplos retirados de Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 07).

- (3) **No Instagram**, Camilo Santana homenageia 179 anos do querido Padre Cícero.
- (4) **Em 2011**, Dilma assumiu a presidência.

O Tema pode assumir diferentes configurações nos diferentes tipos de oração. Nas orações exclamativas, o Tema é não marcado em estruturas com elemento QU- exclamativo.

- (5) **Que bom** que você veio!
- (6) **Que tristeza** foi acompanhar as notícias das enchentes no Ceará!

O Tema é considerado não-marcado nas orações interrogativas, do tipo sim/não e do tipo QU-. Para melhor exemplificar, temos:

- (7) **Você** poderia chegar mais cedo?
- (8) **O que** aconteceu com você?

Nas orações interrogativas, é marcado quando for constituído de um grupo adverbial ou preposicionado, da mesma maneira que ocorre nas orações declarativas:

- (9) **Na partida contra a Alemanha**, quantos gols o Brasil levou?
- (10) **Depois do que aconteceu ontem**, quando você irá voltar lá novamente?

Nas orações imperativas, por fim, o Tema não marcado é o verbo no imperativo:

- (10) **Torça** por seu irmão com entusiasmo.
- (11) **Não irrite** seu chefe.

Porém, quando qualquer elemento estiver posicionado antes do verbo no imperativo, o Tema é considerado marcado (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). À guisa de exemplo, segue abaixo:

- (12) **Você** torça por seu irmão com entusiasmo.
- (13) **Você** não irrite seu chefe.

Ainda quanto ao Tema, é necessário estabelecer a distinção entre Tema Simples e Tema Múltiplo. Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 07), à guisa de exemplo, apresentam as seguintes sentenças:

- (14) **A empresa** recebeu o prêmio Minas Ecologia em 1995.
- (15) **Assim, a empresa** pôde aproveitar melhor o expertise de negociação da área de suprimentos.

O Tema Simples é formado apenas pelo primeiro elemento experiencial da oração, como é o caso em (15). Este é formado apenas pelo elemento experiencial da oração, que é o sujeito, no caso o participante “a empresa”. O Tema Múltiplo, por outro lado, ocorre quando uma oração contém um tema tópico precedido de outros tipos de Tema. Existem elementos que, quando estão presentes, tendem a ser, ou são, obrigatoriamente, temáticos. Como afirmam Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 07):

Aqueles que são tipicamente, mas não obrigatoriamente, temáticos, são os adjuntos conjuntivos (de fato, ou seja, além do mais, assim...) e os adjuntos modais (certamente, talvez, infelizmente...). Os que são obrigatoriamente temáticos são as conjunções (e, logo, mas...) e os relativos (o qual, cujo,...)

Em (16), “Assim” se configura como adjunto conjuntivo, formando, juntamente com o elemento subsequente “a empresa”, um Tema Múltiplo. A estrutura de transitividade funciona com três elementos, o processo, participantes e circunstâncias. Na estrutura temática, o tema deve conter apenas um desses elementos, que recebe o nome de tema topical ou experiencial. Elementos conjuntivos e modais não entram no tema topical. Quando o tema é constituído além do tema topical, temos um tema múltiplo. Assim, o Tema múltiplo pode ser constituído de: Tema Textual + Tema Experiencial, Tema Interpessoal + Tema Experiencial e Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial (VENTURA; LIMA-LOPES, 2002).

O Tema Textual tem a função de ligar orações por meio de conjunções e sequencializadores; o Tema Experiencial é o que faz parte da Transitividade, seja como processo, participante ou circunstância; e o Tema Interpessoal contém elemento QU-, vocativo ou adjunto modal.

Os quadros 6, 7 e 8, a seguir, fornecidos por Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 08), exemplificam, respectivamente, sentenças de como o tema múltiplo pode ser constituído:

Quadro 06 - Tema Textual + Tema Experiencial

Além disso,	três unidades de negócios	Obtiveram a ISO 9001.
Tema Textual	Tema Experiencial	
TEMA		REMA

Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 08)

Quadro 07 - Tema Interpessoal + Tema Experiencial

Infelizmente,	a empresa	não alcançou os resultados esperados.
Tema Interpessoal	Tema Experiencial	
TEMA		REMA

Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 08)

Quadro 08 - Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial

Bem, mas...	Paula, certamente,	A melhor ideia	Seria entrar logo na Pós-Graduação
Tema Textual	Tema Interpessoal	Tema Experiencial	REMA

Ventura e Lima-Lopes (2002, p. 08)

3.3 Síntese conclusiva

Neste capítulo, vimos que a LSF trata-se de uma teoria geral do funcionamento da linguagem humana. A LSF adquire uma denominação mais restrita chamada de GSF. Na perspectiva Sistêmico-Funcional, a linguagem desempenha três funções fundamentais. Ela serve para exprimir conteúdos, manter relações e papéis sociais. Também serve para estabelecermos relações entre partes de uma mesma instância de uso de fala. Essas três funções são chamadas de metafunção Ideacional, Interpessoal e Textual, respectivamente. Cada uma dessas metafunções se relaciona com as variáveis do contexto de situação: o campo, as relações e o modo. O campo diz respeito ao que está acontecendo na situação, as relações são os papéis desempenhados pelos participantes e o modo se refere ao papel desempenhado pela linguagem.

Foi exposto também, neste capítulo, as metafunções. Vimos que a metafunção ideacional é responsável pela construção de um modelo de representação no mundo e o sistema de transitividade é o que está relacionado com esta metafunção. A metafunção interpessoal diz respeito às trocas entre os participantes das interações. Nesta perspectiva, o sistema a ser analisado é o Modo que expressa a interação entre os participantes levando em consideração a interação entre participantes e as funções dos elementos que constituem a oração. A metafunção textual define a oração como mensagem e é por meio dessa função que se organizam os significados experienciais e interpessoais no todo coerente. Neste caso, o sistema a ser analisado é o sistema de Tema.

Quanto aos sistemas Léxico-gramaticais, vimos que a Transitividade consiste em

fluxos de eventos que formam cenas. No sistema de transitividade há os processos materiais, mentais, relacionais, existenciais, verbais e comportamentais com seus respectivos participantes. Quanto aos participantes, nos processos Materiais, há o Ator, a Meta, o Escopo, o Beneficiário e o Atributo; nos processos Mentais, o Experienciador e o Fenômeno; nos processos Relacionais, há o Portador, o Atributo, o Identificador e o Identificado; nos processos Verbais, há o Dizente, a Verbiagem, o Receptor e o Alvo; nos processos Existenciais, o existente; e nos processos Comportamentais, o Comportante.

Observamos que no sistema de Modo, a oração se organiza em Modo e Resíduo. O Modo se constitui de Sujeito que é um grupo nominal e Finito que é um grupo verbal, ao passo que o restante da oração é chamado de Resíduo. As orações podem se apresentar em três modos, o interrogativo, com função de pergunta ou oferta; o imperativo, com função de comando e o declarativo com função de declaração. Em proposições, as informações expressam graus de probabilidade e graus de usualidade, que pertencem à Modalização, também conhecida como modalidade epistêmica. No que se refere à proposta, esta se relaciona com as funções da fala de comando e oferta. Em comandos, há os graus de obrigação; em ofertas, graus de inclinação. As escalas de obrigação e inclinação pertencem à modulação, conhecida como modalidade deôntica. A modalidade ainda compreende uma matriz de quatro combinações: subjetividade implícita, subjetividade explícita, objetividade implícita e objetividade explícita.

Na Estrutura Temática temos o Tema que funciona como ponto de partida da mensagem e o Rema que é o restante da mensagem. O Tema pode ser marcado, quando é a forma direta da sentença sendo padrão típico, usual e pode se configurar como Tema Marcado, quando os elementos se encontram de forma indireta, atípica na oração. O tema pode ser simples, formado apenas pelo primeiro elemento experiencial da oração e pode ser Múltiplo, quando uma oração contém um tema tópico precedido de outros tipos de tema. Assim, vimos que há o Tema Múltiplo do tipo Tema Textual + Tema Experiencial, Tema Interpessoal + Tema Experiencial e Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial. Exposta a síntese conclusiva do capítulo acerca da Linguística Sistêmico Funcional, parte do referencial teórico desta pesquisa, passemos para a Metodologia, capítulo em que discutimos a orientação epistemológica, como se caracteriza a pesquisa, como se constitui e se delimita o *corpus*, os procedimentos de coleta e análise dos dados e as categorias de análise.

4 METODOLOGIA

Querença olhou novamente o corpo e magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (EVARISTO, 2016, p.37).

O livro *Olhos d'água* possui 15 contos que narram enredos em torno de realidades de pessoas negras no Brasil. Selecionamos apenas 4 contos nas quais a mulher é apresentada como participante central. Para a análise, julgamos necessário dividir a investigação em duas etapas principais: a descrição contextual e a análise linguística, tendo em vista os objetivos deste trabalho, conforme Lima (2015). Na análise contextual, investigamos o campo, que diz respeito ao que está acontecendo na situação; as relações, que diz respeito aos papéis que são desempenhados pelos participantes; e o modo, que se refere à função desempenhada pela linguagem nos contos que compõem o *corpus*.

Na análise linguística, segmentamos os textos em orações e realizamos um apanhado geral dos itens lexicais referentes ao campo semântico da mulher negra nas narrativas. Analisamos todas as orações, mas com atenção maior nas orações em que a mulher negra faz parte da predicação como entidade referenciadora. No âmbito léxico-gramatical, classificamos os constituintes oracionais em processos, participantes e circunstâncias de acordo com a teoria de Halliday; Matthiessen (2004, 2014). Em seguida, categorizamos as representações para a mulher a partir dos aspectos contextuais e linguísticos. Além disso, verificamos como os recursos interpessoais de modalização presentes na proposição estão a serviço da representação dos julgamentos e das opiniões dessas mulheres nas narrativas. E, por fim, analisamos a articulação do Tema e do Rema a fim de identificar os tipos de participantes que ocorrem com maior frequência sendo ponto de partida da oração, bem como as estratégias de tematização predominantes para a interpretação da oração enquanto mensagem e para a construção dos significados ligados às representações discursivas sobre a mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

Levando em conta essas etapas de pesquisa, discorreremos, a seguir, a respeito da natureza da pesquisa, dos critérios pertinentes ligados à constituição e à delimitação do *corpus*, dos procedimentos de análise e das categorias de análise.

4.1 Natureza da pesquisa

Tendo em vista os objetivos já apresentados, este trabalho tem como tema as representações discursivas sobre a mulher negra em contos de Conceição Evaristo. Nos interessa abordar essa temática no âmbito linguístico, haja vista que objetivamos analisar as representações discursivas sobre a mulher negra por meio da linguagem, partindo do Sistema de Transitividade.

Com base nesses objetivos, a presente pesquisa se caracteriza como mista, também conhecida como quali-quantitativa. É qualitativa, uma vez que buscamos analisar fenômenos linguísticos e sociais a partir das evidências linguísticas, com base numa teoria consistente, no caso, a GSF. De acordo com Flick (2007, p. ix *apud* PAIVA, 2019, p.13) “a pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas”. É quantitativa porque coleta-se dados. A pesquisa mista “se utiliza métodos qualitativos e quantitativos para a coleta de dados, de forma a oferecer melhor compreensão do fenômeno estudado” (PAIVA, 2019, p. 13).

Em relação aos nossos objetivos, nossa pesquisa se caracteriza como descritiva e explicativa. É descritiva porque descreve o fenômeno estudado. A pesquisa descritiva, de acordo com Cervo e Bervian (2002, p. 66 *apud* PAIVA, 2019, p.14), “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los”. É explicativa porque, segundo Gonsalves (2003, p. 66 *apud* PAIVA, 2019, p.14), “pretende identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento de determinado fenômeno. Buscam-se aqui as fontes, as razões das coisas”.

Tendo em vista que nossa pesquisa se caracteriza por ser de natureza qualitativa e descritivo-explicativa, com relação aos procedimentos geral de nossa investigação, identificamos as ocorrências a partir da leitura atenta dos contos. Elaboramos uma ficha de análise para cada conto. Nesta ficha, há informações relevantes a respeito das categorias de análise discutidas na fundamentação teórica servindo de subsídio para a análise qualitativa dos dados levando em consideração os pressupostos teóricos assumidos. Por fim, temos a sistematização dos resultados.

No item a seguir, apresentamos a constituição e delimitação do *corpus* de análise desta pesquisa.

4.2 Constituição e delimitação do *corpus* de análise

Metodologicamente, analisamos o total de 04 contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Como já dito anteriormente, Conceição Evaristo é conhecida por abordar questões

sociais em suas obras ficcionais, sobretudo no que se refere à população afro-brasileira. No livro *Olhos d'água* temos enredos compostos por personagens homens e mulheres. *Ana Davenga*, *Duzu-Querença*, *Menina Zaíta* são alguns exemplos. Optamos por fazer o recorte de 04 contos porque focamos nas mulheres que são protagonistas e que estão inseridas na sociedade de exclusão. Com exceção de *Olhos d'água*, os títulos dos demais contos selecionados são nomes das protagonistas, a saber: *Maria*, *Ana Davenga* e *Duzu-Querença*.

Nesses enredos, as mulheres são nitidamente vítimas de pobreza e violência, mas são personagens que, apesar dos problemas, se mostram fortes e ativas. Selecionamos os contos em que a mulher, como protagonista, é batalhadora, sem quaisquer idealizações, apesar das duras condições enfrentadas. Esse recorte mostra mulheres protagonistas que são inferiorizadas e violentadas, mas que buscam meios de sobreviver e lutam pela família que têm. São enredos que têm em comum a pobreza e a violência que recai sobre as mulheres negras, mas que também mostram caminho para a liberdade e esperança.

Abaixo, temos um quadro com os contos, suas respectivas temáticas e uma breve síntese de cada enredo:

Quadro 09 – Contos e Temáticas

Nº	Contos	Temáticas	Enredo
1	Olhos d'água	Pobreza, relação mãe e filha, ancestralidade	Narra a história da personagem protagonista, que sendo filha, lembra da mãe que brinca, conta histórias e distrai a fome ao mesmo passo que recupera a ancestralidade africana.
2	Maria	Violência, preconceito racial, pobreza	Narra a história da personagem Maria que é uma mulher negra que trabalha como empregada doméstica, vive numa favela e luta para criar seus três filhos sozinha.
3	Ana Davenga	Relacionamento amoroso com criminoso, violência física, sexual	Narra a história de uma mulher negra que vive na favela e se relaciona com um homem criminoso que também é negro e se chama Davenga. Ele já realizou assaltos e mandou matar uma mulher com quem se relacionava.
4	Duzu-Querença	Violência e miséria	Narra a história de uma menina que foi deixada pelos pais na cidade grande, acreditando que lá ela arrumaria emprego. A realidade é que a menina vive em um prostíbulo e lá tem suas primeiras experiências sexuais ainda criança.

Elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos os procedimentos de coleta e análise de dados.

4.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Com o objetivo de analisar as representações discursivas sobre a mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo, a análise do *corpus* é feita em duas etapas: descrição contextual e análise linguística. A descrição contextual diz respeito às informações contextuais que percorrem os textos que compõem o *corpus*. A análise linguística, por sua vez, diz respeito ao percurso metodológico trilhado para a análise dos elementos léxico-gramaticais e semântico-discursivos dos contos selecionados.

A descrição contextual constitui-se no detalhamento de informações situacionais que se manifestam nos textos. Neste caso, se faz referência ao contexto mais imediato que é o contexto de situação, definido pelas variáveis: campo, relações e modo, já explicadas anteriormente. Para verificação do campo, temos de verificar o que está acontecendo na situação. Para identificar as relações, temos de identificar quem são os participantes da relação, além do autor e do leitor, ou seja, os participantes do texto. Quanto ao modo, verificamos o papel desempenhado pela linguagem nos contos.

Quanto à análise linguística, seguimos os pressupostos teóricos da GSF, postulados por Halliday; Matthiessen (2004, 2014). Iniciamos pela segmentação do texto em orações. Porém, para melhor compreensão do texto e para melhor exemplificar na análise, segmentamos em excertos, haja vista que é importante considerar o que está ao redor da oração. No terceiro passo da análise linguística, classificamos os constituintes oracionais em processos, participantes e circunstâncias, o que faz parte da Metafunção Experiencial. No quarto passo, categorizamos as representações para a mulher a partir dos aspectos contextuais e linguísticos. No quinto passo, verificamos e analisamos os significados dos recursos interpessoais de modalização presentes na proposição, o que faz parte da metafunção Interpessoal. No sexto passo, analisamos a articulação do Tema – Rema, a fim de identificar os tipos de participantes que ocorrem como ponto de partida da oração, o que faz parte da metafunção Textual, que concebe a oração como troca. Por fim, no sétimo e último passo da análise linguística, sistematizamos as representações para a mulher a partir da descrição contextual e da análise linguística, de acordo com a teoria da GSF.

Para melhor ilustrar os procedimentos de análise, apresentamos o quadro 10, adiante, adaptado de Lima (2015), que sintetiza as etapas que são adotadas na descrição contextual e na análise linguística:

Quadro 10 – Procedimentos metodológicos

Etapas	Passos
--------	--------

Descrição contextual	<ol style="list-style-type: none"> 1- Análise do campo (o que está acontecendo na situação); 2- Identificação das relações (quem são os participantes da interação no texto); 3- Verificação do modo (papel desempenhado pela linguagem nos contos).
Análise linguística	<ol style="list-style-type: none"> 1- Segmentação dos textos em orações; 2- Segmentação de excertos dos contos; 3- Classificação dos processos, participantes e circunstâncias; 4- Categorização das representações para a mulher a partir dos aspectos contextuais e linguísticos; 5- Verificação e análise dos significados dos recursos interpessoais de modalização presentes na proposição; 6- Análise da articulação do Tema – Rema a fim de identificar os tipos de participantes que ocorrem como ponto de partida da oração e as estratégias de tematização predominantes; 7- Sistematização das representações para a mulher a partir da descrição contextual e da análise linguística.

Fonte: adaptado de Lima (2015, p.72).

No item 4.4, adiante, apresentamos as categorias de análise definidas em conformidade com nossos objetivos e as etapas e os passos definidos durante a pesquisa.

4.4 Categorias de análise

Em nossa análise, cada excerto é considerado como uma ocorrência, que é analisada, de forma integrada, tendo em vista as categorias léxico-gramaticais pertencentes aos sistemas de Transitividade, MODO e Estrutura Temática, como é possível verificar no quadro a seguir:

Quadro 11 – Categorias de análise

Classificação dos processos, participantes e circunstâncias (Categorias do Nível Representacional)

Tipo de processo: *material* (que se refere às orações de fazer/acontecer); *mental* (que diz respeito à experiência do mundo de nossa consciência); *comportamental* (referente aos comportamentos tipicamente humanos); *verbal* (referente aos processos relativos ao dizer); *relacional* (que estabelece relação entre duas entidades diferentes); *existencial* (que representa algo que existe ou acontece).

Tipo de participante envolvido no processo: *ator* (participante do processo material que produz o desenrolar do fazer/acontecer); *meta* (participante do processo afetado por um processo material); *escopo* (participante que não é afetado pela performance do processo material); *beneficiário* (participante que se beneficia de um processo material); *atributo* (característica atribuída a um outro participante); *experenciador* (participante que experencia algo); *fenômeno* (participante que é percebido ou experenciado); *portador* (entidade a qual é atribuída alguma característica); *identificador* (identidade atribuída ao identificado); *identificado* (entidade que recebe a identificação); *dizente* (entidade que

<p>diz algo); <i>verbiagem</i> (algo que é dito); <i>receptor</i> (participante a quem é dirigida uma mensagem); <i>alvo</i> (entidade atingida pelo processo de dizer); <i>comportante</i> (o ser consciente que realiza o processo comportamental); <i>existente</i> (participante típico da oração existencial).</p>
<p>Verificação e análise dos significados dos recursos interpessoais de modalização presentes na proposição (Categorias do Nível Interpessoal)</p> <p><i>Tipos de modalização: probabilidade</i> (graus de probabilidade); <i>usualidade</i> (graus de usualidade).</p> <p><i>Valores da modalização: Para o tipo <u>probabilidade</u>: (I) Certeza; (II) Probabilidade; (III) Possibilidade. Para o tipo <u>usualidade</u>: (I) alta frequência (frequentemente); (II) média frequência (normalmente); (III) baixa frequência (às vezes).</i></p> <p><i>Polaridade: positiva</i> (sim); <i>negativa</i> (não).</p> <p><i>Orientação e manifestação da modalização: subjetivo implícito; subjetivo explícito; objetivo implícito; objetivo explícito.</i></p>
<p>Análise da articulação do Tema – Rema (Categorias do Nível Textual)</p> <p><i>Modo oracional: declarativo, interrogativo (sim/não ou Q-), exclamativo, imperativo</i></p> <p>Tema Simples; Tema Múltiplo</p> <p><i>Tema Simples: Marcado, Não Marcado</i></p> <p><i>Tema Múltiplo: Tema Textual + Tema Experiencial; Tema Interpessoal + Tema Experiencial; Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial</i></p>

Fonte: elaborado pela autora

4.5 Síntese conclusiva

Acima foi exposto como se caracteriza a pesquisa. Vimos que a pesquisa se caracteriza como qualitativa, pois buscamos compreender, descrever e explicar os fenômenos sociais sob o viés linguístico, a partir da GSF. A pesquisa é descritiva, pois busca-se descrever o fenômeno estudado. Também é explicativa porque buscamos identificar os fatores que contribuem para a ocorrência e o desenvolvimento dos fenômenos. Analisamos o total de 04 contos em que mulheres negras são vítimas de pobreza e violência, mas são personagens que, apesar dos problemas, se mostram fortes e altivas.

Vimos que, a análise do *corpus* é feita em duas etapas: análise contextual e análise linguística. A análise contextual constitui-se no detalhamento de informações situacionais que se manifestam nos textos. Quanto à análise linguística, analisamos categorias da metafunção Experiencial, Interpessoal e Textual, pertencentes, respectivamente, aos sistemas de Transitividade, Modo e Estrutura Temática, seguindo os pressupostos da GSF.

Diante do exposto, passemos para a descrição e análise das representações discursivas sobre a mulher nos contos do livro *Olhos d'água*.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NOS CONTOS DO LIVRO *OLHOS D'ÁGUA*

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy (EVARISTO, 2016, p.39).

Na GSF, o texto é o resultado de escolhas operadas pelos usuários da língua, como uma instanciação do sistema, ou seja, um recurso de produção de significados decorrentes de condicionamentos contextuais e discursivos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Nessa perspectiva, nosso trabalho analisa as representações sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir do Sistema de Transitividade, considerando, ainda, como recursos de Modalização e a marcação do Tema influenciam os significados construídos da representação da mulher negra nos contos selecionados.

Para tanto, organizamos a descrição e a análise dos dados da seguinte maneira: no item 5.1, abordamos a representação discursiva sobre a mulher negra no conto *Olhos d'água*. Esta seção é subdividida em 5.1.1, que corresponde à descrição contextual e 5.1.2, que corresponde à descrição linguística do conto. A seção 5.1.2 é subdividida em 5.1.2.1, que corresponde ao sistema de Transitividade, 5.1.2.2, que corresponde à Modalização, e, por fim, a seção 5.1.2.3, que diz respeito à estrutura temática.

Esta organização retórica estrutura a análise dos dados de todos os contos neste trabalho. Assim, no item 5.2, abordamos a representação discursiva sobre a mulher negra no conto *Maria*. Esta seção é subdividida em 5.2.1, que corresponde à descrição contextual e 5.2.2, que corresponde à descrição linguística do conto. A seção 5.2.2 é subdividida em 5.2.2.1, que corresponde ao sistema de transitividade, 5.2.2.2, que corresponde à Modalização, e, por fim, a seção 5.2.2.3, que diz respeito à estrutura temática.

No item 5.3, descrevemos a representação discursiva sobre a mulher negra no conto *Ana Davenga*. Esta seção é subdividida em 5.3.1, que corresponde à descrição contextual e 5.3.2, que corresponde à descrição linguística do conto. A seção 5.3.2 é subdividida em 5.3.2.1, que corresponde ao sistema de transitividade, 5.3.2.2, que corresponde à Modalização, e, por fim, a seção 5.3.2.3, que diz respeito à estrutura temática.

No item 5.4, analisamos a representação discursiva sobre a mulher negra no conto *Duzu-Querença*. Assim como nos contos anteriores, esta seção é subdividida em 5.4.1, que corresponde à descrição contextual e 5.4.2, que corresponde à descrição linguística do conto. A seção 5.4.2

é subdividida em 5.4.2.1, que corresponde ao sistema de transitividade, 5.4.2.2, que corresponde à Modalização, e, por fim, a seção 5.4.2.3, que diz respeito à estrutura temática.

Por fim, sistematizamos os resultados no item 5.5.

5.1 Representação sobre a mulher negra no conto *Olhos d'água*

Nomeamos o conto *Olhos d'água* como [C#1]. Este constitui uma narrativa na qual a personagem protagonista, sendo filha, lembra da mãe que brinca, conta histórias e distrai a fome ao mesmo passo que recupera a ancestralidade africana. Na ocorrência (01) abaixo, podemos perceber que mesmo sem ter o que comer, a mãe brinca com as filhas para distrair a fome:

01	E era justamente nesses dias de <u>parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas</u> . [C#1] OC18 ¹¹
----	--

Resgatando suas memórias, a narradora pontua uma cena que nos mostra a resistência de um povo que foi escravizado e marginalizado, buscando sobreviver com a falta do mínimo, que é a alimentação, como podemos observar na ocorrência (02) a seguir:

02	Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, <u>da panela subia cheiro algum</u> . [C#1] OC15 Era como se cozinhasse, ali, apenas <u>o nosso desesperado desejo de alimento</u> . [C#1] OC16
----	--

As evidências linguísticas destacadas nos trechos mostram o problema da fome. O texto pontua o passado de fome a partir da perspectiva da mulher negra relacionando a memória afetiva da protagonista com seu lugar de pertencimento. Apesar de nos mostrar o problema social da fome, a grande temática deste conto é a memória e a ancestralidade recuperada pela mulher negra, que, historicamente, contribuiu com a história cultural do país, apesar da tentativa de seu apagamento pela sociedade racista e machista. Podemos perceber a representação da mulher negra e pobre que é resistente e repleta de sabedoria, como é evidenciado na ocorrência (03) abaixo:

¹¹ A notação [C#1] significa Conto 01 – Olhos d'água. A notação OC18 significa ocorrência 18 da nossa ficha de ocorrência, é a numeração da ocorrência no todo do conto.

03	<p>E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas <u>ancestrais</u>, que <u>desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue</u>. [C#1] OC45</p> <p>Não, eu não esqueço essas <u>Senhoras</u>, nossas <u>Yabás, donas de tantas sabedorias</u>. [C#1] OC46</p>
----	---

É possível perceber, conforme destacado no trecho acima, que a sabedoria das mulheres negras é evidenciada e a ancestralidade, por meio da designação de meios linguísticos que remetem à cultura afrodescendente; e que, de geração em geração, apesar das dificuldades enfrentadas pelo sujeito negro feminino, essas mulheres resistem e contribuem com a história cultural do país. Na busca por saber a cor dos olhos de sua mãe, a protagonista descobre toda uma história e descendência de luta, dor e resistência. Podemos categorizar assim, a representação da mulher, neste conto, como mulher resistente. A condição de mulher negra e pobre é fato na narrativa, mas durante todo o enredo se destaca a resistência dessa mulher, que é forte e sábia e procura meios para superar suas dificuldades. Essa mulher reflete muitas outras mulheres, sujeito negro-feminino que reivindicam seu espaço na sociedade.

5.1.1 Descrição contextual

Levando em consideração à perspectiva teórica adotada, todo significado funciona em um contexto. Para tanto, é necessário analisarmos tanto os elementos linguísticos, quanto as informações contextuais. Como mencionado anteriormente, os dados contextuais dizem respeito ao ambiente exato em que o texto se desenvolve, ou seja, é o contexto de situação que está envolvido pelo contexto de cultura. Desse modo, o contexto de cultura é o gênero conto e o contexto de situação é o registro.

O contexto de situação é composto por campo, relações e modo. Quanto ao campo, que se refere ao que está acontecendo, no conto *Olhos d'água*, é possível perceber que a narradora tenta lembrar da cor dos olhos de sua mãe, narrando sua própria história. Ela é protagonista, é filha, mas também é mãe, reconhecedora de sua origem. Podemos dizer que a narradora faz uma autorrepresentação da mulher negra que mergulha na ancestralidade e nas suas memórias de infância. Como a autora não lembra a cor dos olhos de sua mãe, ela remete à sua infância e percebe o quanto sua história parece com a história de sua mãe. A narradora foi à sua terra em busca do rosto de sua mãe. Ao contemplar os olhos de sua mãe, observou que os olhos dela era

“cor de olhos d’água”, metáfora utilizada para representar olhos de choro, olhos de sofrimento. Apesar da protagonista ver só lágrimas, sua mãe sorria feliz.

É possível perceber que, apesar do sofrimento, a mulher negra é representada como forte e resistente. Os vocábulos como “Senhora”, “Rainha”, quando a mãe da narradora brincava com as filhas para distrair a fome delas, nos evidencia isto. A narradora chega a exaltar e reconhecer a importância não só da mãe em sua vida, mas também de “todas as mulheres de sua família”. Ela menciona que as “Senhoras”, “Yabás” são donas de muita sabedoria. No tempo presente, ao final do conto, a protagonista tenta descobrir a cor dos olhos de sua filha.

Quanto às relações, temos os participantes na situação, que são a autora e o leitor. Quanto aos participantes do texto [C#1], há a narradora, sua mãe e sua filha. A protagonista (narradora em 1º pessoa), que inicialmente se configura como filha, depois se mostra como mãe quando menciona tentar descobrir os olhos de sua filha; quando filha, menciona sua mãe como “a Senhora”, “a Rainha”, “grande boneca negra” e “boneca-mãe”. São mencionadas as outras filhas de sua mãe, ou seja, suas irmãs, quando se diz que ela é a primeira de sete filhas. No fim do conto, ao identificar que a cor dos olhos de sua mãe são cor de “olhos d’água”, ela compara a cor dos olhos de sua mãe com águas de “Mamãe Oxum”, que é um orixá, a rainha da água doce. Quando a narradora menciona as mulheres de sua família “minhas tias”, ela as chama de “Senhoras” e “Yabás” (que significa Mãe Rainha). Por fim, há a filha que é mencionada quando a narradora tenta descobrir a cor dos olhos dela “de minha filha”.

Ainda quanto à variável relação, é importante destacar que todas as participantes mencionadas são mulheres. O papel desempenhado pela participante “mãe” é muito importante, pois ela é exaltada, é chamada de “Senhora” e de “Rainha” com inicial maiúscula, o que evidencia ser uma entidade de poder. As tias e todas as mulheres da família da narradora, as ancestrais, são mulheres dotadas de sabedoria. Essas participantes têm papel fundamental na recuperação da história das mulheres negras no Brasil, pois, como é narrado, essas mulheres “desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue”. Recupera-se, portanto, nessas participantes, a luta e a resistência de mulheres que foram historicamente escravizadas e que lutam para conquistar espaço digno na sociedade.

Quanto ao modo, percebemos que a linguagem é constitutiva, e o meio é escrito. Há orações do modo declarativo e interrogativo. Há vocativo e figuras de linguagem que são características de textos literários. Ainda na perspectiva da descrição contextual, há a verificação do modo que ocorre dentro do canal gráfico e o meio escrito. É possível perceber ocorrências de orações do modo interrogativo, “De que cor eram os olhos de minha mãe?”; no indicativo, “A brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha”; e

expressões vocativas, como “Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?”; além de diversas figuras de linguagem, como, por exemplo, a sinestesia¹², em “A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água”.

Exposta a descrição contextual do [C#1], importante passo para o estudo do texto na perspectiva sistêmico-funcional, apresentamos, na próxima seção, a análise linguística, que, relacionada aos significados contextuais, nos possibilita descrever e analisar as representações sobre a mulher manifestadas nos contos selecionados.

5.1.2 Descrição linguística

Abordada a representação sobre a mulher no conto [C#1] e sua descrição contextual, o presente passo trata-se da descrição linguística. Para tanto, segmentamos o texto em orações. Depois, pequenos excertos do [C#1], pois, de acordo com GSF, devemos considerar o que está em torno da oração para melhor compreensão e análise.

Quanto à análise linguística da representação da mulher no conto [C#1], discutimos, primeiramente, a Representação sobre a mulher no sistema de Transitividade. Em seguida, descrevemos os recursos de Modalização, e, por fim, apresentamos os resultados referentes à Estrutura Temática.

No item abaixo, iniciamos a discussão da classificação de processos, participantes e circunstâncias, categorias do Nível Representacional, realizadas pelo sistema de Transitividade.

5.1.2.1 Sistema de Transitividade

Na gramática tradicional, a transitividade refere-se à relação dos verbos com os seus complementos. Na GSF, a transitividade é um sistema de descrição de toda a oração. O sistema de Transitividade é composto por processos, participantes e circunstâncias. Esses componentes formam uma figura. Essas figuras são significados produzidos a partir da associação desses componentes. Por isso, identificar e analisar as categorias semânticas que explicitam a oração como representação das experiências da mulher negra nos contos selecionados é fundamental para a investigação.

¹² Recurso estilístico no qual se utilizam em uma mesma expressão, diferentes sensações percebidas por diferentes órgãos do sentido.

Na presente análise linguística, o texto é segmentado em orações. Analisamos todos os verbos, mas, para ampliar o contexto de análise e melhor interpretar as ocorrências, optamos por apresentar as orações em pequenos excertos.

No sistema de Transitividade, classificamos os processos, os participantes e as circunstâncias. No [C#1], os processos que mais se anunciam são os processos Materiais (com a quantidade de 68 ocorrências). A predominância dos processos Materiais, ao nosso ver, está relacionado à natureza dos fatos narrados, haja vista que eventos de “fazer-acontecer” se desenrolam em cenas de memórias da narradora. Acontecem recortes de cenas em que há ações que envolvem a relação da mãe com as filhas em momentos de fome. O contexto do gênero conto também influencia na predominância dos processos materiais, haja vista que a tipologia predominante do gênero é a narração. Portanto, quando se narra, se contam fatos que estabelecem mudança no fluxo de eventos. Para exemplificar, apresentamos a ocorrência (04) a seguir:

04	Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. [C#1] OC24
----	---

Neste trecho, a narradora, pela desinência dos verbos, se inclui na ação. O “nós” oculto faz referência à narradora e suas irmãs que, para se distrair nos momentos de fome, brincavam. A mãe era quem tomava a iniciativa da brincadeira, e as filhas prontamente continuavam. A brincadeira era de que a mãe era rainha e as filhas, as princesas. Neste caso, os processos “postávamos” e “batíamos” são processos Materiais, são processos que estabelecem mudanças no fluxo de eventos. O “nós” é o participante Ator, ou seja, as filhas que praticam a ação, ao passo que a “Rainha” é a Meta, ou seja, a afetada pelo processo.

Processos Mentais e Relacionais, depois dos Materiais, são os que mais ocorrem no [C#1]. A recorrência de processos Mentais (com a quantidade de 46 ocorrências) e Relacionais estão a serviço do gênero tratado. O conto é um gênero em que a subjetividade constitui uma característica típica, haja vista que é permitido pelo gênero que se expresse uma visão mais pessoal do narrador sobre o desenrolar do enredo, como é o caso da ocorrência (05) abaixo:

05	Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. [C#1] OC28
----	--

Temos destacado em (05) o processo Mental. O pronome “eu” se liga ao verbo “saber”.

O processo “sabia” se refere à experiência do mundo de nossa consciência. O participante “eu”, ou seja, a própria narradora se configura como Experienciador, pois cognitivamente ela deduz que a mãe brincava com ela e com as irmãs para distrair a fome. No decorrer do trecho, a mãe assume papel de comportante, pois “inventar” se encaixa como verbo comportamental. O verbo “distrair” aparece duas vezes, mas tem sujeitos diferentes. O primeiro é “jogos” e o segundo é “fome”. Porém, em ambos os casos, o sujeito tem o traço não animado e não humano, o que acreditamos fazer parte dos processos materiais. Por isso, destacamos apenas “sabia” nesta ocorrência como processo mental. A figura humana e animada, linguisticamente manifestada pelo “eu”, evidencia a experiência que a narradora tem do mundo de sua consciência.

O terceiro processo mais recorrente é o Relacional (com a quantidade de 27 ocorrências), que estabelece relação entre duas entidades diferentes. Nos textos narrativos, contribuem na definição de coisas e estruturam conceitos. Exemplificamos o processo Relacional com a ocorrência (06) a seguir:

06	A cor dos olhos de minha mãe <u>era</u> cor de olhos d’água. [C#1] OC59
----	---

Neste caso, temos “era” como Processo Relacional em que “cor de olhos d’água” é o Atributo, a característica que é atribuída ao Portador “a cor dos olhos de minha mãe” é a entidade à qual é atribuída uma característica.

Quanto às orações Comportamentais, em que o processo designa um comportamento psicológico ou fisiológico tipicamente humano, no [C#1] percebemos poucas ocorrências (com a quantidade de 8 ocorrências). Para exemplificar, vejamos abaixo a ocorrência (07), em que o processo é Comportamental e o participante “a mãe” é o Comportante, um ser consciente:

07	A mãe <u>cochilava</u> [...] [C#1] OC09
----	---

O quinto processo que mais se manifesta no [C#1] é o processo Verbal (com a quantidade de 6 ocorrências), com pouca diferença em relação ao processo Comportamental. O exemplo (08) adiante ilustra esse tipo de oração:

08	Eu escutei quando, <u>sussurrando</u> , minha filha <u>falou</u> : [C#1] OC65 - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos? [C#1] OC66
----	--

Os verbos “sussurrando” e “falou” indicam processos do dizer. Há evidências do discurso direto no excerto que reforçam esta interpretação, pois, após o verbo “falou”, há dois pontos e, em seguida, há a fala da filha fazendo uma pergunta para a sua mãe. O Participante da oração é o Dizente, que, nesse contexto, refere-se à filha.

O processo Existencial ocorre apenas duas vezes no primeiro conto, e o seu participante é chamado de Existente. A ocorrência (09) abaixo exemplifica esse tipo de processo:

09	<u>Havia</u> anos que eu estava fora de minha cidade natal [C#1] OC41
----	---

Diante do exposto, é possível perceber que os processos Materiais e Mentais se sobressaem aos demais, ou seja, vai ao encontro de nossa hipótese, pois acreditávamos que, por se tratar de narrativas, nas quais acontecem sucessões de fatos tendo a mulher como protagonista, os processos Materiais e os Mentais se sobressairiam. O participante Ator é o que mais se manifesta no [C#1], já que mulheres são protagonistas tipicamente humanas e realizam as ações de maneira ativa. O participante Experienciador também aparece muitas vezes, mas secundariamente. Portanto, podemos concluir que a protagonista não apenas realiza ações, mas também manifesta o que sente, pensa e deseja.

Diante do exposto acerca do [C#1], podemos afirmar que a GSF nos oferece meios eficientes para que possamos aprofundar a compreensão dos significados construídos pela linguagem. Escolhas discursivas são feitas pelos falantes/escritores durante a construção de cenas e essas escolhas, na GSF, incluem funcionalidade e intencionalidade. O sistema de Transitividade revela o entendimento do falante e/ou escritor acerca do mundo que o cerca.

Para exemplificar, uma pesquisa realizada em manchetes e lides sobre Jair Bolsonaro e a pandemia de COVID-19 nas capas da Carta Capital e Veja, nos revelou que, sob o subsídio teórico do sistema de transitividade, foi possível identificar escolhas de transitividade na representação de Bolsonaro diante da pandemia por ambas as revistas. Carta Capital revelou um evidente posicionamento de oposição ao Presidente, que destacou ações e posicionamentos contrários à ciência. A Revista Veja teceu críticas ao presidente, porém, pouco o representou em manchetes e lides. O presidente esteve posicionado como elemento circunstancial, ao invés de Ator nessas ações de impacto nacional e internacional (BEZERRA; SOUZA, 2021).

É importante, também, destacar uma outra pesquisa realizada no gênero autobiográfico. Esta pesquisa, que analisa a ressignificação do eu utilizando-se do sistema de transitividade, nos revela que a LSF permite-nos ter indícios de como são construídas as identidades e como ressignificam-se a partir do contato com outras identidades (OLIVEIRA; ROMERO, 2021).

Nesta pesquisa, “trauma causado pelas agressões sexuais infligidas a ele durante a infância pelo avô, criou, no autor-narrador da pesquisa, de forma inconsciente, uma necessidade constante de superação, em resposta às vozes ecoadas da avó” (OLIVEIRA; ROMERO, 2021, p. 48).

Na pesquisa citada, quando o narrador da autobiografia diz “Quando se chega ao fundo do poço, o único caminho que resta é subir/ Você é pobre, então não pode ser bom, precisa se esforçar pra ser o melhor!”, podemos perceber que “as ocorrências dos processos relacionais ‘é’ e ‘ser’ instauraram a percepção de uma realidade e expectativas futuras” (OLIVEIRA; ROMERO, 2021, p.44). Por outro lado, “o estímulo para a ação transformativa é representado pelos processos material (lutar) e mental (saber, esforçar)” (OLIVEIRA; ROMERO, 2021, p.44).

Essas pesquisas mencionadas anteriormente nos mostram que o sistema de Transitividade é um sistema de descrição que é capaz de explicar as nossas experiências no mundo dentro da estrutura linguística. E, apesar de se tratar de *corpura* distintos, esse sistema possibilita perceber interações de maneira mais profícua. O sistema de Transitividade nos serve de ferramenta fundamental para a análise, pois as escolhas discursivas feitas pelo falante / escritor vão além de regras gramaticais, haja vista que são repletas de intenções. O sistema de transitividade é capaz de nos revelar, a partir de análise e descrição linguística, representações, para diferentes tipos de sujeitos em diferentes gêneros textuais.

5.1.2.2 Modalização

Como já mencionado anteriormente, a modalização ocorre em proposições, quando ocorre troca de informações ou conhecimentos. Nessa categoria, as informações podem ser expressas tanto em graus de probabilidade, quanto em graus de usualidade.

Para verificação e análise dos significafos dos recursos interpessoais de modalização presentes nas proposições, consideramos algumas categorias. Para os tipos de modalização, consideramos a Probabilidade (os graus de probabilidade) e usualidade (graus de usualidade). Quanto aos valores de modalização para o tipo de probabilidade, temos: a certeza, a probabilidade e a possibilidade. Quanto aos valores de usualidade, temos a alta frequência (frequentemente), média frequência (normalmente) e baixa frequência (às vezes). Também analisamos a polaridade (positiva) ou (negativa). Por fim, julgamos importante verificar a orientação modal em subjetivo implícito, subjetivo explícito, objetivo implícito e objetivo explícito. Na orientação modal, observa-se se a avaliação de probabilidade e usualidade é

subjetiva (um julgamento/opinião do falante) ou objetiva (quando está “objetificada”). Essa diferença pode ser explícita (quando há marcas de que o falante é a fonte da avaliação subjetiva ou quando há marcas explícitas da objetificação) ou implícita (quando não há marcas explícitas da avaliação subjetiva ou da objetificação).

Identificamos a polaridade negativa nas ocorrências (10) e (11) abaixo:

10	<u>Não</u> , eu <u>não</u> esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. [C#1] OC46
----	---

11	[...]quando a mãe cozinhava da panela subia cheiro <u>algum</u> . [C#1] OC15
----	--

Em (10), podemos perceber que a narradora “não esquece das Senhoras donas de tantas sabedorias”. Neste caso, o advérbio “não”, que se apresenta duas vezes, indica polaridade negativa, indiciando, quanto à modalidade, a certeza da narradora no que diz respeito à proposição descrita no enunciado. Quanto à orientação modal, podemos dizer que se configura como subjetivo explícito, pois a narradora é a fonte da informação (o que se evidencia pelo verbo de cognição em primeira pessoa) e diz respeito a uma opinião subjetiva dela.

Em (11), a palavra “algum”, dentro do contexto, nos mostra outra ocorrência de polaridade negativa. É possível compreender que, quando a mãe cozinhava, não subia cheiro nenhum das panelas. Apesar de não haver a palavra “nenhum”, pelo contexto, a palavra “algum” nos mostra que o alimento que estava sendo cozinhado não apresentava cheiro. Neste caso, por se tratar da descrição de um conjunto de estado de coisas (evidenciado pelos predicados “cozinhava” e “subia cheiro algum”), podemos observar que a proposição é objetiva no que diz respeito à sua orientação modal.

A ocorrência (12), abaixo, exemplifica, por outro lado, o desconhecimento por parte da narradora acerca da cor dos olhos de sua mãe:

12	Então eu <u>não sabia</u> de que cor eram os olhos de minha mãe? [C#1] OC01
----	---

Nesta ocorrência (12), a polaridade negativa altera o significado do verbo pleno modalizador, evidenciando que a narradora desconhecia a cor dos olhos de sua mãe. A orientação é subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da informação, expressando seu julgamento/opinião.

No [C#1], a maioria das ocorrências nos revela que o grau de usualidade é o que mais acontece nos enunciados modalizados. Porém, é importante destacar o que se manifesta também no tipo probabilidade. Quanto ao grau “certo”, verificamos uma 01 ocorrência; quanto ao grau “provável”, não verificamos nenhuma marca; e, no que diz respeito ao grau “possível”, verificamos 05 ocorrências.

A ocorrência (13), adiante, ilustra os graus médio e baixo de probabilidade, respectivamente:

13	Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu <u>não sei</u> se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... [C#1] OC37 <u>Sei</u> que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. [C#1] OC38
----	---

Em (13), percebemos que a palavra “não”, que marca polaridade negativa, quando acompanhada do verbo de cognição “saber”, nos revela desconhecimento. Todavia, como o predicado ocorre numa estrutura condicional, a proposição pode suscitar um significado de dúvida, que se situa no grau da possibilidade. Ainda na ocorrência (13), verificamos o verbo pleno de cognição “sei” na polaridade positiva, evidenciando uma modalidade epistêmica de certeza. A orientação modal, neste caso, se configura como subjetivo explícito, pois a narradora é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca da situação narrada no excerto.

O grau de probabilidade, no [C#1], nos revela o desconhecimento da narradora por meio de verbos cognitivos precedidos de polaridade negativa. Diante da análise realizada e das ocorrências mencionadas, verificamos que os recursos modais de probabilidade ligados aos graus de possibilidade predominam no texto, mostrando que a narradora-protagonista, fonte dos enunciados modalizados, julga com dúvida certos eventos subjetivos narrados por ela.

Quanto ao tipo de modalização usualidade, nossa hipótese inicial era que predominasse o grau ligado à alta frequência (verificamos apenas 02 ocorrências) no conto, haja vista de se tratar de gênero narrativo. Acreditávamos que seria mais recorrente o grau de alta frequência no tipo de modalização usualidade, pois pensávamos ser recorrente expressões que indicassem a alta frequência com que determinadas situações ocorriam. Por outro lado, o que verificamos

foi a predominância da baixa frequência (com a quantidade de 05 ocorrências). A seguir, ilustramos a alta frequência com a ocorrência (14):

14	Lembro-me de que <u>muitas vezes</u> , quando a mãe cozinhava da panela subia cheiro algum. [C#1] OC15
----	--

Em (14), a expressão “muitas vezes” indica a alta frequência com que a mãe cozinha, embora não “subisse cheiro das panelas”. A narradora nos revela que frequentemente esse fato acontecia, ou seja, era frequente a falta de ter o que cozinhar. Podemos perceber que se trata de uma subjetividade explícita, pois a protagonista é a fonte da avaliação, o que pode ser evidenciado pelo verbo de cognição em primeira pessoa.

A ocorrência (15), por sua vez, exemplifica uma expressão de baixa frequência no tipo de modalização usualidade:

15	<u>Às vezes</u> , no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. [C#1] OC29
----	--

Em (15), a expressão “às vezes” ilustra a baixa frequência. Neste caso, depreendemos a excepcionalidade do evento que acontecia. O evento trata-se do tempo em que a mãe se sentava na soleira da porta, para, junto às filhas, contemplar as nuvens no céu. É um momento em que é possível perceber uma bela relação entre mãe e filhas, apesar das dificuldades enfrentadas. A narradora é a fonte da informação e o evento não se trata de uma opinião ou julgamento dela, mas de uma cena em que os fatos estavam se sucedendo, por isso se configura como orientação modal objetiva explícita.

De acordo com Lopes (2022, p.143), “há uma grande variedade de recursos para geração dos efeitos e sentidos pretendidos na Modalização” e o gênero motiva esse fato. No [C#1], os dois tipos de modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo usualidade. O tipo que relaciona os graus de frequência que o enunciador aponta para as experiências informadas é mais utilizado do que os graus de certeza que o enunciador tem sob a veracidade do que informa. Para probabilidade, há maior grau de possibilidade e, para usualidade, predomina a baixa frequência. Essas marcas de usualidade servem para marcar a frequência de realização desses eventos. A baixa frequência, na maioria das vezes, marcada pela expressão

“às vezes”, mostra cenas pontuais em que, geralmente, a mãe tirava um tempo para brincar com as filhas, apesar do pouco tempo e dos problemas enfrentados.

Quanto à orientação e à manifestação da Modalização, percebemos que a narradora está a todo momento marcando-se enfaticamente como fonte da avaliação e das experiências das participantes do enredo. A subjetividade explícita é o que mais acontece no [C#1]. Evidentemente, isso tem relação com a escolha pela autora do narrador-protagonista, que, narra os acontecimentos, a partir de suas memórias e recordações.

Quanto à polaridade, ocorre tanto positiva, quanto negativa. Predomina a polaridade positiva, já que se trata da forma não marcada da língua. Percebemos que a ocorrência da negação, por vezes, incide sobre verbos modais, como, por exemplo, “não sabia”. Neste caso, o sentido da negação se combina com o verbo modal indicando mais um “desconhecimento” do que uma negação.

5.1.2.3 Estrutura Temática

Do ponto de vista da metafunção Textual, a linguagem cumpre uma função destinada à organização da mensagem. Essa metafunção nos habilita a criar textos. Como já mencionado, a Estrutura Temática compreende dois elementos: o Tema, entendido como ponto de partida da oração, e o Rema, compreendido como a informação que desenvolve o Tema.

Para interpretar a articulação do Tema e do Rema, identificamos, primeiramente, os tipos de participantes que mais ocorrem no texto sendo ponto de partida da oração, bem como as estratégias de tematização predominantes para a interpretação da oração enquanto mensagem e para a construção dos significados ligados à representação da mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo.

Diante da análise, percebemos que o modo oracional predominante é o modo declarativo, embora haja ocorrência no modo oracional interrogativo e exclamativo. Entre Tema Simples e Tema Múltiplo, o mais recorrente é o Tema Simples Não Marcado. Como já mencionado, o Tema Simples Não Marcado é o padrão típico, usual. Antes de verificar o Tema, é importante verificar o modo, se a cláusula é declarativa, interrogativa ou imperativa.

Para identificar qual é o elemento tipicamente escolhido para ser Tema da oração, é necessário que se analise os diversos contextos. No meio oral, por exemplo, é comum que o sujeito seja Tema da oração, ao passo que, no meio escrito, em determinados gêneros, não é típico. Na língua portuguesa, como já sabemos, é muito comum que as sentenças iniciem pelo

verbo e que o sujeito seja oculto. Entretanto, sabemos que o sujeito é recuperável pela desinência do verbo.

Na língua portuguesa, é permitido que o sujeito não seja expresso, mas no inglês não. Na língua inglesa, o sujeito não pode ser oculto. Assim, considerando a língua portuguesa, há duas possibilidades: (i) o processo pode ser considerado Tema da oração ou (ii) o Tema pode ser considerado implícito. Adotamos nesta análise, a tese de que processos podem ser considerados Tema, já que, apesar de estar elíptico, o sujeito é recuperável pelo sistema de inflexão verbal, mecanismo morfossintático possível na língua portuguesa. Diante da complexidade da questão, vale ressaltar que:

Há autores, como Siqueira (2000) e Lima-Lopes (2001), por exemplo, que interpretam a omissão (apagamento) do constituinte sujeito como um caso de Tema marcado, em que o processo (ou verbo) é considerado o Tema da oração, o que satisfaz, segundo os autores, às condições impostas por Halliday (1994) no que diz respeito à presença de um elemento experiencial da sentença como Tema da oração. Já Bárbara e Gouveia (2006) consideram o apagamento do constituinte sujeito como um caso de Tema não marcado, uma vez que a língua portuguesa, diferentemente do inglês que não prevê o sujeito nulo, tem como recurso gramatical a recuperação do sujeito pela desinência do verbo. Na verdade, ao considerar o Tema como uma categoria do texto, os autores demonstram que o Tema, quando está elíptico, pode ser recuperável pelo processo de coesão textual (SILVA; TORRES; BRASIL, 2018, p. 183).

Assim como Silva, Torres e Brasil (2018), no que se refere à manifestação formal do Tema, optamos por assumir como Tema não marcado os casos em que o sujeito é implícito ou recuperado pela coesão textual.

Diante da análise da articulação do Tema – Rema, percebemos manifestações de Tema Simples Marcado e Não-Marcado. Também encontramos Tema Múltiplo. O tipo de Tema que mais se manifesta no [C#1] é o Tema Simples Não Marcado (verificamos a quantidade de 36 ocorrências). Isso evidencia que a ordem habitual dos constituintes da oração é a escolhida pela autora. A ordem habitual exige menos esforço cognitivo para a interpretação dos eventos narrados. Outro ponto importante de ser destacado é que, neste conto, nessas estruturas, a maioria das orações em que o tema é não marcado inicia com verbos, como é o caso das ocorrências (16) e (17) abaixo:

16	<u>Voltei</u> , aflita, mas satisfeita. [C#1] OC52
----	--

17	<u>Vi</u> só lágrimas e lágrimas. [C#1] OC55
----	--

Em (16) e (17), a narradora em 1ª pessoa do singular narra sua volta à cidade natal e ao contemplar os olhos de sua mãe, ela vê apenas lágrimas e lágrimas. É possível perceber que uma estratégia de tematização muito utilizada pela autora é iniciar as orações com verbos, o que é muito comum em língua portuguesa. Os eventos narrados em sua maioria não são complexos, apesar de, em muitas vezes, se manifestar subjetividade.

Observamos que, embora menos recorrente, aparecem estruturas temáticas nas quais o tema é marcado (verificamos a quantidade de 06 ocorrências):

18	<u>Felizes</u> , colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. [C#1] OC21
----	---

Em (18), a palavra “felizes” é um substantivo deslocado que não está funcionando como sujeito em uma oração declarativa. Assim, temos um tema marcado. A narradora chama atenção para a maneira como ela e as irmãs se sentiam quando a mãe brincava com elas. As irmãs sentiam-se felizes ao brincar com a mãe, ao colher as flores que seriam, posteriormente, distribuídas pelo cabelo e pelo corpo da Senhora, Rainha.

Quando há um sintagma nominal deslocado que não está funcionando como Sujeito, podemos dizer que se trata de um Tema Marcado, pois não é típico, mas acontece no funcionamento da língua, como é o caso do excerto (19) abaixo:

19	<u>Um dia</u> , brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. [C#1] OC08
----	--

A parte da oração “um dia” é considerado como Tema Marcado, pois introduz o excerto, mas não está funcionando como sujeito. A narradora chama atenção para o tempo, que a brincadeira de pentear a boneca (que é a mãe) aconteceu “um dia”.

Quanto ao tema múltiplo, sabemos que ele pode ser constituído de três formas: Tema Textual+Tema Experiencial (verificamos a quantidade de 28 ocorrências), Tema Interpessoal+Tema Experiencial (verificamos a quantidade de 04 ocorrências), Tema Textual+Tema Interpessoal+Tema Experiencial (não verificamos nenhuma ocorrência). Observamos que a combinação de tema múltiplo mais recorrente no [C#1] é o tema textual+tema experiencial. Abaixo, exemplificamos essa estrutura temática com a ocorrência

(20):

20	<u>E</u> era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. [C#1] OC18
----	---

O modo oracional da ocorrência acima é declarativo. Configura-se como tema múltiplo, do tipo Tema Textual+Tema Experiencial, pois o elemento “E” em destaque é um tema textual, é um elemento tipicamente, mas não obrigatoriamente temático, e se encontra em posição inicial da oração. Logo após a conjunção “E”, há o verbo “era”, que faz parte da estrutura de transitividade. É o tema topical, também chamado de experiencial, pois é um processo relacional, é um elemento que faz parte da estrutura de transitividade. A narradora destaca “e era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento” que a mãe mais brincava com as filhas. O elemento textual dá força ao verbo para destacar que era justamente nesses dias mais difíceis que a mãe mais brincava para distrair a fome das filhas. O elemento textual “e” intensifica isso.

O tema múltiplo (Tema interpessoal+Tema experiencial) se manifesta bem menos com relação ao tema múltiplo (Tema Textual+Tema Experiencial) no [C#1]. Temos como exemplo a ocorrência (10), repetida aqui:

21	<u>Não, eu</u> não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. [C#1] OC46
----	---

A ocorrência (10), acima, mostra que a oração é declarativa e o tema é múltiplo, pois há o “não” que é o primeiro elemento da oração. O “não” não é tema tópico, pois o tema tópico é o participante “eu”, primeiro elemento da estrutura de transitividade do excerto. Neste caso, há um tema múltiplo em que há uma relação de tema interpessoal com tema experiencial. O tema interpessoal (expresso pelo advérbio de negação) no início do excerto enfatiza que a narradora não esquece as “Senhoras donas de tantas sabedorias”. O mesmo termo é repetido logo após o participante “eu”, com o objetivo de dar ênfase ao sentido de negação expresso na proposição.

Por fim, há o tema múltiplo composto por (Tema Textual+Tema Interpessoal+ Tema Experiencial). Não identificamos nenhuma ocorrência com essa estrutura. Este fenômeno revela que a autora busca escrever de modo que os elementos textuais sejam mais facilmente processados do ponto de vista cognitivo.

Acima, foram exemplificados excertos do [C#1] de modo oracional declarativo. Vale destacar que há ocorrências de orações exclamativas e interrogativas, mas não há orações imperativas, o que condiz com a tipologia textual que é narrativa. Não há predominância de diálogo entre os personagens, não há ordens, apenas narração dos fatos pela narradora em 1ª pessoa. Abaixo seguem duas ocorrências, ambas de orações exclamativas manifestadas no [C#1], uma que não apresenta estrutura de transitividade, nem estrutura temática, pois se trata de um elemento nominal com função interpessoal; outra cujo tema é marcado, haja vista que é considerado tema não marcado no modo oracional exclamativo apenas orações com temas que apresentam o elemento QU- + exclamativo em posição inicial:

22	Águas de Mamãe Oxum! [C#1] OC59
----	---------------------------------

23	<u>Chovia</u> , chorava! Chorava, chovia! [C#1] OC39
----	--

Em (23) o Tema é o processo e ele é marcado justamente porque não há elemento QU- + exclamativo, pois a estrutura inicia-se com o verbo “chovia”.

Em (24) identificamos uma oração interrogativa marcada:

24	[...] <u>Sabem</u> o que vi? [C#1] OC54
----	---

Em (24), por fim, a oração é marcada, pois há elipse do sujeito na interrogativa. A narradora parece se aproximar do leitor neste momento, como se fosse dialogar.

Podemos concluir que o modo oracional declarativo predomina e o tema simples não marcado também. Observamos que o tema não marcado é composto, neste conto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal ou verbos com sujeito elíptico. Percebemos, também, que a predominância da combinação do tema textual e do tema experiencial estabelecem coesão durante a narração e construção das cenas. Diante da análise, no [C#1], a ordem canônica dos constituintes da oração é a mais utilizada. Assim, menor esforço cognitivo precisa ser feito para a interpretação dos enunciados da narrativa.

5.2 Representação sobre a mulher negra no conto *Maria*

O conto *Maria* como (doravante [C#2]) constitui uma narrativa na qual a personagem protagonista chama-se Maria, uma mulher negra que mora numa favela e trabalha como

empregada doméstica na casa de uma família de classe alta. O conto, narrado em 3ª pessoa, conta o trajeto de Maria do trabalho para casa e a árdua rotina que enfrenta para sustentar seus três filhos. A partir da fala e das ações dos personagens, evidenciamos, na narrativa, estereótipos racistas e preconceituosos ligados à mulher negra periférica.

Neste conto, Maria está voltando do trabalho com um profundo corte na mão e com sobras de comida e um trocado que a patroa havia dado para ela. Ao pegar o ônibus, a protagonista se surpreende ao encontrar com o pai de seu primeiro filho no coletivo que pega todos os dias ao final de seu expediente. Como ele reconheceu a mulher, foi até ela e cochichou ao seu ouvido, mandando um carinho para seu filho. Logo após, este homem saca a arma e inicia um assalto levando os pertences dos passageiros, exceto de Maria. Quando os assaltantes descem do coletivo, os passageiros começam a xingar Maria, julgando que ela tinha alguma relação com os assaltantes. Na ocorrência (25) abaixo, podemos perceber o momento em que um dos passageiros insulta a protagonista do conto:

25	[...] Ouviu uma voz: <u>Negra safada</u> , vai ver que estava de coleio com os dois. [C#2] OC92
----	--

A evidência linguística destacada no trecho acima mostra uma associação da cor da pele da protagonista com algo negativo “negra safada”. No Brasil, a palavra “safada ou safado” tem relação com “o indivíduo que age de maneira descarada, que leva a vida de maneira libertina, devassa” (SAFADO, 2023). Ou seja, se pensarmos no contexto da situação, a mulher, que é “negra”, foi acusada de ser cúplice dos assaltantes, recebendo a qualificação negativa de “safada”.

Podemos perceber que a grande temática deste conto é a condição da mulher negra no contexto pós-colonial no Brasil. Temos uma protagonista mulher, negra e pobre, que luta para manter o seu sustento e o sustento de seus três filhos, que ao voltar do trabalho, é surpreendida por um assalto no coletivo cujo um dos assaltantes é pai de um de seus filhos. Maria, que não teve chance de se defender das acusações feitas a ela no coletivo, torna-se vítima de violência, pois sofre um linchamento público, o que a leva à morte. A história de Maria é a mesma de muitas outras mulheres, sujeito negro-feminino no Brasil, que são vítimas de preconceito,

discriminação racial e são ¹³mortas por causa da sua cor de pele, como, denuncia Elza Soares, em sua canção *A Carne*, “a carne mais barata do mercado é a carne negra”.

5.2.1 *Descrição contextual*

Sabemos que as informações contextuais dizem respeito ao ambiente exato em que o texto se desenvolve. O contexto de situação está envolvido pelo contexto de cultura e o gênero de cultura, como mencionado anteriormente, neste caso, é o gênero conto.

Quanto ao campo, que se refere ao que está acontecendo, em [C#2], é possível perceber que o enredo se inicia na parada de ônibus, quando Maria espera pelo coletivo. Neste primeiro momento, a protagonista está feliz, pois, apesar do cansaço, com o dinheiro que havia recebido do trabalho, poderia comprar remédio para os filhos que estavam muito gripados. Ela levava os restos de comida que havia sobrado da festa na casa da patroa. Maria também tinha sofrido um corte na palma de uma de suas mãos ao cortar o pernil para a patroa.

O segundo momento do enredo diz respeito ao momento em que Maria sobe no ônibus e um homem que estava sentado lá atrás levanta e paga a sua passagem. Este homem, como já mencionado, era o pai de um de seus filhos, o mais velho. Ele senta-se ao lado dela e, falando baixo, manda um abraço, um carinho para o filho. Logo depois, juntamente com seu comparsa, inicia o assalto. “Maria estava com muito medo”, não dos assaltantes, não da morte, mas da vida. Apesar do que estava acontecendo, ela temia como seria o futuro, “como seria a vida de seus filhos”. Os assaltantes levaram os pertences de todos, menos de Maria.

Ao descerem do coletivo, os ataques racistas iniciam-se: “aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes”. Uma pessoa a defende, inclusive, o motorista do coletivo disse que a conhecia, que ela costumava tomar ônibus com ele naquele horário e que ela vinha do trabalho, mas não adiantou. As pessoas, revoltadas, tanto diziam “Lincha! Lincha! Lincha!”, como de fato, lincharam-na até a morte.

Quanto às relações, há os participantes na situação, que são a autora e o leitor. Quanto aos participantes do texto [C#2], há a narradora em 3ª pessoa, Maria que é a protagonista, os assaltantes (sendo que um deles é pai de um de seus filhos), o motorista e os passageiros. São mencionados ainda, a patroa, brevemente, e os filhos. Características são atribuídas à Maria

¹³ De acordo com o IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Isso significa dizer que “para cada mulher não negra morta, morrem quase 2 mulheres negras. O risco relativo de uma mulher negra ser vítima de homicídio é 1,7 vez maior do que o de uma mulher não negra” (CERQUEIRA, 2023).

pela narradora. A narradora destaca que Maria estava “feliz”, apesar de estar “cansada”. O pai do filho de Maria é caracterizado como “bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém”. Há, portanto, uma certa humanização deste personagem. Este personagem, se pensarmos no contexto social, está de certo modo privilegiado em relação à mulher, porém também é vítima da sociedade ¹⁴racista e classista. Este homem também mostra certo arrependimento pois se diz “sentir saudades” e “ter um buraco no peito”. A característica do olhar assustado nos revela que aquele homem, naquela situação, tinha medo. Maria também tinha medo, mas tinha “medo da vida”.

Em geral, as pessoas têm medo da morte, não da vida. Maria tinha medo da vida devido suas angústias, suas preocupações. Maria temia, principalmente, o futuro de seus filhos. Diante da realidade social em que a protagonista se encontrava, ela sabia dos desafios de ser mulher negra periférica, e, como mãe, se questionava sobre o futuro de seus filhos, que eram todos homens. Não queria que os meninos trilhassem o mesmo caminho dos assaltantes.

Na fala dos personagens, no caso, os passageiros do ônibus, Maria leva o nome de “puta safada”, “negra safada” e “atrevida”. Essas palavras utilizadas nos revelam que o desejo de violentar Maria ia além do fato do pai de seu filho ter pago sua passagem, ter sentado ao seu lado e ter conversado brevemente com ela. Podemos perceber que, além da suspeita de Maria ter participação no assalto, ela também foi acusada por ser mulher, negra e pobre. Apesar de o motorista a defender e de um outro passageiro também tentar defendê-la, a maioria das pessoas já havia decidido agredi-la verbal e fisicamente até a morte. A narrativa fictícia representa a realidade social de mulheres periféricas negras no Brasil, uma vez que mulheres, que são como Maria, sofrem opressões de gênero, raça e classe que refletem violência aos grupos subalternizados.

No que se refere ao modo, a linguagem é constitutiva e o meio é escrito. Há orações do modo declarativo, interrogativo e imperativo. Há vocativo e figuras de linguagem. Há a verificação do modo que ocorre dentro do canal gráfico e o meio é escrito. No modo interrogativo, temos por exemplo “Será que os meninos iriam gostar de melão?”; no indicativo, “Os assaltantes desceram rápido” e expressões vocativas, como “Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?”; além de figuras de linguagem, como por exemplo, a metáfora, em “faca laser corta até a vida”.

¹⁴ “Em quase todos os estados brasileiros, um negro tem mais chances de ser morto do que um não negro, com a exceção do Paraná, que em 2018 apresentou taxa de homicídios de não negros superior à de negros. Assim, quando o assunto é vulnerabilidade à violência, negros e não negros vivem realidades completamente distintas e opostas dentro de um mesmo território” (CERQUEIRA et al., 2020, p. 48).

Exposta a descrição contextual do [C#2], apresentamos, na próxima seção, a análise linguística, que relacionada aos significados contextuais, nos possibilita analisar as representações para a mulher manifestadas no conto *Maria*.

5.2.2 Descrição linguística

Abordada a representação da mulher no [C#2] e sua descrição contextual, o presente passo trata-se da descrição linguística. Discutimos a Representação discursiva sobre a mulher no sistema de Transitividade, descrevemos os recursos de Modalização, e, por fim, apresentamos os resultados referentes à Estrutura Temática. No item a seguir, iniciamos a discussão da classificação de processos, participantes e circunstâncias, categorias do Nível Representacional, realizadas pelo sistema de Transitividade.

5.2.2.1 Sistema de Transitividade

No sistema de Transitividade, classificamos os processos, os participantes e as circunstâncias. No [C#2], os processos que mais se anunciam são os processos Materiais (com a quantidade de 79 ocorrências). A predominância dos processos Materiais, ao nosso ver, está relacionada à natureza dos fatos narrados. O gênero conto é objetivo se comparado com o romance, por exemplo. É formado, geralmente, por apenas uma história e um conflito. São narrados ambientação do espaço, do tempo e dos personagens, por isso espera-se processos de “fazer-acontecer” com mais saliência. Acontecem recortes de cenas em que há ações da protagonista e dos personagens coadjuvantes. Apesar de relativamente curto, o conto tem a mudança no fluxo de eventos, o que dá sentido à narrativa. Para exemplificar, apresentamos a ocorrência (26) a seguir:

26	Ela <u>levava</u> para casa os restos. [C#2] OC08
----	---

Neste trecho, narra-se o momento em que Maria estava voltando para casa, trazendo os restos de alimento que havia sobrado da festa da casa da patroa no dia anterior. Na ocorrência, temos “ela” que é o participante Ator, a que pratica a ação, inerente à oração. O participante “ela” se refere à Maria. O processo “levava” é Material, uma vez que estabelece mudança no fluxo de eventos.

Uma outra ocorrência de processo Material interessante de ser destacada é a ocorrência (27) abaixo:

27	Foi quando uma voz <u>acordou</u> a coragem dos demais. [C#2] OC86
----	--

Neste caso, o processo “acordar”, se fôssemos analisar isoladamente, faz parte dos processos comportamentais. Porém, isto é possível e lógico quando temos um participante tipicamente humano na função de sujeito da oração. Halliday e Matthiessen (2004) afirmam que os processos comportamentais não apresentam características tão nítidas como os outros. Estes podem indicar processos materiais ou mentais, por exemplo. Em (27), o processo “acordou” está mais próximo do processo material, haja vista que o participante, metonimicamente, se comporta como Ator na narrativa, “despertando” a coragem dos demais no coletivo para o linchamento de Maria.”. Em outras palavras, temos, portanto, um processo que está no sentido de despertar a coragem dos demais para partir para a violência que culmina na morte de Maria. A ocorrência (27) é um exemplo de sentido figurado, o que é bastante característico do gênero literário.

Diferente do [C#1], no [C#2], manifestam-se mais processos Relacionais (com a quantidade de 51 ocorrências) do que Mentais (com a quantidade de 34 ocorrências). Os processos Relacionais estabelecem relação entre duas entidades diferentes. Como se trata de um gênero narrativo, percebemos que a principal função dos processos Relacionais neste conto é definir coisas e estruturar conceitos. A todo momento na narrativa, esses processos são utilizados para representar seres, quando se atribui características e identidades ao participante Portador, como é o caso da ocorrência (28) abaixo:

28	Os dois filhos menores <u>estavam</u> muito gripados. [C#2] OC14
----	--

Em (28), a narradora discorre que os filhos de Maria estavam muito gripados, mas ela estava feliz por voltar para casa com as sobras de alimento da ceia da patroa e com o dinheiro gerado pelo esforço de seu trabalho. Percebemos que, concomitante com os processos Materiais, os processos Relacionais acontecem durante toda a narrativa estabelecendo relações entre as entidades e, principalmente, atribuindo características a elas. Em (28) “os dois filhos

menores” se configuram como participante Portador, pois é a entidade a qual é atribuída uma característica. O processo é Relacional e “muito” é o intensificador do Atributo “gripados”.

O terceiro processo mais recorrente é o processo Mental (com a quantidade de 34 ocorrências). É possível perceber no [C#2] que a narradora expressa uma visão mais pessoal sobre o desenrolar do enredo, assim como acontece com o [C#1], pois se trata de uma característica típica do gênero a subjetividade, como é o caso da ocorrência (29) abaixo:

29	Maria se <u>assustou</u> . [C#2] OC88 Ela não <u>conhecia</u> assaltante algum. [C#2] OC89 <u>Conhecia</u> o pai de seu primeiro filho. [C#2] OC90
----	--

Os processos “assustou” e “conhecia” são exemplos de processos mentais, pois se referem à experiência do mundo da consciência da personagem Maria. Neste caso, “Maria” é o participante chamado de Experienciador. Em [C#2] OC89, o pronome “ela” se refere à Maria, bem como na oração subsequente, estando oculto. Quando os passageiros acusam Maria de que ela conhecia os assaltantes, a narradora logo discorre acerca da experiência do mundo da consciência da protagonista, de que ela havia se assustado e de que não conhecia assaltante, mas sim, o pai de seu primeiro filho. É importante salientar que a fala de Maria não é recorrente no enredo. Abaixo, temos uma ocorrência em que a própria personagem fala se defendendo brevemente, se configurando como discurso indireto livre:

30	Mentira, eu não fui e não <u>sei</u> por quê. [C#2] OC98
----	--

Quando os passageiros afirmam que Maria não havia descido só para disfarçar, ela tenta se defender. Constatamos em (30) o único momento em que a protagonista toma a fala no enredo. O processo “sei” é Mental, faz parte do mundo da consciência da participante que, como Experienciador, não sabe o motivo de não ter sido assaltada. As vozes dos passageiros aparecem por meio de discurso direto, evidenciando o julgamento. Porém, a voz da protagonista é representada por discurso indireto livre, na maioria das vezes, ou seja, sua fala é reproduzida por meio da narradora que fala pela personagem, que sabe o mundo da consciência da protagonista. Acreditamos que essa estratégia serve para enfatizar que a mulher é silenciada, sobretudo a mulher negra e pobre, que no caso, não tem chance e não tem tempo de se explicar.

Tudo é muito rápido, e logo após ser rapidamente julgada pelos passageiros, a protagonista é morta.

O quarto processo mais recorrente no [C#2] é o processo Verbal (com a quantidade de 16 ocorrências). O exemplo (31) adiante ilustra esse tipo de oração:

31	O homem <u>falava</u> , mas continuava estático, preso, fixo no banco. [C#2] OC59
----	---

O processo destacado “falava” é um processo Verbal, indica processo de dizer. O participante da oração é o Dizente, que, neste contexto, refere-se ao ex-homem de Maria, pai de seu filho mais velho, que após ter pago a passagem dela, senta-se ao seu lado. Sem virar para ela, o homem fica estático, mas mesmo assim mantém um diálogo, evidenciado pelo verbo “falava”.

O quinto processo mais recorrente é o processo Comportamental (com a quantidade de 05 ocorrências):

32	Ela poderia <u>descansar</u> um pouco, <u>cochilar</u> até a hora da descida. [C#2] OC25
----	--

Os processos “descansar” e “cochilar” são processos tipicamente humanos. Neste momento do [C#2], a narradora supõe que a protagonista poderia “descansar” e “cochilar” no ônibus até a hora de descer, pois havia cadeiras vagas. Neste caso, Maria, representada pelo pronome “ela”, é o participante Comportante, um ser consciente.

Há casos ainda, que embora o processo esteja próximo do verbal, ele se configura como comportamental. Isso confirma o que a teoria afirma quando diz que entre os processos, há fronteiras entre um tipo de processo e outro. O exemplo abaixo, ilustra esse tipo de oração:

33	<u>Cochichava</u> com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. [C#2] OC60
----	--

O processo destacado “cochichava” é um processo que se situa na fronteira entre processo Verbal e Comportamental. O processo indica o ato de dizer, mas quando relacionando com o contexto, participantes e circunstâncias, percebemos que ele dá uma ideia de processo

Comportamental, pois indica processo de comportamento tipicamente humano. O participante da oração é o Comportante, que, neste contexto, refere-se ao ex-homem de Maria, pai de seu filho mais velho, que após ter pago a passagem dela, senta-se ao seu lado sem virar para ela, mas “cochicha” realiza um processo tipicamente humano visando falar baixo sobre o filho e o “buraco-saudade no peito” dele.

Verificamos outra ocorrência atípica. Em (34), o predicado “punha sangue” poderia ser substituído por “sangrava”. Então, esse processo pode ser classificado como comportamental, como um processo fisiológico:

34	Maria <u>punha</u> sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. [C#2] OC116
----	--

Neste trecho, narra-se o momento posterior ao linchamento de Maria pelos passageiros do ônibus que resultou em sua morte. Na ocorrência, temos “Maria” que é o participante Comportante, a que realiza um processo fisiológico resultado da agressão de terceiros. O processo “punha” é tipicamente Material, mas neste contexto se configura como Comportamental. A protagonista põe sangue pela boca, nariz e ouvidos por ter sido linchada.

Por fim, temos o processo Existencial, que ocorre apenas quatro vezes no segundo conto, e o seu participante é o Existente. A ocorrência (33) abaixo exemplifica esse tipo de processo:

35	<u>Havia</u> o silêncio de todos no ônibus. [C#2] OC72
----	--

Diante do exposto, é possível perceber que os processos Materiais se sobressaem aos demais. Acontecem sucessões de fatos tendo a mulher como protagonista, sendo o Participante Ator mais recorrente também. O segundo processo mais recorrente foi o processo Relacional, sendo os participantes Portador e Atributo mais recorrentes neste tipo de processo. No [C#2], sucedem-se uma série de ações, mas também se descrevem características, descrições de personagens e de cenários em um texto que tem como principal tipologia textual a narração.

A pesquisa realizada por Silva e Sousa (2022), que estudam a representação discursiva de crenças de homens professores da Educação Infantil, nos revela que as crenças que estão vinculadas à linguagem, constroem nossa identidade. Utilizando-se da LSF como suporte teórico para esta pesquisa, os autores nos revelam que uma das crenças perpetuadas neste âmbito é de que há preconceito produzido e disseminado pela sociedade acerca de homens professores de

educação infantil. Trazemos este dado para este tópico para mostrar o quanto o estudo do Sistema de Transitividade nos dá subsídio para as mais diversas formas de investigação na linguagem.

Os autores mapearam as crenças dos sujeitos através do Sistema de Transitividade, em vista de analisar como eles constroem sua identidade profissional por meio do discurso. Assim, buscou-se observar se os participantes são sujeitos que fazem, que são, que existem, que dizem, que pensam, sentem ou se comportam em contextos de atuação profissional e de formação acadêmica. Nesta pesquisa, percebeu-se que o preconceito é viabilizado e disseminado na e pela sociedade, o que faz com que homens não ocupem a primeira etapa da Educação Básica. Os autores nos mostram que os professores expressam a crença sobre os processos de discriminação produzidos pela sociedade, o que tem relação com o fato de certos papéis sociais serem destinados a homens e a mulheres de modo específico e pontual.

O [C#2], apesar de se tratar de um gênero fictício, nos leva a refletir sobre a realidade e a identidade cultura e social de nosso país, tal como proposto por Silva e Sousa (2022). Podemos perceber que são perpetuadas visões estereotipadas da mulher negra que vive na periferia e que luta para sobreviver pelo seu árduo trabalho. Maria representa todas as mulheres negras, pobres e periféricas, que, assim como ela, sofrem com as crenças preconceituosas - de uma sociedade racista. Tais crenças, “vinculadas à linguagem, compõem nossa identidade” (SILVA; SOUSA, 2022, p. 179) nos ajudam a refletir sobre nossa identidade cultural e social como projeto racista e genocida, que deve, obrigatoriamente, ser desconstruído e superado (CAFÉ, 2021).

5.2.2.2 Modalização

Para verificação e análise dos significados dos recursos interpessoais de modalização presentes nas proposições, consideramos algumas categorias. Para o tipo de modalização, consideramos, como já explicitado na seção anterior deste trabalho, a Probabilidade (os graus de certeza) e Usualidade (graus de usualidade). Também verificamos a orientação modal em subjetivo implícito, subjetivo explícito, objetivo implícito e objetivo explícito. Por fim, verificamos a polaridade das ocorrências.

No [C#2], a maioria das ocorrências nos revela que o grau de probabilidade é o que mais acontece nos enunciados modalizados. Porém, é importante destacar que se manifesta também no tipo usualidade. Para o tipo probabilidade, verificamos maior saliência para o grau alto (verificamos 22 ocorrências). As ocorrências (36), (37) e (38), adiante, ilustram os graus alto (verificamos 12 ocorrências), médio (verificamos 3 ocorrências) e baixo (verificamos 7 ocorrências) de probabilidade, respectivamente:

36	Maria, <u>não</u> te <u>esqueci</u> . [C#2] OC57
----	--

37	Ela <u>poderia</u> descansar um pouco [...]. [C#2] OC25
----	---

38	Que merda! <u>Não</u> <u>conhecia</u> assaltante algum. [C#2] OC104
----	---

Em (36), o verbo de significação plena caracteriza o alto grau de probabilidade (certeza). O “não”, que marca polaridade negativa, neste caso, está indicando, juntamente com o verbo de cognição, que o ex-homem de Maria não a esqueceu, ou seja, continua guardando-a na memória. Neste caso, há um fenômeno interessante: a negação, que incide sobre o verbo de cognição, repercute sobre o valor instaurado, acontecendo a mudança de polo negativo para positivo, fazendo com que se altere o sentido da oração. A orientação modal, neste caso, se configura como subjetiva explícita, pois o personagem é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca do evento descrito na proposição.

Em (37), o verbo auxiliar “poderia” caracteriza a média probabilidade, indicando que a protagonista, caso sentasse numa cadeira vaga no ônibus, poderia descansar um pouco. A orientação modal, neste caso, também se configura como subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação e realiza seu julgamento subjetivo acerca da situação.

Em (38) a polaridade negativa com o verbo de cognição caracteriza, ao contrário de (36), o baixo grau de probabilidade, pois indica o desconhecimento de Maria, que declara não conhecer assaltante algum. A orientação modal também se configura como subjetiva explícita. O julgamento é explícito e a narradora é a fonte da informação.

Quanto à usualidade (constatamos apenas 05 ocorrências). As ocorrências (39), (40) e (41), adiante, ilustram os graus de alta frequência (verificamos 02 ocorrências), média frequência (verificamos 1 ocorrência) e baixa frequência (verificamos 02 ocorrências), respectivamente:

39	O preço da passagem estava aumentando <u>tanto</u> ! [C#2] OC05
----	---

40	Ficava, apenas <u>de vez em quando</u> , com um ou outro homem. [C#2] OC51
----	--

41	Ela poderia descansar um <u>pouco</u> . [C#2] OC25
----	--

Em (39), a expressão adverbial de usualidade destacada denota a ideia de que o preço da passagem estava aumentando frequentemente. Também podemos dizer que tem sentido de quantificador. Neste caso, há marca explícita de objetificação e o falante é a fonte da avaliação, podendo configurar-se quanto à orientação modal como objetiva explícita.

Em (40), a expressão “de vez em quando” mostra a média frequência com que Maria ficava com algum homem. A orientação modal neste caso é tida como objetiva explícita.

Em (41), por fim, a expressão adverbial “pouco” caracteriza a baixa frequência com que Maria descansava, indicando uma orientação modal subjetiva explícita.

Não verificamos orientação modal subjetiva implícita, nem objetiva implícita, pois o [C#2] mostra marcas explícitas das avaliações subjetivas e objetivas. Os graus de usualidade intensificam problemas enfrentados pela mulher como é o caso de (39), apresentam a frequência com que ocorrem, como é possível perceber em (40) e mostram a baixa frequência com que os eventos ocorrem. Essa conjuntura nos leva a interpretar que esta mulher marginalizada socialmente enfrenta duros problemas e preocupações financeiras devido sua classe baixa. É possível perceber, portanto, uma mulher que descansa pouco, já que possui uma vida dura demais e luta para sustentar seus filhos sozinha. Porém, essa mesma mulher que tem uma vida árdua, é um ser que pensa, que possui desejos, que precisa de descanso e que é humana.

No [C#2], os dois tipos de modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade. Os graus de certeza que o enunciador tem sob a veracidade do que informa é mais utilizado do que o tipo que relaciona os graus de frequência que o enunciador aponta para as experiências informadas. Para a probabilidade, há maior grau de certeza, e, para a usualidade, a alta e a baixa frequências possuem a mesma quantidade de recorrência, maior que a média frequência. A subjetividade explícita é o que mais acontece no [C#2], que tem relação com a narradora em 3ª pessoa, que tudo sabe acerca dos personagens. Quanto à polaridade, predomina a positiva, já que se trata da forma não marcada da língua, assim como no [C#1].

5.2.2.3 Estrutura Temática

Diante da análise, percebemos que o modo oracional predominante é o modo declarativo, mas também há orações interrogativas e exclamativas. Entre Tema Simples e Tema Múltiplo, o mais recorrente é o Tema Simples Não Marcado, o padrão típico, usual. No [C#2], muitas orações iniciam pelo verbo, sendo o sujeito ocluído, o que é muito comum na língua portuguesa. Na análise de todos os contos, estamos de acordo com a tese de que processos podem ser considerados Tema da oração. Assumimos como Tema não marcado os casos em que o sujeito é implícito ou recuperado pela coesão textual.

Diante da articulação Tema – Rema, percebemos manifestação de Tema Simples Marcado e Não-Marcado. Também encontramos Tema Múltiplo. Assim como no [C#1], no [C#2], o tipo de Tema que mais se manifesta é o Tema Simples Não-Marcado (verificamos a quantidade de 97 ocorrências). Assim como no [C#1], no [C#2], a ordem habitual dos constituintes da oração é a escolhida pela autora, como é o caso das ocorrências (42) e (43) abaixo:

42	<u>Lincha!</u> Lincha! Lincha! [C#2] OC115
----	--

43	<u>Estavam</u> todos armados com facas a laser que cortam até a vida. [C#2] OC123
----	---

Em (42), alguém grita para que Maria seja linchada, e, em (43), a narradora discorre que todos estavam armados com facas a laser. A autora também utiliza o mecanismo de iniciar as orações com verbos. Em (43), o sujeito ocorre após o verbo; ademais, temos uma oração relativa, que cumpre a função de restringir o significado do sintagma nominal “facas a laser”.

Embora menos recorrente, estruturas temáticas nas quais o tema é marcado (verificamos a quantidade de 15 ocorrências) acontecem, como é o caso do exemplo (44) abaixo:

44	<u>Todos os dias</u> , mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. [C#2] OC113
----	---

Em (44), há um sintagma nominal deslocado que não está funcionando como sujeito. Não é típico, mas acontece no funcionamento da língua. Este exemplo caracteriza o Tema

Marcado, haja vista que é a expressão modalizadora de usualidade que introduz a oração. O personagem, que é o motorista do ônibus, chama atenção para o tempo, a frequência com que a mulher tomava ônibus com ele, e o horário, que era mais ou menos o mesmo. Percebemos, portanto, que o motorista fala em favor de Maria, relatando a realidade e tentando defendê-la, embora sem sucesso.

Quanto ao Tema Múltiplo, este foi o menos recorrente no [C#2]. Podendo ser constituído de três formas, identificamos apenas ocorrências do Tema Múltiplo composto por Tema Textual + Tema Experiencial (contabilizando 13 ocorrências). Abaixo, exemplificamos essa estrutura temática com a ocorrência (45):

45	<u>E haveria de se tornar</u> um homem. [C#2] OC36
----	--

O modo oracional da ocorrência acima é declarativo. Configura-se como tema múltiplo, do tipo Tema Textual + Tema Experiencial, pois o elemento “E” em destaque é um Tema Textual, é um elemento tipicamente, mas não obrigatoriamente temático, e se encontra em posição inicial na oração. Logo após a conjunção “E”, elemento finito, há a expressão verbal “haveria de se tornar”, que faz parte da estrutura de transitividade, já que faz parte do processo. O elemento textual dá força ao verbo para destacar que o menino, filho da protagonista, em um futuro não muito longe, se tornaria um homem.

Não encontramos ocorrências do Tema Múltiplo Interpessoal + Experiencial. Também não encontramos ocorrências do Tema Textual + Interpessoal + Experiencial. No [C#2], este fenômeno nos leva a crer que a autora busca escrever de modo que os elementos textuais sejam mais facilmente processados do ponto de vista cognitivo, do mesmo modo que ocorre no [C#1].

Acima, foram exemplificados excertos do [C#2] de modo oracional declarativo. Há ocorrências de orações exclamativas, interrogativas e imperativas. Adiante, segue excerto exclamativo que, na primeira frase, não contempla estrutura de transitividade, mas, na segunda, sim:

46	<u>Que bom! Nasceu!</u> [C#2] OC34
----	------------------------------------

A expressão “Que bom!” não apresenta estrutura temática, nem estrutura de transitividade. Já “Nasceu!” é tema marcado, pois é considerado tema não marcado no modo

oracional exclamativo apenas orações com temas que apresentam o elemento QU- + exclamativo em posição inicial.

Podemos concluir que o modo oracional declarativo predomina e o tema simples não marcado também. O Tema Não Marcado é composto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal ou verbos com sujeito elíptico, assim como no [C#1]. No [C#2], quanto ao tema múltiplo, há a predominância do Tema Textual + Tema Experiencial, o que estabelece coesão durante a narrativa. A ordem canônica segue sendo a mais utilizada, o que faz com que menos esforço cognitivo seja feito para o processamento dos enunciados da narrativa, indiciando, possivelmente, uma preferência de estilo.

5.3 Representação sobre a mulher negra no conto *Ana Davenga*

O conto *Ana Davenga* (doravante [C#3]) constitui uma narrativa na qual Ana Davenga, a personagem protagonista do conto, apaixonou-se por Davenga, um criminoso. Ana passa a morar com Davenga e a usar seu sobrenome. Desse modo, apesar de ter certo respeito e reconhecimento pelos membros mafiosos da comunidade, ela tem de obedecer a certas regras impostas pelo patriarcado. Uma das regras é de que a protagonista não poderia falar sobre o que acontecia no seu dia a dia, como podemos perceber na ocorrência (47) abaixo:

47	Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. [C#3] OC32
----	---

Podemos dizer que Ana Davenga era silenciada. Ao escolher um homem do mundo do crime, conseqüentemente, não podia falar do que acontecia em sua rotina para ninguém, o que evidencia seu silenciamento. Em nenhum momento Ana é agredida por seu parceiro. Também não há indícios de agressão verbal para com ela. Porém, na narrativa, é descrito uma ameaça aos parceiros de Davenga, caso algum deles “bulissem com sua mulher”, como é exemplificado na ocorrência (48) abaixo:

48	Qualquer um que <u>bulisse</u> com ela <u>haveria de morrer sangrando</u> nas mãos dele feito porco capado. [C#3] OC34
----	--

Ana é descrita como uma mulher sensual, mulher que afluía os desejos dos companheiros de Davenga. Porém, eles a respeitavam, pois ela era a mulher do grande chefe e sabiam que, se bulissem com ela, haveriam de morrer. Outro ponto que vale destaque no [C#3] é de que Davenga tinha “posse do corpo Ana”. Nos momentos de relação sexual, Davenga chorava, o que fazia com que Ana “sentisse uma dor intensa”. Embora Ana buscasse satisfazer os desejos de seu marido, por vê-lo chorar, também se sentia culpada, acabava sofrendo com a situação, como é possível exemplificar na ocorrência (49):

49	<p>E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, <u>sentia uma dor intensa</u>. [C#3] OC66 Era como se Davenga <u>estivesse sofrendo</u> mesmo, e <u>fosse ela a culpada</u>. [C#3] OC67</p>
----	--

A protagonista mantém relações sexuais com o homem, apesar do “gozo-pranto”. Ela está silenciada, não entende o choro do homem nos momentos que deveriam ser de prazer, mas ela se mantém em silêncio e se esforça para satisfazer os desejos de seu companheiro. Ana até pensa em se negar a realizar o ato sexual, mas ela sempre cedia ao pedido de Davenga, que a “caçava”. Embora não tivesse o que fazer para evitar a dor do parceiro, ao menos tentava satisfazê-lo, enxugando o “gozo-pranto” de seu homem, como é exemplificado em (50) abaixo:

50	<p>Um dia <u>pensou em se negar</u> para não ver Davenga chorando tanto. [C#3] OC71 Mas <u>ele pedia, caçava, buscava</u>. [C#3] OC72 <u>Não restava nada a fazer</u>, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem. [C#3] OC73</p>
----	---

Ana não tinha direito a escolher, ela simplesmente aceitava tudo em seu silêncio, pois escolhera viver com um homem perigoso e se manteve com o propósito de apenas amá-lo. É possível afirmar que “o homem, em diversos casos, não tem intenção de violência, mas necessita de alguém que atenda a todas suas vontades e desejos, e assim intimida a mulher com seu poder e as mantém sob seu controle” (MIRANDA; BURD, 2018, p. 08). Diante da intimidade exemplificada na ocorrência acima, é possível afirmar que Ana está numa condição submissa, apesar de que Davenga não a agride, nem profere más palavra a ela. Na sociedade, existem mulheres que, assim como Ana, amam, sofrem e ficam caladas demais. Elas se submetem ao “amor bandido” para ter a satisfação do parceiro, bem como se sentem bem com a vida que levam (MIRANDA; BURD, 2018).

Assim como Ana gostava de Davenga, ele também gostava dela. Ana remetia a lembranças que lhe traziam profundos remorsos, mulheres que Davenga havia conhecido antes. Uma dessas mulheres se chamava Maria Agonia. Ele havia mandado matar Maria Agonia, que era uma mulher que Davenga havia conhecido, mas, que por ser evangélica e filha de pastor, não havia aceitado viver com ele no barraco. Foi, então, que revoltado, mandou que alguém matasse a mulher cujo corpo foi achado todo perfurado a balas, o que evidencia a violência física ao corpo feminino.

A violência física que Ana Davenga sofre acontece no final do conto, quando a polícia invade o barraco e mata o casal. Ana morre na cama, metralhada, “protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga”. Apesar de ser a mulher de um criminoso, Ana não oferecia perigo aos policiais, mas, mesmo assim, ela e seu bebê são mortos, sem chance de defesa.

No [C#3], a mulher é silenciada, submissa e violentada, mas também é protetora, é bonita, é amante fiel e é forte. Porém, o que se destaca é seu silêncio do início ao fim. Ao se referir à protagonista, por exemplo, tudo está muito no plano dos desejos, sonhos, pensamentos e ideias, mas esta mulher não tem voz. Apenas vive a tensão do dia a dia em silêncio, sem verbalizar os questionamentos, esperando por notícias de seu marido que passava tempos foragido. Ana ficava à espera de seu homem, o provedor da casa, fazendo afazeres de casa e ajudando as mulheres dos demais criminosos nas demandas cotidianas.

Além de o silêncio e a angústia de Ana diante das incertezas da vida ao lado de um homem do crime, Ana representa a figura feminina acolhedora, lugar de aconchego para o pranto do homem na hora do gozo. Davenga, embora criminoso, ao lado da protagonista, mostra-se frágil com uma criança, que chora no colo da mãe. O [C#3] também repensa a figura masculina humanizando-a, como afirmam Mariano; Inácio (2020, p. 469) “humaniza-se Davenga pela própria voz de Ana – que coloca-o enquanto uma figura emocional e cuidadora”.

5.3.1 Descrição contextual

Quanto ao contexto de situação, temos o campo, as relações e o modo. Quanto ao campo, que se refere ao que está acontecendo, no conto *Ana Davenga*, é possível perceber que o enredo trata da realidade de uma mulher negra que vive na favela e que se relaciona com um homem que é criminoso e que também é negro. O nome do homem é Davenga e ele já se envolveu em assaltos, como o realizado a um político, por exemplo. Também se narra o relacionamento dele com uma jovem que ele havia conhecido na prisão, ao visitar um amigo. A moça costumava ir

aos presídios para pregar a palavra de Deus e ela era filha de um pastor. Davenga a conhece, e eles se relacionam às escondidas, mas o relacionamento é interrompido quando a mulher, que se chama Maria Agonia, não aceita ir morar com ele. Davenga manda matar a jovem, pois a narrativa nos revela que ela apenas mantia um caso com ele, mas não desejava ser, de fato, a mulher de um bandido. Por não concordar com a ideia, ela é morta.

No enredo, narra-se o homicídio de uma mulher. Davenga não realizou a ação, mas solicitou que alguém fizesse por ele. Embora narrado numa obra fictícia, o fenômeno é reflexo do que acontece na realidade brasileira. Homens, quando não conformados com fim de relacionamento, muitas vezes, chegam a cometer homicídio às suas ex-companheiras. De acordo com uma pesquisa realizada, no que concerne aos homicídios de mulheres, é possível afirmar que:

Em uma comparação internacional, o Brasil possuía a quinta maior taxa de homicídios de mulheres do mundo em 2003. A taxa de homicídios de mulheres vinha crescendo no Brasil desde a década de 1980, encontrando seu ápice em 1996, com 4,6 mulheres mortas a cada 100 mil habitantes. Depois desse ano, a taxa decaiu, chegando a 3,9 em 2007. Contudo, após 2007, a taxa voltou a crescer, alcançado 4,8 em 2012 e 2013, as maiores taxas de homicídio de mulheres dos últimos trinta anos. Desde o ano de assinatura da Plataforma de Beijing, 75.280 mulheres foram assassinadas no Brasil (ENGEL, 2020, p. 188).

As taxas gerais de homicídios já trabalhadas pelo Mapa da Violência mostram os locais das ocorrências, mas ainda não existem dados detalhados sobre as possíveis motivações. Dos homicídios cometidos contra mulheres nas duas últimas décadas, a maioria ocorreu com mulheres negras e indígenas o que nos revela que essas mulheres estão cada vez mais vulneráveis à violência letal (ENGEL, 2020). Estas informações nos confirmam o quanto é importante o papel da Literatura ao representar a realidade. Mulheres negras e indígenas são mais vulneráveis ao feminicídio e a leitura do [C#3] nos permite refletir isso, quando se narra que uma mulher periférica é morta por não permanecer em um relacionamento com um homem que é envolvido com o crime.

No enredo, no início do [C#3], narra-se a festa surpresa de Ana Davenga. A protagonista parece aflita porque seu marido demorava a chegar. A partir de então, narram-se os fatos do passado para explicar como eles se conheceram, bem como alguns feitos por Davenga antes de conhecer a esposa. No conto, aborda-se, ainda, os comparsas de Davenga que tinham desejo por Ana, pois ela era uma mulher atraente, mas ninguém ousava incomodá-la por ser a mulher do “chefe”. Ademais, conta-se que a mulher estava sempre em silêncio, submissa a tudo por estar com ele. Como se conheceram numa roda de samba, em dias difíceis para Davenga, ele estava sendo procurado pela polícia por ter feito um assalto a um deputado.

No conto, narra-se, ainda, os momentos íntimos do casal em que se descreve a bezela de Davenga, como um homem bonito, negro, grande, de pele lisinha e brilhante, “que Deus lhe dera”, mas que chorava feito criança durante o ato sexual. Ana foi morar com Davenga e esta mulher fazia com que ele se lembrasse das mulheres que ele já havia se relacionado antes, dentre elas, a filha do pastor que ele mandou matar por não ter aceitado viver com ele. No decorrer do enredo, Davenga lembra da mãe, das irmãs, por exemplo, o que é interessante, pois humaniza-se o personagem. Ana é uma mulher importante na vida dele, pois o faz lembrar de outras pessoas que também foram importantes na vida dele. Ao final da festa de aniversário, quando os dois foram para cama, no momento do ato sexual, a polícia chega e aborda o casal, mirando a metralhadora em Ana Davenga. Quando o homem pega a camisa, a polícia metralha os dois, inclusive Ana, grávida, com as mãos na barriga, protegendo o bebê.

Quanto às relações, há os participantes na situação, que são a autora e o leitor. Quanto aos participantes do texto [C#3], há Ana Davenga, Davenga, os comparsas de Davenga e suas mulheres, as crianças, o deputado, Maria Agonia e os policiais. São mencionadas uma única vez as mulheres da família de Davenga, mas apenas citadas, sem descrever ações nem características. São elas: a mãe, as irmãs, as tias, as primas e a avó, a velha Isolina. Apenas se menciona o desejo de que elas fizessem parte da vida de Davenga. É importante destacar que os participantes homens são os que tomam decisões, realizam ações, ao passo que as mulheres, apenas são submissas, esperam por seus maridos. A protagonista sente e deseja, mas é silenciada. A mulher que contrariou Davenga, que não aceitou a proposta de ir morar com ele no barraco, foi morta, o que evidencia a submissão e a violência para com gênero feminino. Ana não é violentada por seu marido, mas também, diante da narrativa, nunca o contrariou, nem se posicionou. Podemos perceber que Ana tem a vida silenciada e como afirmam Mariano; Inácio (2020, p. 474) “ao atermo-nos ao conto, percebemos que, desde o início, sua vida é imersa na experiência negrofeminina vinculada à dor e ao silenciamento”.

Quanto ao modo, percebemos que a linguagem é constitutiva e o meio é escrito. Há orações do modo declarativo, interrogativo e exclamativo. Há vocativo e figuras de linguagem, característicos de textos literários. Ainda na perspectiva da descrição contextual, há a verificação do modo que ocorre dentro do canal gráfico e o meio é escrito. É possível perceber ocorrências de orações do modo interrogativo, “Esqueceu de você?”; no indicativo, “Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana”; e expressões vocativas, como

“Davenga, Davenga, que festa é esta?”; além de figuras de linguagem, como a metonímia¹⁵, em “Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas”.

O [C#3], em comparação com os demais contos analisados, possui mais interrogações. A predominância das orações interrogativas tem motivação funcional, haja vista que elas têm ligação com os pensamentos da personagem, suas angústias e incertezas, manifestadas muitas vezes por meio de perguntas.

Exposta a descrição contextual do [C#3], como já mencionado anteriormente, importante passo para o estudo do texto na perspectiva sistêmico-funcional, apresentamos na próxima seção, a análise linguística, que, relacionada aos significados contextuais, nos possibilita analisar as representações para a mulher manifestadas nos contos selecionados.

5.3.2 Descrição linguística

Abordada a representação da mulher no [C#3] e sua descrição contextual, o presente passo trata-se da descrição linguística. Assim como nos contos anteriores, segmentamos o texto em orações. Depois, pequenos excertos do [C#3], pois, de acordo com a GSF, devemos considerar o que está em volta da oração para melhor compreensão e análise.

Seguindo os mesmos moldes da análise dos contos anteriores, discutimos a Representação da mulher no sistema de Transitividade, descrevemos os recursos de Modalização, e, por fim, apresentamos os resultados referentes à Estrutura Temática.

No item a seguir, iniciamos a discussão da classificação de processos, participantes e circunstâncias, categorias do Nível Representacional, realizadas pelo sistema de Transitividade.

5.3.2.1 Sistema de Transitividade

Como já mencionado anteriormente, no Sistema de Transitividade, classificamos os processos, participantes e circunstâncias. No [C#3], os processos que mais se anunciam são os processos Materiais (com a quantidade de 233 ocorrências). A predominância dos processos Materiais está relacionada à natureza dos fatos narrados, os atos de “fazer-acontecer” que se desenrolam na narrativa. Acontecem recortes de cenas em que há ações do passado que explicam como Ana e Davenga se conheceram e como foi o desenrolar dessa relação. Nos

¹⁵ “Figura de linguagem em que um objeto é designado por uma palavra que se refere a outro, por existir uma relação entre os dois” (METONÍMIA, 2023). No exemplo, o peito é metonímico, é tomado por Davenga, ser humano e animado.

[C#1], [C#2] e [C#3]; predominam os processos materiais que têm relação com o contexto do gênero e a tipologia textual que é a narração. Na narração, ocorrem mudanças no fluxo de eventos e os processos Materiais têm papel fundamental nessas mudanças. O tipo de participante mais recorrente é o participante Ator, o participante que pratica a ação. Para exemplificar, mencionamos a ocorrência (49) abaixo:

51	Ana Davenga <u>alisou</u> a barriga. [C#3] OC244 Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. [C#3] OC245
----	--

No excerto acima, Ana Davenga pratica a ação de alisar a barriga quando percebe que o que estava acontecendo naquele momento era sua festa surpresa de aniversário. Quando observou o movimento de pessoas, mulheres e crianças, principalmente, logo alisa sua barriga pensando em seu bebê que estava em seu ventre “bem pequena, bem sonho ainda”. Posteriormente, a narradora faz uma reflexão acerca de como seria o futuro daquelas crianças, se acompanhariam as façanhas dos pais ou se trilhariam caminhos diferentes.

Um outro exemplo de processo Material está destacado no excerto abaixo:

52	Ao acabar a pregação, ela <u>saiu</u> do meio dos outros, <u>passou</u> por ele e <u>fez</u> um sinal. [C#3] OC197 Ele <u>foi</u> atrás. [C#3] OC198
----	--

No momento em que há um recorte do passado de Davenga, quando ele se encontrava às escondidas com a filha do pastor, a jovem faz um sinal para que ele vá até ela. Os processos Materiais “saiu”, “passou” e “fez” são ações da filha do pastor, ela é Ator em [C#3] OC197. O processo Material “foi” indica mudança no fluxo de eventos e indica uma ação do Ator “ele” que, no caso, é Davenga em [C#3] OC198. A cena construída, portanto, é Maria Agonia fazendo sinal para que Davenga fosse ao seu encontro e ele foi.

O segundo processo mais recorrente é o processo Mental (com a quantidade de 124 ocorrências). O participante mais recorrente, concomitante com o processo Mental, é o Experienciador. Percebemos que a mulher, neste conto, é a que mais sente, pensa, deseja, mas suas ações ficam no plano do pensamento. Isso é interessante, se levarmos em consideração que a protagonista é uma mulher silenciada. Quem toma as decisões são homens, quem realiza as ações são os homens, na maioria das vezes, neste conto. Porém, a protagonista pensa, mas não concretiza as ações, o que evidencia seu silenciamento, como é o caso da ocorrência (53) abaixo:

53	Um dia <u>pensou</u> em se negar para não <u>ver</u> Davenga chorando tanto. [C#3] OC71 Mas ele pedia, caçava, buscava. [C#3] OC72 Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem. [C#3] OC73
----	---

Ana Davenga “pensou” em se negar a praticar o ato sexual para não ver seu marido “chorar tanto”, mas ele a buscava e Ana cedia. Ana é Experienciador, ela sente, ela pensa, mas pouco realiza ações de maneira geral, no conto. Davenga convence Ana a realizar seus desejos sem agredi-la, mesmo ela se sentindo desconfortável com a situação de seu homem chorar no momento da relação sexual.

Sabemos que a língua é um fenômeno essencialmente social. Temos evidências linguísticas do silenciamento da mulher negra no [C#3] através da protagonista Ana. De fato, existe o silenciamento da mulher negra na sociedade e esse silenciamento é sistemático, já que as mulheres negras passam por violências diárias e são privadas de uma imagem positiva de si, como afirmam Mariano e Inácio (2020, p. 474):

Das violências diárias que as mulheres negras passam emerge a hegemonia da branquitude que as priva do direito de uma imagem/representação positivada de si - afetando e limitando a participação no mercado afetivo, no pleno exercício de sua sexualidade e no acesso ao trabalho. Essas violências circunscrevem seu corpo e sua vivência e comprova os violentos mecanismos de exclusão da branquitude. Ao atermo-nos ao conto, percebemos que, desde o início, sua vida é imersa na experiência negro-feminina vinculada à dor e ao silenciamento.

A personagem Ana é vítima da sociedade de exclusão. Historicamente, sabemos que as mulheres são vítimas da dominação colonial e masculina que as oprimiu por tantos anos. Embora tenha-se abolido a escravidão no Brasil, os resquícios da exclusão, do preconceito e da hipersexualização do corpo negro feminino, por exemplo, perduram e são problematizados nos contos analisados.

O terceiro processo mais recorrente no [C#3] é o processo Relacional (com a quantidade de 118 ocorrências), assim como no [C#1], que estabelece relação entre duas entidades diferentes. Em textos narrativos, contribuem na definição de coisas e estruturam conceitos, como já dito anteriormente. Abaixo, a ocorrência (54) exemplifica:

54	Davenga <u>era</u> bom. [C#3] OC20 <u>Tinha</u> um coração de Deus, mas, invocado, <u>era</u> o próprio diabo. [C#3] OC21
----	---

Davenga é o Portador, pois é a ele que é atribuído uma característica. Neste caso, “bom” é Atributo que é a característica que é atribuída a Davenga. Neste momento, na narrativa, se menciona que Davenga era bom, mas que “invocado, era o próprio diabo”. Ou seja, outra característica lhe é atribuída, respectivamente. Caso fosse provocado, a atribuição dele seria contrária a bom, ele seria “mau” como o diabo. Há, portanto, uma definição das características referentes a personalidade de Davenga, marido de Ana Davenga, a protagonista. Percebemos que, apesar de não fazer mal em questão de agressão à sua mulher, caso fosse incitado, seria um homem perigoso, portanto, as pessoas tinham de ter muito cuidado ao lidar com ele para que o homem não viesse a fazer atos violentos.

Há uma relação atributiva maquiéista neste excerto. Davenga era bom, desde que não fosse contrariado. Ou seja, existem dois extremos. A Davenga era atribuída uma personalidade muito boa ou muito ruim. Há uma linha tênue neste caso, com relação à personalidade de Davenga. O patriarcalismo do personagem se sobressai quando se comparamo com Ana, que é dependente dele e que não deve contrariá-lo. Por outro lado, é desconstruído quando a narradora humaniza o personagem que foi construído culturalmente no Brasil como desumanizado. No [C#3], a narradora “desconstrói” as formas como o patriarcado é historicamente assimilado por figuras negro-masculinas” (MARIANO; INÁCIO, 2020, p.471).

O quarto processo mais recorrente no [C#3] é o processo Verbal (com a quantidade de 22 ocorrências) representando processos de dizer, como é o caso da ocorrência (55) abaixo:

55	Não <u>perguntou</u> de que o homem vivia. [C#3] OC164
----	--

Esse é o momento em que Ana Davenga inicia o relacionamento com Davenga. Ela simplesmente decide viver com ele, sem “perguntar” de que o homem vivia. Ela sabia das atividades que ele realizava e dos riscos que iria correr estando com ele. Ela “não pergunta”. O “não” evidencia mais uma vez que Ana não faz o questionamento da profissão do homem que seria seu marido. Mais uma vez, há uma evidência linguística de seu silenciamento, pois já sabia que estava entrando em uma vida perigosa apenas por estar com ele, apesar de não fazer ações maléficas à sociedade.

O quinto processo mais recorrente é o Comportamental, que designa um comportamento psicológico ou fisiológico tipicamente humano. No [C#3], percebemos poucas ocorrências (com a quantidade de 09 ocorrências). Para exemplificar, vejamos abaixo a ocorrência (56) em

que Davenga, o Comportante, chorava ao ter relação sexual com Ana. O processo é Comportamental e o participante “ele” é o Comportante, um ser consciencite:

56	Ele <u>chorou</u> como sempre. [C#3] OC202
----	--

O processo menos recorrente é o Existencial (com apenas 06 ocorrências). O participante típico é o Existente. A ocorrência (57) abaixo exemplifica esse tipo de processo:

57	Depois <u>haveria</u> o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. [C#3] OC275
----	---

Diante do exposto, é possível afirmar que os processos Materiais e Mentais se sobressaem aos demais do mesmo modo do [C#1]. Acontecem sucessões de fatos tendo o marido de Ana Davenga como participante Ator em boa parte do texto. Os processos Mentais têm como Experienciador, muitas vezes, Ana Davenga, a mulher silenciada que apenas pensa, sente e deseja, mas que não é Ator predominante que realiza ações no “mundo do fazer-acontecer”. A narradora em 3ª pessoa narra os fatos sabendo dos sentimentos e desejos dos personagens. Descreve-se, neste caso, a condição de submissão feminina no enredo, em que a mulher obedece ao contexto de violência em que está inserida. A mulher, neste conto, pouco realiza ações, apenas observa e sente, aceitando sua condição em um contexto em que vive tensa e oprimida, mas que escolhe e anseia o sonho de ter uma vida feliz e um filho, que possa trilhar um bom caminho.

5.3.2.2 Modalização

No [C#3], a maioria das ocorrências nos revela que o grau de probabilidade é o que mais acontece nos enunciados modalizados. Porém, é importante destacar o que se manifesta também no tipo usualidade. Para o tipo usualidade, o grau que mais predomina é o grau ligado à alta frequência (verificamos 09 ocorrências), haja vista de se tratar de gênero narrativo. Não identificamos média frequência, mas encontramos ocorrências de baixa frequência (verificamos 06 ocorrências). Abaixo, exemplificamos, respectivamente, alta frequência e baixa frequência:

58	Ele trazia <u>sempre</u> dinheiro e coisas. [C#3] OC165
----	---

59	<u>Um pouco</u> que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um <u>tantinho</u> com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. [C#3] OC58
----	--

A ocorrência (58) caracteriza a alta frequência com que Davenga dava à Ana dinheiro e coisas. Como provedor da casa, é ele quem mantém a esposa. Podemos relacionar a ocorrência com a questão social do patriarcado na qual o homem mantém o poder primário, tem o controle e possui o domínio da família, mantendo a gerência do lar. Essa proposição ilustra, ainda, a usualidade objetiva explícita. Neste caso, a narradora está comprometida com a factualidade do estado de coisas descrito no excerto. O fato de Davenga trazer sempre dinheiro e coisas, extrapola a opinião da narradora.

A ocorrência (59) caracteriza a baixa frequência ligada à usualidade. Ana Davenga saía pouco para buscar roupa no varal ou falar com as amigas. A orientação modal neste caso é subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação e está explícito na sentença.

Quanto aos graus de probabilidade, identificamos o grau alto (verificamos 23 ocorrências), o médio (verificamos 07 ocorrências) e o baixo (verificamos 04 ocorrências). Abaixo, exemplificamos, respectivamente, os graus alto, médio e baixo:

60	Os amigos <u>entenderam</u> . [C#3] OC35
----	--

61	<u>Achavam</u> que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. [C#3] OC86
----	---

62	Ela <u>não sabia</u> onde eles estavam na vida de Davenga. [C#3] OC79
----	---

Em (60), o verbo pleno de cognição “entenderam” evidencia uma modalidade epistêmica indicadora de certeza. A orientação modal, neste caso, se configura como subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca da situação narrada. Nesta parte do conto, narra-se a sensualidade de Ana Davenga e a capacidade de Davenga de matar alguém que chegasse a mexer com ela. A ocorrência (60) é uma afirmação da compreensão certa de que os amigos de Davenga haviam entendido o recado. Ou seja, é uma certeza, não há dúvidas.

Em (61), narra-se o momento em que Ana é apresentada como mulher de Davenga, como aquela que passaria a morar “no quartel-general do chefe”, o que preocupava os demais,

pois eles temiam que Ana soubesse de todos os segredos deles. Os amigos de Davenga “achavam” que ele “iria se dar mal” e comprometer todo o grupo. O verbo pleno indicador de crença caracteriza a proposição como uma opinião que a narradora atribui aos comparsas de Davenga, indicando o grau médio de probabilidade de o conteúdo ideacional encaixado pelo verbo da oração matriz ocorrer. A orientação modal também se configura como subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca da situação narrada.

Em (62), o advérbio de negação “não”, que marca polaridade negativa, quando acompanhado do verbo de cognição “saber”, indica desconhecimento, fenômeno muito similar ao que ocorreu em [C#1]. Assim como nas duas primeiras ocorrências, em (62), a orientação modal se configura como subjetiva explícita.

No [C#3], os dois tipos de modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade. O tipo que relaciona os graus de certeza que o enunciador tem sob a veracidade do que é informado é maior do que o tipo que relaciona os graus de frequência que o enunciador aponta para as experiências descritas. Para a probabilidade, há a predominância do grau de certeza, e, para a usualidade, a predominância da baixa frequência. A certeza é indicada, na maioria das vezes, em [C#3], por meio de verbos plenos de cognição, o que enfatiza os reais desejos e pensamentos dos personagens, sem haver dúvidas. A predominância da alta frequência indica, na maioria das vezes, a assiduidade com que Davenga realizava ações.

Quanto à orientação e à manifestação da Modalização, percebemos que a narradora, assim como em [C#3], marca-se a todo momento como fonte da avaliação, indicando, a partir de seu ponto de vista de narradora onisciente, o envolvimento/engajamento dos participantes do enredo nos eventos descritos no conto. A subjetividade explícita é o que mais ocorre no [C#3].

Quanto à polaridade, ocorre tanto positiva, quanto negativa. Predomina a polaridade positiva, já que se trata da forma não marcada da língua. A polaridade negativa, quando incide sob verbos modais, indica mais “desconhecimento” do que negação, como é o caso do excerto abaixo:

63	Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também <u>não sabia</u> por que lembrar. [C#3] OC264
----	---

5.3.2.3 Estrutura Temática

Em [C3#], o modo oracional predominante é o modo declarativo, embora haja ocorrências do modo oracional interrogativo e exclamativo. Neste conto ocorrem muitas interrogações ligadas ao pensamento da personagem protagonista. Muitas das vezes, essas orações interrogativas indicam dúvidas, incertezas e preocupações de Ana acerca de seu marido, como por exemplo, a busca por saber onde ele estava. Entre Tema Simples e Tema Múltiplo, o mais recorrente é o Tema Simples Não Marcado, o padrão típico, usual. Antes de verificar o Tema, é importante que se verifique o modo, ou seja, se a cláusula é declarativa, interrogativa ou imperativa.

Diante da análise da articulação Tema-Rema, percebemos manifestações de Tema Simples Marcado e Não-Marcado. Também encontramos o Tema Múltiplo. O tipo de Tema que mais se manifesta em [C#3] é o Tema Simples Não Marcado (verificamos a quantidade de 204 ocorrências). Assim como em [C#1] e em [C#2], a ordem habitual dos constituintes da oração é a escolhida pela autora. As ocorrências (64) e (65), abaixo, exemplificam Temas Simples Não Marcado:

64	<u>Davenga</u> gostou dos movimentos do corpo da mulher. [C#3] OC89
----	---

65	<u>Ela</u> fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. [C#3] OC90
----	---

Ambas as orações estão no modo oracional declarativo e têm Tema Simples Não Marcado sujeitos. Em (64), Davenga é o Sujeito, é o Tema, pois está em posição inicial na oração. Neste caso, coincide com a informação dada, ou seja, a informação que já é conhecida e recuperável pelo contexto. O Rema em (64) é “gostou dos movimentos do corpo da mulher”, o restante da mensagem, que, neste caso, coincide com a informação nova, o que o ouvinte desconhece e passa a conhecer. Essa coincidência acontece por causa da relação icônica entre Tema, Dado e Sujeito.

Em (65), também acontece o mesmo. O pronome “ela”, que se refere à Ana, é o Tema, pois ocupa posição inicial na oração e expressa a informação dada que é a informação já conhecida. O Rema em (65) é “fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda”, o restante da mensagem, que, neste caso, coincide com a informação nova, o que o ouvinte desconhece e passa a conhecer. Nesse momento da narrativa, a sucessão de fatos que acontecem é o momento em que Davenga começa a observar Ana, enquanto ela dançava. Este é o momento no texto que

trata de quando os dois se conheceram. As ocorrências (64) e (65) expressam notoriamente a ordem habitual, linear da língua portuguesa.

Observamos que, embora menos recorrente, aparecem estruturas temáticas nas quais o Tema é Marcado (verificamos a quantidade de 53 ocorrências):

66	<u>Muitas vezes</u> , Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. [C#3] OC168
----	---

67	<u>No princípio</u> , os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. [C#3] OC26
----	---

As expressões “muitas vezes”, em (66), e “no princípio”, em (67), são exemplos de elementos como ponto de partida para a organização da oração com Tema Marcado. Em (66), o modalizador de usualidade, com função interpessoal, caracteriza a frequência com que Davenga mandava sua esposa entregar dinheiro e coisas para as mulheres dos amigos dele, que era frequentemente. Em (67), o sintagma prepocisional, com função ideacional indicadora de circunstância, marca o momento inicial do evento descrito na oração, no caso o fato de os amigos de Davenga terem ciúme e desconfiança de Ana quando a conheceram. A estrutura Temática Marcada em [C#3] é usada para enfatizar a frequência e o tempo em que certas situações aconteciam.

Quanto ao Tema Múltiplo, sabemos que ele pode ser constituído de três formas: Tema Textual + Tema Experiencial (verificamos a quantidade de 32 ocorrências), Tema Interpessoal + Tema Experiencial (verificamos a quantidade de 01 ocorrência), Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial (não verificamos nenhuma ocorrência). Observamos que a combinação de tema múltiplo mais recorrente em [C#3] é o Tema Textual + Tema Experiencial. Abaixo, exemplificamos essa estrutura temática com a ocorrência (68):

68	<u>E as mulheres</u> , como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. [C#3] OC42
----	---

O modo oracional da ocorrência acima é declarativo. Configura-se como tema múltiplo, do tipo Tema Textual + Tema Experiencial, pois o elemento “E” em destaque é uma conjunção aditiva com função coesiva. Logo após a conjunção “E”, há o sujeito “as mulheres”, que faz parte da estrutura de transitividade. É o tema topical, também chamado de experiencial, pois é

sujeito da oração, é o participante, o Ator realizador do processo material. Neste caso, o elemento textual dá força ao sujeito para destacar que eram as mulheres que rodeavam seus companheiros, “parando atrás de seu homem certo”, o que gerou tensão em Ana por não ver seu marido.

Identificamos o tema múltiplo do tipo (Tema Interpessoal + Tema Experiencial) em (66). Como já explicado acima, o modalizador de usualidade está em função interpessoal, caracterizando frequência com que Davenga mandava sua esposa entregar dinheiro e coisas para as mulheres dos amigos dele. Não identificamos o tema múltiplo (Tema Textual + Tema Experiencial + Tema Interpessoal). Isso nos revela que a autora busca escrever de modo que os elementos textuais sejam mais facilmente processados do ponto de vista cognitivo, bem como caracteriza o estilo da escritora que escreve de maneira simples, mas sem ser simplista, com uma linguagem acessível e objetiva, de modo que seja facilmente compreendida por qualquer leitor.

Vale destacar, ainda, que há ocorrências de orações exclamativas e interrogativas, mas não há orações imperativas, o que condiz com a tipologia textual que é narrativa. Não há predominância de diálogo entre os personagens. Na maior parte do enredo, acontece narração em 3ª pessoa. A narradora é onisciente, tudo sabe acerca dos personagens, suas ações e pensamentos. Abaixo, seguem duas ocorrências, ambas de orações exclamativas manifestadas em [C#3], uma que não apresenta estrutura de transitividade, nem estrutura temática, pois se trata de um nome próprio; outra cujo tema é marcado, já que é considerado tema não marcado no modo oracional exclamativo apenas orações com temas que apresentam o elemento QU- + exclamativo em posição inicial:

69	Davenga! Davenga! [C#3] OC41
----	------------------------------

70	<u>Era</u> uma festa! [C#3] OC243
----	-----------------------------------

Em (70) o Tema é o processo relacional “era”.

Em (71), a seguir, identificamos orações interrogativas marcadas:

71	<u>Esqueceu</u> da vida? [C#3] OC262 <u>Esqueceu</u> de você? [C#3] OC263
----	---

Em (71), a oração é marcada, pois há elipse do sujeito na interrogativa. Esse é um dos poucos momentos em que há fala dos personagens. Neste caso, Davenga está fazendo perguntas à sua mulher. Antes de Davenga fazer perguntas à sua mulher, ela faz alguns questionamentos a si mesma, preocupada com seu marido. Essas indagações não necessariamente precisam ter respostas, mas ilustram dúvidas e preocupações da protagonista por não estar vendo seu marido, imaginando que o pior poderia ter acontecido.

Podemos concluir que o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples não marcado também. O tema não marcado é composto, neste conto, na maioria das vezes, pelo Sujeito, um sintagma nominal ou verbos com sujeito elíptico. A combinação do Tema Textual + Tema Experiencial favorece a coesão durante a narração e construção das cenas. Diante da análise de [C#3], a ordem canônica dos constituintes da oração é a mais utilizada. Assim, menor esforço cognitivo precisa ser feito para interpretação dos enunciados da narrativa, assim como acontece em [C#1] e em [C#2]. Conceição Evaristo utiliza-se de linguagem poética. O texto é escrito em prosa, mas há forte característica poética devido à subjetividade e as figuras de linguagem, que condizem com a Literatura que é arte. Nos contos analisados, percebemos que a autora carrega um estilo de uma linguagem poética que é marcada por sua etnicidade. A ordem direta da língua portuguesa em seus contos combinado com a subjetividade, nos revela que a autora opta por deixar seus textos acessíveis e possíveis de serem lidos e compreendidos por qualquer leitor. Acreditamos que a autora deseja que a escrita descolonizadora seja de fácil acesso para todos. É importante salientar, ainda, que a ordem habitual dos constituintes das orações facilita a compreensão, mas não desqualifica a qualidade dos textos.

5.4 Representação sobre a mulher negra no conto *Duzu-Querença*

Nomeamos o conto *Duzu-Querença* como [C#4]. Este constitui uma narrativa na qual a personagem protagonista chama-se Duzu-Querença. Seus pais levaram-na ainda criança para a cidade, pois tinham esperanças de que Duzu iria estudar e trabalhar. A realidade é que Duzu ficou instalada na casa de Dona Esmeraldina, dona de um prostíbulo, local onde a menina ajudava nos afazeres de casa. No decorrer do tempo é que a menina entende o motivo da casa “ter tantos quartos” e de ver tantas vezes “homens dormindo em cima de mulheres”.

A narrativa inicia-se contando que Duzu, já velha e mendiga, comia restos de comida na escadaria da igreja:

68	Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, <u>aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas.</u> [C#4] OC01 Um homem passou e olhou para a <u>mendiga</u> , com uma expressão de asco. [C#4] OC02
----	---

Podemos perceber que a protagonista se encontra em um estado de miséria, uma vez que se alimenta de restos de comida, se encontra com as unhas sujas e é nomeada como mendiga. No decorrer da narrativa, narra-se seu passado. Narra-se como Duzu chegou à cidade, uma vez que foi deixada na casa de Dona Esmeraldina por seus pais, que acreditavam que ali a menina teria um futuro melhor, poderia estudar e trabalhar:

69	Era preciso também <u>dar outra vida para a filha.</u> [C#4] OC31 Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. [C#4] OC32 <u>Ela podia trabalhar e estudar.</u> [C#4] OC33
----	--

Porém, a realidade foi outra. Duzu trabalhava bastante, passava e lavava roupas. Cuidava da limpeza dos quartos. Dona Esmeraldina havia instruído a menina para que antes de entrar nos quartos, ela batesse nas portas. Um dia, a menina esqueceu e viu homens dormindo em cima de mulheres:

70	Homens acordados <u>em cima das mulheres.</u> [C#4] OC62 <u>Homens mexendo em cima das mulheres.</u> [C#4] OC63 <u>Homens trocando de lugar com as mulheres.</u> [C#4] OC64
----	---

Duzu, ainda criança e inocente, presenciou cenas de relações sexuais. Naquele ambiente, não demorou muito para que ela fosse assediada e abusada. Em um determinado momento da narrativa, um homem inicia um ato de abuso sexual contra a menina, perceptível no exemplo abaixo:

71	Houve até aquele quarto em que <u>o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente...</u> [C#4] OC68
----	--

Para além do abuso e da violência sexual, Duzu sofre da miséria, isso é evidenciado mais fortemente na sua vida madura, quando Duzu já é uma senhora. Ou seja, não bastasse toda a violência que passara durante a juventude e a vida adulta, ela morre sendo miserável e aos delírios, como a narradora destaca abaixo:

72	E foi <u>aprofundando nas raias do delírio</u> que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias.[C#4] OC143
----	---

Duzu se recusava sofrer, por isso se entregava aos delírios, uma maneira de mascarar a dor. É possível perceber, conforme o trecho destacado acima, que Duzu representa a realidade de exploração e violência que acomete a população afrodescendente, sobretudo a mulher negra. Além do abandono pelos pais, desde criança, Duzu vive em meio à prostituição, sem ao menos entender o que era aquilo, devido sua inocência por ser ainda criança. Ela perde a infância. Não lhe é dada a possibilidade de estudar, de brincar. Duzu tem de trabalhar, e, no enredo, quando menos se espera, é violentada sem entender. Ela se encontra em uma situação em que tem de escolher ficar ali, se prostituir e dar todo o dinheiro para Dona Esmeraldina em troca de ter alimentação e um teto para ficar debaixo, ou sair dali e ficar sem nada. Duzu permaneceu com Dona Esmeraldina por muitos anos e depois foi para outros lugares. Teve nove filhos, mas termina a vida só, delirando. Pobre e miserável, termina a vida comendo restos de comida e delirando para disfarçar a dor de toda uma vida extremamente sofrida, a qual ela não teve escolha e nem voz.

5.4.1 Descrição contextual

Quanto ao contexto de situação, temos o campo, as relações e o modo. Quanto ao campo, que se refere ao que está acontecendo, no conto *Duzu-Querença*, é possível perceber que o enredo trata da realidade de uma mulher que teve a infância perdida. Como já mencionado, Duzu é levada à cidade ainda criança, pois os pais acreditavam que a menina teria um futuro melhor. Porém, a menina vive em um bordel e tem ali suas primeiras experiências sexuais, abusada e violentada ainda criança.

Sem ter escolhas, ela vive ali por muitos anos, mas um dia parte de lá. Conheceu muitos homens, teve muitos filhos, mas vive numa intensa solidão. Duzu parece silenciada, não fala, não tem voz. No fim da vida, morre fraca, mendiga nas ruas e aos delírios.

Quanto às relações, há os participantes na situação, que são a autora e o leitor. Quanto aos participantes do texto [C#4], há Duzu, um homem, a mãe, o pai, uma senhora, a filha de Zé Nogueira, mulheres bonitas, a moça do quarto, um homem que passa a mão em Duzu, Dona Esmeraldina, os filhos de Duzu, um companheiro mendigo e os três netos que mais marcavam assento em seu coração, Angélico, Tático e menina Querença. São mencionadas as mulheres da

família de Duzu, como Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos.

É importante destacar que, apesar de ser protagonista, Duzu não tem voz. Ela é silenciada. A narradora onisciente é quem aproxima a personagem e seu íntimo ao leitor. É a narradora que apresenta informações, sentimentos e pensamentos. Desde a infância, a protagonista Duzu não teve escolhas. Temos, portanto, a dominação masculina, que desde sempre, independente da relação com a protagonista, dominou a vida da personagem.

Quanto ao modo, percebemos que a linguagem é constitutiva e o meio é escrito. Há orações no modo declarativo, interrogativo e exclamativo. Há vocativos e figuras de linguagem, característicos de textos literários. Ainda na perspectiva da descrição contextual, há a verificação do modo que ocorre dentro do canal gráfico e o meio é escrito. É possível perceber ocorrências de orações no modo interrogativo, “por que aquele homem dormia em cima da moça?” e no indicativo, “Estava engraçado”.

Exposta a descrição contextual do [C#4], como já mencionado anteriormente, importante passo para o estudo do texto na perspectiva sistêmico-funcional, apresentamos na próxima seção, a análise linguística, que, relacionada aos significados contextuais, nos possibilita analisar as representações para a mulher manifestadas nos contos selecionados.

5.4.2 Descrição linguística

Abordada a representação da mulher no [C#4] e sua descrição contextual, o presente passo trata-se da descrição linguística. Assim como nos contos anteriores, segmentamos o texto em orações. Depois, consideramos pequenos excertos do [C#4], pois, de acordo com a GSF, devemos considerar o que está em volta da oração para melhor compreensão e análise.

Seguindo os mesmos moldes da análise dos contos anteriores, discutimos a Representação da mulher no sistema de Transitividade, descrevemos os recursos de Modalização, e, por fim, apresentamos os resultados referentes à Estrutura Temática do [C#4].

No item abaixo, iniciamos a discussão da classificação de processos, participantes e circunstâncias, categorias do Nível Experiencial, realizadas pelo sistema de Transitividade.

5.4.2.1 Sistema de Transitividade

Como já mencionado anteriormente, no Sistema de Transitividade, classificamos os processos, participantes e circunstâncias. No [C#4], os processos que mais se anunciam são os

processos Materiais (com a quantidade de 145 ocorrências). A predominância dos processos Materiais está relacionada à natureza dos fatos narrados, os atos de “fazer-acontecer” que se desenrolam na narrativa. Acontecem cenas em que se narram fatos do presente e do passado da protagonista. Nos [C#1], [C#2], [C#3] e [C#4] predominam os processos materiais que têm relação com o contexto do gênero e a tipologia textual que é a narração. Na narração, ocorrem mudanças no fluxo de eventos e os processos Materiais têm papel fundamental nessas mudanças, o que justifica a predominância desse processo em todos os contos selecionados para a análise.

Para exemplificar, apresentamos a ocorrência (73) a seguir:

73	Um dia o homem estava deitado nu e sozinho [C#4] OC94 <u>Pegou</u> a menina e <u>jogou</u> na cama. [C#4] OC95
----	--

Neste trecho, narra-se o momento em que um homem estava deitado em um dos quartos do prostíbulo de Dona Esmeraldina. Em seguida, ele “pega” a menina e “joga” na cama. Os processos em destaque são Materiais, uma vez que “pegar” e “jogar” são processos de fazer acontecer, que se desenrolam como ações. O “homem” é Ator, ele realiza as ações e a “menina” é a afetada pelo processo, ou seja, ela é a Meta. Nesta cena, Duzu é ainda “menina”, criança. Ela não tem maturidade suficiente para julgar o ato a que fora acometida. Duzu, como é uma criança, não tem noção do ambiente de violência a que está submetida.

Os processos Mentais e Relacionais, depois dos Materiais, são os que mais ocorrem no [C#4]. A recorrência de processos Mentais (com a quantidade de 79 ocorrências) e Relacionais estão a serviço do gênero tratado. O narrador onisciente expressa uma visão mais pessoal acerca do desenrolar do enredo, sabendo dos pensamentos e sentimentos dos personagens, como é o caso da ocorrência (74) abaixo:

74	<u>Queria</u> todo o dinheiro e já! [C#4] OC105
----	---

Temos destacado em (74) o processo Mental. Neste momento do enredo, Dona Esmeraldina descobre que Duzu estava mantendo relações sexuais com homens e ganhando dinheiro. Ao saber disso, a narradora nos mostra o desejo de Dona Esmeraldina, a dona do prostíbulo, que “queria todo o dinheiro”. Foi a partir de então que Duzu compreendeu o motivo de ter tantos quartos, tantas mulheres e o porquê do homem lhe dar dinheiro. Duzu é explorada

por Dona Esmeraldina. Ela não tem escolha. Para permanecer debaixo daquele teto e ter o que comer, Duzu tem de ter relações sexuais com homens e entregar todo o dinheiro para a dona do prostíbulo, caso contrário, iria ser despejada.

O terceiro processo mais recorrente é o processo Relacional (com a quantidade de 78 ocorrências), que estabelece relação entre duas entidades diferentes. Como se trata de uma narrativa, tanto contribui na definição de coisas, como estruturam conceitos. Exemplificamos o processo Relacional com a ocorrência (75) a seguir:

75	Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela <u>era</u> menina, bem pequena [C#4] OC20
----	---

Neste caso, temos “era” como processo Relacional, uma vez que “ela” é Portador, é a entidade à qual é atribuída uma característica e “menina” é o Atributo, a característica que é atribuída ao Portador. Sendo assim, há uma caracterização da personagem principal, evidenciando que, quando Duzu chegou à cidade pela primeira vez, ela era bem pequena, uma criança ainda.

Quanto às orações Comportamentais, em que o processo designa um comportamento psicológico ou fisiológico tipicamente humano, no [C#4], percebemos algumas ocorrências (com a quantidade de 18 ocorrências). Para exemplificar, abaixo mostramos o momento em que Duzu observa um homem dormindo em cima de uma mulher em um dos quartos. A ocorrência (76) evidencia o processo Comportamental e o partipante “um homem” que é o Comportante, um ser consciente:

76	Em cima dela <u>dormia</u> um homem. [C#4] OC52
----	---

O quinto processo que mais se manifesta no [C#4] é o processo Existencial (com a quantidade de 07 ocorrências), com pouca diferença em relação ao processo Verbal. O exemplo (77) adiante ilustra esse tipo de oração:

77	Na cidade <u>havia</u> senhoras que empregavam meninas. [C#4] OC32
----	--

O processo menos recorrente no [C#4] é o processo Verbal (com a quantidade de 5 ocorrências). O exemplo (78) adiante ilustra esse tipo de oração:

78	Um companheiro mendigo havia-lhe <u>dito</u> que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. [C#4] OC166
----	---

Acima, o Dizente “um companheiro mendigo” disse para Duzu que sua roupa de carnaval, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Nesse momento da narrativa, Duzu, já velha, perto de morrer, estava se fantasiando para o carnaval. Ela queria fazer parte da ala das baianas, mas um companheiro mendigo discorda de que sua fantasia serviria para entrar na ala das baianas. Porém, ela acredita que estrelas não são apenas para fadas, mas para ela, para seus netos, por exemplo. A sua roupa enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas era sua fantasia. E foi vestida nessa fantasia que ela delirou, brincou de voar e morreu.

Diante do exposto, é possível perceber que os processos Materiais e Mentais se sobressaem aos demais. Acontecem sucessões de fatos tendo a mulher como protagonista. Quanto aos participantes, o Ator é o mais recorrente, já que os personagens participam ativamente das ações do enredo. O Experienciador é o segundo mais recorrente, haja vista que a narradora onisciente revela o que os personagens sentem e desejam. Os processos Materiais e Mentais ocorrem com mais recorrência, respectivamente, nos [C#1], [C#3] e [C#4], o que condiz com o gênero e com a natureza dos eventos narrados.

5.4.2.2 Modalização

No [C#4], a maioria das ocorrências nos revela que o grau de probabilidade é o que mais acontece nos enunciados modalizados. Porém, é importante destacar que verificamos, também, o tipo usualidade, que se manifesta, no conto analisado, nos graus de alta e baixa frequências (05 ocorrências para ambos os tipos). Não identificamos média frequência. Adiante, exemplificamos, respectivamente, a alta e a baixa frequência:

79	Duzu voltava <u>sempre</u> . [C#4] OC92
----	---

80	Quando ele vinha estar com ela, passava <u>às vezes</u> a noite ali. [C#4] OC132
----	--

Em (79), apresenta-se a frequência com que Duzu voltava para o quarto. Ela decidiu que nem sempre iria bater na porta dos quartos e “ia entrar entrando”. A partir do momento em que Duzu recebeu “um carinho do homem” e recebeu dinheiro em troca, ela passou a entrar no quarto com frequência. O recurso modal de usualidade “sempre” destacado em (79) evidencia isto. A orientação modal se configura como objetiva explícita, pois se trata de uma ação da protagonista e a polaridade é positiva.

Em (80), apresenta-se a frequência com que Tático, neto de Duzu, vinha estar com ela. “Às vezes” o garoto ia para onde Duzu estava e dormia no mesmo local que ela. A expressão em destaque em (80) evidencia a frequência com que um dos netos mais queridos de Duzu vinha estar com ela. A orientação modal é objetiva explícita, uma vez que se descreve um conjunto de estado de coisas, evidenciado pelos predicados “vinha estar” e “passava”, explícitos na ocorrência.

Quanto aos graus de probabilidade, identificamos os graus alto (verificamos 11 ocorrências) e baixo (verificamos 06 ocorrências). A seguir, exemplificamos, respectivamente, os grau alto e baixo:

81	Duzu naquele momento <u>entendeu</u> o porquê do homem lhe dar dinheiro. [C#4] OC106
----	--

82	Duzu <u>não sabia</u> ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. [C#4] OC96
----	--

Em (81), o verbo pleno de cognição “entendeu” evidencia uma modalidade epistêmica de certeza. A orientação modal, neste caso, configura-se como subjetiva explícita, pois a narradora é a fonte da avaliação, que revela seu julgamento subjetivo acerca da situação narrada. Nesta parte da narrativa, conta-se o momento em que Duzu começa a entender o motivo do homem dar dinheiro para ela. Duzu, ainda criança, passa a entender que homens frequentavam os quartos de Dona Esmeraldina para manter relações sexuais com mulheres e, em troca, davam dinheiro para elas. É evidente que a casa de Dona Esmeraldina se trata de um prostíbulo, mas a grande questão problematizada é o fato de uma criança, ainda em sua inocência, está mergulhada no mundo da prostituição sem ter escolhas e sem ter consciência ainda disto.

Em relação ao trecho (82), o advérbio de negação “não” marca polaridade negativa e, quando acompanhado do verbo de cognição “saber”, nos revela desconhecimento, fenômeno recorrente em todos os contos analisados. Duzu “não sabia” o “ritmo do corpo”, o que nos

indica a inexperiência da menina com relação ao ato sexual. Neste caso, a orientação modal se configura como subjetiva explícita.

No [C#4], os dois tipos de modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade. O tipo que relaciona os graus de certeza que o enunciador tem sob a veracidade do que é informado é maior do que o tipo que relaciona os graus de frequência que o enunciador aponta para as experiências informadas, assim como acontece nos [C#2] e [C#3]. Para a probabilidade, há maior grau de certeza e, para usualidade, alta e baixa frequências têm a mesma recorrência. A certeza é indicada, na maioria das vezes, no [C#4], com verbos plenos de cognição, o que enfatiza os reais desejos e pensamentos dos personagens. A alta e baixa frequências indicam a periodicidade com que acontecem os fatos ou que se espera que aconteçam.

Quanto à orientação e à manifestação da Modalização, percebemos que a narradora, assim como no [C#4], marca-se a todo momento como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes da narrativa. A subjetividade explícita é a que mais ocorre no [C#4].

Quanto à polaridade, ocorre tanto positiva, quanto negativa. Predomina a polaridade positiva, já que se trata da forma não marcada da língua. A polaridade negativa, quando incide sob verbos modais, indica mais “desconhecimento” do que negação, fenômeno que acontece em todos os contos analisados.

5.4.2.3 Estrutura Temática

No [C#4], o modo oracional predominante é o modo declarativo, embora haja ocorrências do modo oracional interrogativo e exclamativo. Entre Tema Simples e Tema Múltiplo, o mais recorrente é o Tema Simples Não Marcado, o padrão típico, usual.

Diante da análise da articulação Tema-Rema, percebemos manifestações de Tema Simples Marcado e Não-Marcado. Também encontramos o Tema Múltiplo. O tipo de Tema que mais se manifesta no [C#4] é o Tema Simples Não Marcado (verificamos a quantidade de 159 ocorrências). Assim como nos [C#1], [C#2] e [C#3], a ordem habitual dos constituintes da oração é a escolhida pela autora. Abaixo exemplificamos dois Temas Não Marcado nas ocorrências (83) e (84):

83	<u>Agachou-se</u> quieta. [C#4] OC09
----	--------------------------------------

84	<u>Levantou</u> devagar. [C#4] OC13
----	-------------------------------------

Ambas as orações estão no modo oracional declarativo e têm como estrutura temática o Tema Simples Não Marcado nos processos que iniciam as orações, que, como vimos, fazem parte da estrutura de transitividade. Em (83), Duzu, que é o sujeito da oração, está oculto, mas que é recuperável pelo discurso precedente e identificável pela desinência do processo. O ato de se agachar é a informação dada, enquanto “quieta” é a informação nova, Rema. Em (84) também acontece o mesmo. O processo “levantou” é a informação dada, ao passo que “devagar” é a informação nova. Nesse momento, a sucessão de fatos que acontecem é o momento em que Duzu está na rua catando restos de comida, estando fraca, sentindo cãimbra nas pernas. Este é o momento no texto que trata de quando Duzu está velha, no fim da vida. É um recorte inicial do fim da vida da protagonista.

Por outro lado, no conto (C#4), observamos que, embora menos recorrente, aparecem estruturas temáticas nas quais o Tema é Marcado (verificamos a quantidade de 11 ocorrências), como podemos verificar na ocorrência (85) a seguir:

85	<u>Em outros</u> , era bem-aceita. [C#4] OC67
----	---

A parte da oração “em outros” em (85) é um exemplo de Tema Marcado, pois introduz a oração, mas não está funcionando como sujeito. Em (85), chama-se atenção para ilustrar que havia quartos em que Duzu, ao espiar, era bem-aceita, era convidada a participar do que acontecia com os casais nos quartos. A estrutura Marcada no [C#4] é usada para enfatizar lugares e a frequência com que certas situações aconteciam.

Quanto ao Tema Múltiplo, sabemos que ele pode ser constituído de três formas: Tema Textual+Tema Experiencial (verificamos a quantidade de 28 ocorrências), Tema Interpessoal + Tema Experiencial (verificamos 2 ocorrências), Tema Textual+Tema Interpessoal+Tema Experiencial (não verificamos nenhuma ocorrência). Observamos que a combinação de Tema Múltiplo mais recorrente no [C#4] é o Tema Textual + Tema Experiencial. Abaixo, exemplificamos essa estrutura temática com a ocorrência (86):

86	<u>E a menina</u> tinha sorte. [C#4] OC36
----	---

O modo oracional da ocorrência acima é declarativo. Configura-se como Tema Múltiplo, do tipo Tema Textual+Tema Experiencial, pois o elemento “E” em destaque é um uma conjunção com valor textual, é um elemento tipicamente, mas não obrigatoriamente temático, e se encontra em posição inicial da oração. Logo após a conjunção “E”, há o sujeito “a menina”, que faz parte da estrutura de transitividade. É o Tema Topical, também chamado de Experiencial, pois é sujeito da oração, é o participante, é o elemento que faz parte da transitividade. Neste caso, o elemento textual dá força ao sujeito para destacar um pensamento dos pais de Duzu, que acreditavam que “a menina tinha sorte”, que iria se “dar bem no trabalho”, pois uma mulher havia arranjado um trabalho para a filha de Zé Nogueira, conhecido dos pais de Duzu, e arrumaria um trabalho para a menina também.

Identificamos o Tema Múltiplo do tipo (Tema Interpessoal+Tema Experiencial), como demonstra a ocorrência (87) abaixo:

87	<u>Vagarosamente ela</u> foi se aproximando. [C#4] OC87
----	---

Em (87), temos um Tema Interpessoal “vagarosamente” e um Tema Experiencial “ela”, que é Sujeito, faz parte da estrutura de Transitividade e se refere à protagonista. O advérbio de modo “vagarosamente” expressa o modo como Duzu se aproxima do casal que estava dentro do quarto. Duzu foi “vagarosamente”, pois tudo aquilo era muito novo para ela.

O fato de não termos identificado o Tema Múltiplo do tipo (Tema Textual + Tema Experiencial + Tema Interpessoal) mais uma vez nos revela que a autora busca escrever de modo que os elementos textuais sejam mais facilmente processados do ponto de vista cognitivo.

Acima foram exemplificados excertos do [C#4] do modo oracional declarativo. Vale destacar que há ocorrências de orações exclamativas e interrogativas, mas não há orações imperativas, o que condiz com a tipologia textual que é narrativa, em que uma narradora conta os fatos. Não há diálogo entre os personagens. A narradora é onisciente, tudo sabe acerca dos personagens, suas ações e pensamentos. Abaixo, segue a ocorrência (88), que ilustra o modo exclamativo expresso no [C#4], cujo Tema é Marcado, já que é considerado Tema não Marcado no modo oracional exclamativo apenas orações com temas que apresentam o elemento QU- + exclamativo em posição inicial:

88	<u>Era</u> tão novo! Treze anos. [C#4] OC130
----	--

Em (88) o Tema é o processo e ele é marcado porque não há elemento QU- + exclamativo, pois a estrutura inicia-se com o verbo “era”.

Identificamos a oração interrogativa Marcada, como é o caso de (89), pois há elipse do sujeito na interrogativa:

89	<u>Não estava vendo</u> que ela era uma menina? [C#4] OC70
----	--

Também identificamos a oração interrogativa Não Marcada, como é o caso de (90), pois há uma pergunta do tipo QU-:

90	<u>por que</u> aquele homem dormia em cima da moça? [C#4] OC53
----	--

Podemos concluir que o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples Não Marcado também. O Tema Não Marcado é composto, neste conto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal ou verbos com sujeito elíptico, assim como nos outros contos analisados. A combinação do Tema Textual + Tema Experiencial estabelece coesão durante a narração e a construção das cenas. Diante da análise do [C#4], a ordem canônica dos constituintes da oração é a mais utilizada. Assim, menor esforço cognitivo precisa ser feito para interpretação dos enunciados da narrativa, fenômeno comum em todos os contos analisados.

5.5 Sistematização dos resultados

Em [C#1], narra-se a história da protagonista do enredo, que sendo filha, lembra da mãe que brinca, conta histórias e distrai a fome ao passo que recupera a ancestralidade africana. Neste conto, o processo Material predomina, bem como o participante Ator. A predominância do processo Material está relacionada à natureza dos fatos narrados, pois eventos de “fazer-acontecer” se desenrolam em cenas de memórias da narradora, como já mencionado anteriormente. Acontecem recortes de cenas em que há ações que envolvem a relação da mãe com as filhas em momentos de fome. Os processos Mentais são o segundo mais recorrente, o que nos revela que mulheres não só realizam ações, como também pensam, sentem e desejam. Processos Mentais também têm relação com a natureza do gênero conto, que permite subjetividade.

Em [C#1], quanto à modalização, os dois tipos estão presentes, mas com maior saliência para o tipo usualidade. Para probabilidade, há maior grau de possibilidade e, para usualidade, predomina a baixa frequência. Essas marcas de usualidade, em [C#1], evidenciam a frequência de realização desses eventos. A baixa frequência mostra cenas pontuais em que, geralmente, a mãe tirava um tempo para brincar com as filhas, apesar do pouco tempo e dos problemas enfrentados. Quanto à orientação modal, a subjetividade explícita é a que mais acontece no [C#1]. Evidentemente, isso tem relação com a escolha pela autora do narrador-protagonista, que, narra os acontecimentos, a partir de suas memórias e recordações.

Quanto à estrutura temática, em [C#1], o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples Não Marcado também, é composto, neste conto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico. Quanto ao Tema Múltiplo, notamos que há a predominância da combinação do Tema Textual e do Tema Experiencial, que tem a função de estabelecer a coesão durante a narração e a construção das cenas.

Diante da análise realizada, percebemos que a representação discursiva sobre a mulher negra em [C#1] é voltada para uma mulher que recupera a memória e a ancestralidade voltando ao seu lugar de origem, pontuando seus momentos de fome. Apesar disso, a mulher é representada como resistente e repleta de sabedoria. Na busca por saber a cor dos olhos de sua mãe, a protagonista descobre toda uma história de luta, dor e resistência. Apesar das duras condições de vida, a mulher busca meios para superar as dificuldades. Assim, essa mulher reflete muitas outras mulheres sujeito negro-feminino que reivindicam seu espaço na sociedade.

Em [C#2], narra-se o trajeto de Maria do trabalho para casa e a árdua rotina que enfrenta para sustentar seus três filhos. A partir da fala e das ações dos personagens, evidenciamos, na narrativa, estereótipos racistas e preconceituosos ligados à mulher negra periférica.

Em [C#2], os processos que mais se anunciam são os processos Materiais que condiz com a natureza dos fatos narrados. O segundo mais recorrente são os processos Relacionais, utilizados para representar seres, quando se atribuem características e identidades ao participante Portador.

Quanto à modalização, os dois tipos estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade, com maior predominância do grau de certeza; e, para a usualidade, a alta e a baixa frequências possuem a mesma quantidade de recorrência, maior que a média frequência. A subjetividade explícita é o que mais acontece, já que a narradora, em 3ª pessoa, tudo sabe acerca dos personagens.

Quanto à estrutura temática de [C#2], o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples Não Marcado também. O Tema Simples Não Marcado é composto, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico. Quanto ao tema múltiplo, há a predominância do Tema Textual + Tema Experiencial, o que estabelece coesão durante a narrativa.

Em [C#2], percebemos que a representação discursiva sobre a mulher é o resultado de um sujeito socialmente marginalizado, uma mulher criminalizada pelo preconceito racial, agredida até a morte. É representada a mulher negra que é desrespeitada e silenciada, uma mulher que não teve direito à voz e não teve direito à defesa.

Em [C#3], narra-se a história de Ana Davenga que se apaixona por Davenga, um criminoso. Ana, apesar de ter certo respeito e reconhecimento pelos membros mafiosos da comunidade, tem de obedecer a certas regras impostas pelo patriarcado.

Em [C#3], os processos que mais se anunciam são os processos Materiais. Acontecem recortes de cenas em que há ações do passado que explicam como Ana e Davenga se conheceram e como foi o desenrolar dessa relação. O segundo processo mais recorrente é o processo Mental. A mulher, neste conto, é a que mais sente, pensa, deseja, mas suas ações ficam no plano do pensamento. A protagonista é uma mulher silenciada.

Em [C#3], quanto à modalização, há maior saliência para o tipo probabilidade com predominância do grau de certeza; e, para a usualidade, a predominância da baixa frequência. A certeza enfatiza os reais desejos e pensamentos dos personagens. A alta frequência indica, na maioria das vezes, a assiduidade com que Davenga realizava ações. Quanto à orientação e à manifestação da Modalização em [C#3], a subjetividade explícita é a que mais ocorre. A narradora marca-se a todo momento como fonte da avaliação, indicando, a partir de seu ponto de vista de narradora onisciente, o envolvimento/engajamento dos participantes do enredo nos eventos descritos no conto.

Quanto à estrutura temática em [C#3], o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples Não Marcado também, sendo composto, neste conto, pelo Sujeito, um sintagma nominal, ou por verbos com sujeito elíptico. A combinação do Tema Textual + Tema Experiencial favorece a coesão durante a narração e construção das cenas.

Em [C#3], percebemos que a representação discursiva sobre a mulher é de uma mulher silenciada. Ana é uma figura feminina acolhedora, ela escolhe amar e cuidar de seu marido, principalmente nos momentos de angústia dele, mas é silenciada em todo o enredo por não poder falar da rotina deles para ninguém e por não expor seus anseios e desejos.

Em [C#4], narra-se a história de uma menina que foi deixada pelos pais na cidade grande, pois acreditavam em um futuro melhor para ela. Porém, a realidade é que a menina passa a viver em um prostíbulo e passa a ter suas primeiras experiências sexuais ainda criança.

Em [C#4], predominam os processos Materiais. Na narração, ocorrem mudanças no fluxo de eventos e os processos Materiais têm papel fundamental nessas mudanças, o que justifica a predominância desse processo em todos os contos selecionados para a análise.

Em [C#4], os dois tipos de modalização estão presentes, mas com maior saliência para o tipo probabilidade, como maior predominância do grau de certeza; e, para usualidade, alta e baixa frequências têm a mesma recorrência. Quanto à orientação e à manifestação da Modalização, percebemos que a narradora, assim como em [C#3], marca-se a todo momento como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes do enredo. A subjetividade explícita é a que mais ocorre.

Em [C#4], o modo oracional declarativo predomina e o Tema Simples Não Marcado também, composto, como nos outros contos analisados, na maioria das vezes, pelo sujeito, um sintagma nominal ou verbos em sujeito elíptico.

Em [C#4], percebemos que a representação discursiva sobre a mulher é de uma mulher que vive a realidade de exploração e violência que acomete a população afrodescendente. Duzu é vítima de abandono, é explorada e é silenciada. A protagonista ainda morre miserável, com fome e aos delírios na rua.

Para uma melhor compreensão, sistematizamos os resultados de nossa análise no Quadro 12 abaixo, em que podemos verificar a ordem dos processos mais recorrentes em cada conto, o tipo de modalização mais saliente para os tipos Usualidade e Probabilidade, e, por fim, a estrutura temática predominante:

Quadro 12 - Sistematização dos resultados

[C#1]	[C#2]	[C#3]	[C#4]
PROCESSOS MAIS RECORRENTES EM CADA CONTO			
Material	Material	Material	Material
Mental	Relacional	Mental	Mental
Relacional	Mental	Relacional	Relacional
Comportamental	Verbal	Verbal	Comportamental
Verbal	Comportamental	Comportamental	Existencial
Existencial	Existencial	Existencial	Verbal
MODALIZAÇÃO			
Usualidade	Probabilidade	Probabilidade	Probabilidade

Baixa frequência	Alto grau	Alto grau	Alto grau
Probabilidade Possibilidade - Baixo grau	Usualidade Alta e Baixa frequência	Usualidade Alta frequência	Usualidade Alta e Baixa frequência
Subjetividade explícita	Subjetividade explícita	Subjetividade explícita	Subjetividade explícita
ESTRUTURA TEMÁTICA			
Modo declarativo	Modo declarativo	Modo declarativo	Modo declarativo
Tema Simples	Tema Simples	Tema Simples	Tema Simples
Não Marcado	Não Marcado	Não Marcado	Não Marcado

Fonte: elaborado pela autora

Diante da sistematização dos resultados apresentado no Quadro 12 acima, percebemos que o processo Material predomina em nosso *corpus*, bem como o participante Ator em todos os contos. Nas narrativas ocorrem mudanças no fluxo de eventos e os processos Materiais têm papel fundamental nessas mudanças, o que justifica a predominância desse processo em todos os contos selecionados para a análise. O segundo processo mais recorrente é o processo Mental que se manifesta mais nos [C#1], [C#3] e [C#4]. Os processos Mentais são o segundo mais recorrente, o que nos revela que mulheres não só realizam ações, como também pensam, sentem e desejam. Processos Mentais também têm relação com a natureza do gênero conto, que permite a manifestação da subjetividade por meio desse tipo de processo. O terceiro processo mais recorrente é o Relacional que representa seres, quando são atribuídas características e identidades ao participante Portador. A predominância desses três processos em nosso *corpus* já era, de algum modo, esperada, uma vez que a GSF postula que tais processos são os tipos mais básicos ligado ao sistema de Transitividade.

Quanto à modalização, predomina o tipo probabilidade sendo o alto grau em [C#2], [C#3] e [C#4]. A narradora, em todos os contos analisados, marca-se como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes do enredo. A subjetividade explícita é a que mais ocorre nos contos, o que revela uma tendência no que diz respeito ao posicionamento da narradora, que não apenas avalia a probabilidade de ocorrência de estados de coisas, mas, também, revela-se como a fonte da avaliação subjetiva das proposições, que passam a ser vistas como crenças, opiniões e pensamentos.

Quanto à estrutura temática, o modo oracional declarativo predomina em todos os contos e o Tema Simples Não Marcado também, o que confirma a tendência para a ordem canônica dos constituintes da oração, exigindo menor esforço cognitivo por parte do leitor em relação ao processamento das informações nos contos.

A GSF nos revela que o texto está envolvido pelo contexto e é necessário levarmos em conta o contexto em que os textos analisados se encontram. Apesar de os textos analisados serem fictícios, eles representam a realidade. A Literatura representa a realidade e a autora Conceição Evaristo problematiza os estigmas sociais enfrentados pelas mulheres negras no Brasil. Para a interpretação das representações, é necessário sabermos o que está acontecendo no texto (campo), quem são os participantes da situação (relações) e a linguagem e o meio utilizado para a produção desses textos (modo). Vimos que a descrição linguística, aliada à descrição contextual, nos revela um mundo de possibilidades nos dando lentes para compreender melhor o que a linguagem nos proporciona.

A autora busca tornar as problemáticas sociais nos contos acessíveis para qualquer tipo de leitor. Temos a representação de mulheres fortes, resistentes e sábias, mas que são marginalizadas socialmente. A protagonista em [C#1] nos revela uma mulher que recupera a ancestralidade africana, é uma mulher que narra já ter passado fome, mas é forte, resistente e sábia. Em [C#2], a protagonista é trabalhadora, luta para sustentar seus filhos, mas é criminalizada pelo preconceito racial. Maria é espancada até a morte. Em [C#3], Ana Davenga representa a beleza da mulher negra, uma mulher boa e acolhedora, mas que é silenciada, não tem voz, não toma decisões, não expõe seus pensamentos, vive a tensão de ser esposa de um homem criminoso. Em [C#4], a protagonista é abandonada, explorada sexualmente e é silenciada. Para amenizar toda uma vida de dor, Duzu “brinca de faz de conta” para fugir da situação em que se encontrava, e, assim, entrega-se aos delírios. Apesar de tudo o que viveu, se mostra uma mulher forte e que se recusa sofrer.

Assim, apresentamos abaixo o Quadro 13 com as representações discursivas para a mulher nos respectivos contos:

Quadro 13 – Representações discursivas para a mulher e evidências linguísticas

Contos	Representações discursivas para a mulher	Evidências linguísticas
[C#1] <i>Olhos d'água</i>	Mulher pobre, forte, resistente, mulher rainha, ancestral e sábia.	[...] se tornava uma <u>grande boneca negra</u> para as filhas. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar <u>a boneca-mãe</u> daquele padecer, puxou rápido o bichinho. E era justamente <u>nesses dias de parco ou nenhum alimento</u> que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era <u>a Senhora, a Rainha</u> .

		<p>E diante dela, fazíamos reverências à <u>Senhora</u>. Postávamos deitadas no chão e fazíamos reverências à <u>Rainha</u>.</p> <p>E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas <u>ancestrais</u>, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue.</p> <p>Não, eu não esqueço essas <u>Senhoras</u>, nossas <u>Yabás</u>, donas de tantas sabedorias.</p>
[C#2] <i>Maria</i>	Mulher feliz, forte, trabalhadora, marginalizada, vítima de preconceito racial, agredida até a morte.	<p>Estava <u>feliz</u>, apesar do <u>cansaço</u>.</p> <p>Alguém gritou que aquela <u>puta safada</u> lá da frente conhecia os assaltantes.</p> <p><u>Negra safada</u>, vai ver que estava de coleio com os dois.</p> <p>Aquela <u>puta</u>, aquela <u>negra safada</u> estava com os ladrões.</p> <p>A <u>negra</u> ainda é <u>atrevida</u>.</p> <p><u>Lincha! Lincha! Lincha!</u> Uns passageiros desceram e outros <u>voaram em direção à Maria</u>.</p> <p><u>Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos...</u></p> <p><u>Lincha! Lincha! Lincha!</u> <u>Maria punha sangue</u> pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.</p> <p>O corpo da mulher estava <u>todo dilacerado, todo pisoteado</u>.</p>
[C#3] <i>Ana Davenga</i>	Mulher boa, acolhedora e silenciada socialmente.	<p>Ela era <u>cega, surda e muda</u> no que se referia a assuntos deles.</p> <p>E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, <u>sentia uma dor intensa</u>. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse <u>ela a culpada</u>.</p> <p><u>Ela enxugando as lágrimas</u> dele.</p> <p>Não restava nada a fazer a não ser <u>enxugar o gozo-pranto de seu homem</u>.</p> <p><u>Não perguntou</u> de que o homem vivia. [...] Ela não estranhava nada. [...] <u>Sabia dos riscos que corria</u> ao lado dele.</p> <p><u>Ana estava feliz</u>. [...] E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento.</p> <p>Os companheiros de Davenga choravam <u>a morte</u> do chefe e <u>de Ana</u>, <u>que morrera ali na cama, metralhada</u>, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.</p>
[C#4] <i>Duzu-Querença</i>	Mulher mendiga, trabalhadora, abusada sexualmente,	Um homem passou e olhou para a <u>mendiga</u> , com uma expressão de asco.

	<p>abandonada, explorada, agredida, alegre e silenciada.</p>	<p>Duzu <u>trabalhava muito</u>. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos.</p> <p>Houve até aquele quarto em que <u>o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão</u> lentamente...</p> <p>Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. <u>Pegou a menina e jogou na cama</u>.</p> <p>Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. [...] Entendeu <u>o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai</u>, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixa-la estudar.</p> <p>Acostumou-se <u>às pancadas dos cafetões</u>, aos <u>mandos e desmandos das cafetinas</u>. <u>Habitou-se à morte</u> como uma forma de vida.</p> <p><u>Por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer</u>. Ela gostava deste tempo. <u>Alegrava-se tanto!</u> Era o carnaval.</p>
--	--	---

Fonte: elaborado pela autora

Com excessão do [C#1], os demais contos nos mostram mulheres que são silenciadas. Apesar de passarem por situações distintas, todas são marginalizadas socialmente. Uma passa fome, outra luta arduamente para se sustentar e sustentar seus filhos, outra se mantém em silêncio para não comprometer a vida de seu marido e sua relação com ele, e a outra passa fome, é abandonada e é abusada sexualmente ainda criança. Todas essas mulheres, apesar das duras realidades que enfrentam, são resistentes. São resistentes ao “brincar para distrair a fome”, “ao trabalhar arduamente sendo a única provedora da família”, ao “enxugar o gozo-pranto de seu homem” e ao se entregar às “raias do delírio”.

Também podemos perceber determinados momentos de felicidade em cada uma das narrativas. Em [C#1], a mãe da narradora faz dos momentos de fome, alegria para as filhas, pois brinca para distrair a fome das crianças. Em [C#2], no início do enredo, Maria estava feliz, apesar do cansaço, estava feliz porque voltava para casa com uma gorjeta e com sobras de alimento que a patroa lhe dera. Em [C#3], Ana estava feliz por receber a festa surpresa de aniversário dela. Em [C#4], por maior que fosse a dor, Duzu se negava a sofrer e estava alegre porque era carnaval, festa que tanto gostava. São narrativas distintas, mas que tratam de mulheres que, apesar do sofrimento, sem quaisquer idealizações, lutam para sobreviver. Em uma sociedade marcada pelo preconceito racial, pelas desigualdades de gênero e de classe, temos narrativas que problematizam a situação da mulher negra na sociedade brasileira, desde a mulher que passa fome à mulher que é violentada nas mais diversas formas.

6 CONCLUSÃO

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água (EVARISTO, 2016, p.18).

Como objetivo da presente pesquisa, procuramos analisar as representações discursivas sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo a partir do Sistema de Transitividade. Buscamos identificar os tipos de participantes que funcionam como ponto de partida da oração e as estratégias de tematização predominantes para a interpretação da oração enquanto mensagem para a construção de significados ligados à representação discursiva sobre a mulher negra nos contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Também buscamos verificar como os recursos de modalização estão a serviço da representação dos julgamentos e das opiniões das mulheres negras nos contos que constituem o *corpus*.

Para tanto, as ocorrências foram analisadas com base nos parâmetros estabelecidos a partir das metafunções Experiencial, Interpessoal e Textual, todas inseridas na perspectiva da GSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Assumindo os pressupostos teórico-metodológicos da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), compartilhamos do entendimento de que a língua assume um caráter instrumental, haja vista que é por meio dela que os usuários podem representar e trocar experiências no mundo. O sistema linguístico é dinâmico, motivado pelo uso. Desse modo, para a realização das análises, fez-se necessário dar ênfase ao contexto de situação e ao contexto de cultura, entorno funcional que condiciona a análise do sistema de Transitividade.

Com essa finalidade, mobilizamos as categorias já mencionadas com o objetivo de analisar as representações discursivas sobre a mulher negra em contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. No nível Representacional, utilizamos as categorias quanto aos processos e aos participantes envolvidos no processo. Os processos são Material, Mental, Comportamental, Verbal, Relacional e Existencial. Os participantes são Ator, Meta, Escopo, Beneficiário, Atributo, Experienciador, Fenômeno, Portador, Identificador, Identificado, Dizente, Verbiagem, Receptor, Alvo, Comportante e Existente. No nível Interpessoal, abrangemos as categorias do tipo de Modalização para verificar os graus de Probabilidade e de Usualidade. Para o tipo Probabilidade, há os valores da modalização que são Certeza, Probabilidade e Possibilidade. Para a Usualidade, há a alta frequência, média frequência e baixa frequência. Também verificamos a polaridade, se positiva ou negativa. Por fim, ainda neste

nível, verificamos a orientação e a manifestação da modalização, se subjetivo implícito, subjetivo explícito, objetivo implícito ou objetivo explícito. No nível Textual, verificamos o modo oracional, se a oração é declarativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa. Também observamos se o Tema da sentença é Simples ou Múltiplo. Quando Simples, de acordo com o Nível Textual, verificamos se é Marcado ou Não Marcado. Quando Múltiplo, verificamos se a combinação é de Tema Textual + Tema Experiencial, Tema Interpessoal + Tema Experiencial ou Tema Textual + Tema Interpessoal + Tema Experiencial.

Nesse sentido, analisamos 04 contos do livro em que a mulher é participante significativa e é protagonista. No que se refere à Transitividade na perspectiva da GSF, considerando os processos referentes às cláusulas analisadas, observamos que o processo Material é o mais recorrente em todos os contos, seguido do processo Mental.

Considerando as orações analisadas, o processo Material predomina, bem como o participante Ator em todos os contos. As mudanças no fluxo de eventos são comuns em narrativas e os processos Materiais têm papel fundamental nessas mudanças. O segundo processo mais recorrente é o processo Mental com maior quantidade de recorrências nos [C#1], [C#3] e [C#4], o que nos revela que mulheres não só realizam ações, como também pensam, sentem e desejam nessas narrativas. O terceiro processo mais recorrente é o Relacional que representa seres, quando se atribui características e identidades ao participante Portador.

Quanto à modalização, constatamos que predomina o tipo probabilidade sendo grau alto o mais recorrente em [C#2], [C#3] e [C#4]. A narradora marca-se como fonte da avaliação, bem como das experiências dos participantes do enredo em todos os contos analisados e a subjetividade explícita é a que mais ocorre.

Quanto à estrutura temática, notamos que o modo oracional declarativo e o Tema Simples Não Marcado predominam em todos os contos. A ordem canônica dos constituintes da oração é a mais utilizada, o que faz com que menor esforço cognitivo precise ser feito para a interpretação dos enunciados das narrativas.

Na pesquisa realizada por Lima (2015), que estudou representações para a mulher em crônicas, verificou-se que há uma diversidade de comportamentos femininos que, dependendo do contexto situacional, configura diferentes perfis de mulheres. Porém, esses perfis são, de certo modo, condicionados por padrões regulados socialmente. É possível perceber este mesmo fenômeno em nossa pesquisa. Mulheres negras, como é o caso de nosso trabalho, são vítimas de preconceito racial, bem como são mais vulneráveis aos mais diversos tipos de violência. Há também representações positivas, como a mulher resistente, sábia, trabalhadora, forte e acolhedora, por exemplo. O que queremos destacar, é que essas representações são reflexo de

padrões regulados socialmente e os textos literários, como representam a realidade, nos revelam o que de fato acontece na sociedade e que precisa ser problematizado para que seja combatido certos estigmas.

Como afirma Rossi (2015), o estudo de representações para a mulher é importante no sentido de que pode desvelar costumes, comportamentos e valores que norteiam os diferentes grupos sociais. Em seu trabalho, por exemplo, estudou-se representações para a mulher na perspectiva sistêmico-funcional nos evangelhos. Nas vozes de escribas, fariseus e saduceus, as representações são negativas, com marcas linguísticas no campo do julgamento. Nas vozes de Jesus e dos evangelistas, as representações são positivas para a mulher, uma vez que indicam posicionamento contrário aos atos de discriminação socialmente estabelecidos. As mulheres são reconhecidas como companheiras, humildes, devotas e mostram sua coragem.

As pesquisas citadas acima trabalham representações para a mulher seguindo a perspectiva sistêmico-funcional, mas em gêneros distintos. Lima (2015) realiza o trabalho no gênero crônica que é um gênero jornalístico/literário e Rossi (2015), nos evangelhos, que são textos biográficos. Em nosso trabalho, a análise é realizada no gênero conto. De acordo com as pesquisas acima, em cada gênero, há representações distintas, mas que não deixam de ser reflexos de padrões regulados socialmente (LIMA, 2015). Também, independente do gênero, as representações sobre a mulher podem demonstrar valores que norteiam diferentes grupos sociais (ROSSI, 2015).

Podemos concluir, portanto, que ao pesquisar acerca de representações discursivas sobre a mulher negra na perspectiva da GSF, temos representações de mulheres fortes, mas que, socialmente, são estigmatizadas pela cor de sua pele. As mulheres negras e periféricas são mais vulneráveis à violência dada à discriminação sistemática e aos julgamentos preconceituosos que perduram em nossa sociedade por séculos.

Sabemos que as situações de pobreza são condicionadoras para a criminalidade. Entretanto, nessas narrativas, as mulheres não realizam atos ilícitos, ao contrário, as protagonistas se mostram resistentes às adversidades da vida. Nos contos analisados, as mulheres são pessoas de bem. Por meio de marcas linguísticas, também percebemos que são muito trabalhadoras, como em [C#2], [C#4].

Diante da análise, podemos concluir que há a representação de mulheres fortes, resistentes e sábias, mas que são silenciadas e marginalizadas socialmente. Em [C#1], a protagonista nos revela uma mulher que recupera a ancestralidade africana, é uma mulher que narra já ter passado fome, mas é forte, resistente e sábia. Em [C#2], a protagonista é trabalhadora, luta para sustentar seus filhos, mas é criminalizada pelo preconceito racial. Em

[C#3], Ana Davenga representa a beleza da mulher negra, é uma mulher boa e acolhedora, mas é silenciada, não tem voz, não toma decisões, não expõe seus pensamentos, vive a tensão de ser esposa de um homem criminoso. Por fim, em [C#4], a protagonista é abandonada, explorada sexualmente e é silenciada. Para amenizar toda uma vida de dor, Duzu se entrega aos delírios, mas não desiste de viver, é forte e se recusa a sofrer.

Nesses termos, concluímos que o estudo da representação discursiva sobre a mulher negra na perspectiva da GSF numa análise de contos do livro *Olhos d'água* de Conceição Evaristo tem papel importante na compreensão do contexto social de exclusão dessas mulheres, sobretudo em razão das características das protagonistas dos contos, que são mulheres negras e periféricas, marginalizadas socialmente pelo preconceito sistemático e cultural, herança deixada pelo processo colonial.

A GSF, portanto, nos oferece subsídios metodológicos que nos ajudam a definir aspectos semântico-pragmáticos para o processo de construção de sentidos e de interpretação das cláusulas também em texto literário. Esta pesquisa, alicerçada em outros trabalhos sobre a temática da representação, como (LIMA, 2015) e (ROSSI, 2015), é diferente de tantas outras pesquisas ao estabelecer como objeto de investigação um dos mais importantes livros de contos de Conceição Evaristo, *Olhos d'água*. Evidenciamos que a GSF é uma importante ferramenta para analisarmos textos de diferentes gêneros e pertencentes a diferentes esferas sociais, incluindo o domínio literário, contribuindo, assim, para questionarmos determinados problemas sociais enraizados em nossa sociedade, tal como o racismo contra a mulher negra e periférica.

A pesquisa aqui apresentada é um ponto de partida para mais estudos funcionalistas que visem investigar representações discursivas sobre as mulheres negras, que, além de inferiorizadas socialmente pelo patriarcado, também são inferiorizadas pelo preconceito racial, tendo em vista o que as possibilidades sintático-semânticas e discursivas das orações nos revelaram.

Nosso trabalho aplica o modelo da GSF à análise do texto literário. Assim, ao propor uma interpretação de um texto literário pautada em evidências linguísticas, revela-se não apenas o que se diz, mas como ele diz o que diz. Embora nossa análise seja em textos literários, os problemas sociais que eles abordam, como racismo, pobreza, silenciamento da mulher negra, marginalização do sujeito negro e violência, contribuem para suscitar reflexões importantes sobre os papéis sociais que cada um de nós temos na manutenção desses problemas, o que pode constituir importante instrumento para o professor em sala de aula, no trabalho com o texto literário de crítica social. Assim, ao utilizar o texto em sala de aula, neste caso, o texto literário escrito por Conceição Evaristo a partir de sua *escrivência*, é possível refletir sobre o uso

linguístico, com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura e escrita em textos que incitam a reflexão crítica dos alunos.

Nossa pesquisa abre oportunidades para que outras pesquisas sejam realizadas em relação as representações discursivas sobre a mulher. Como sugestão para estudos futuros, está a descrição dos demais contos que compõem o livro *Olhos d'água* com base na perspectiva sistêmico-funcional. Acreditamos que a análise crítica do discurso em conjunto com os estudos feministas também são importantes ferramentas para o estudo de representações sobre a mulher negra. Essas ferramentas podem ser interessantes, por exemplo, para a identificação de marcas ideológicas nesses contos. Investigamos representações discursivas para a mulher, mas o livro *Olhos d'água* como um todo, nos instiga a pensar também nas representações possíveis para o sujeito negro masculino, já que também é ator social nesses contos.

Outra questão apontada neste trabalho e que merece maior profundidade é o estudo da combinação de processos com a polaridade negativa. Vimos que, a polaridade negativa, quando incide sobre verbos de cognição, altera o sentido das sentenças. Acreditamos que a construção dos significados das cláusulas quando ocorre este fenômeno merece ser explorado.

Sabendo que a GSF nos fornece subsídios para melhor compreensão dos textos e que as escolhas léxico-gramaticais que são feitas produzem significados em determinado meio social, esperamos, pois, ter contribuído para os estudos de base funcionalista acerca das representações discursivas sobre a mulher negra e, também, ter deixado novas possibilidades para novas pesquisas sobre o tema, como as mencionadas acima.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Textualidade**: noções básicas e implicações pedagógicas. São Paulo: Parábola, 2017.

ATAÍDE, Cleber. Uma abordagem sistêmico-funcional da categorial gramatical de sujeito. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, ano 5, v. 12, p.227-243, jul./dez.2010. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1226>. Acesso em: 5 jun. 2023.

BAROSSO, L. Poéticas da escrevivência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 51, p. 22–40, 2017. DOI: 10.1590/2316-4018512. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10195>. Acesso em: 2 jun. 2022.

BEZERRA, F.; SOUZA, A. Jair Bolsonaro e a pandemia de COVID-19 nas capas da Carta Capital e da Veja: análise de transitividade de manchetes e lides. **Organon**, Porto Alegre, v. 36, n. 71, pág. 16-34, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/112976/63599>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CAFÉ, Lucas Santos. Racismo, cultura e identidade nacional. **RELAcult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 7, 2021. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2101>. Acesso em: 3 jun. 2023.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). **Atlas da violência 2020**. Brasília, DF: Ipea, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CERQUEIRA, Daniel. A mulher- Ipea. IPEA, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9144-dashboardviolenciamulherfinal-1.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ENGEL, C.L. A violência contra a mulher. In: Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo. Brasília: IPEA, [s.d]. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9144-dashboardviolenciamulherfinal-1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, Brasília, v. 1, n. 1, ago. 2005, p. 9-13. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

_____. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27795/19916>. Acesso em: 16 jan. 2023.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **An introduction to functional Grammar**. 3.rd. London: Hodder Education, 2004.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian; HALLIDAY, Michael. **An introduction to functional grammar**. Routledge, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4651874/mod_resource/content/1/Intro%20to%20FG.pdf. Acesso em: 20 jan. 2022.

IRINEU, Lucineudo Machado; SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **Imagens de si projetadas no discurso jornalístico da América Latina: a tradição editorialística do Jornal do Brasil e do Clarín nos séculos XX e XXI**. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19615/1/2015_art_lmirineu.pdf. Acesso em: 12 jul. 2023.

LIMA, Letícia Oliveira de. **Espelho, espelho meu, existe alguém mais doida ou santa do que eu?** Representações para a mulher em crônicas de Martha Medeiros. 2015. 183f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria (RS), 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9922/LIMA%2c%20LETICIA%20OLIVEIRA%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 jan. 2023.

LOPES, Maria de Fátima de Sousa. **A modalização em autobiografias do português brasileiro contemporâneo**. Orientadora: Márcia Teixeira Nogueira. 2022. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/66188/3/2022_tese_mfslopes.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

LUCENA, Izabel Larissa; TORRES, Fábio Fernandes; BRASIL, Carlla Gabrielle Ferreira. A progressão temática em Língua Portuguesa: uma análise de notícias sobre a operação Lava Jato no jornal Folha de São Paulo. **Entrepalavras**, v. 8, n. 6 esp, p. 169-188, 2018. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1205/543>. Acesso em: mai. 2023.

MARIANO, Zé; INÁCIO, Emerson. Estética da interseccionalidade: uma análise do conto Ana Davenga, de Conceição Evaristo. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 24, p. 466-480, 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4818>. Acesso em: 9 jan. 2023.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007.

METONÍMIA. *In*: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/metonimia/>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MIRANDA, Pâmela Fonseca; BURD, Ana Cláudia da Silva Junqueira. Amor bandido. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em:

<http://jornalold.faculdadecienciasdavidacom.br/index.php/RBCV/article/view/634/303>. Acesso em: 21 jun. 2023.

OLIVEIRA, J. S. A. **A contribuição do gênero conto para a formação do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/teserver/api/core/bitstreams/32bef7d6-8337-4d42-8f1b-867576d8cd6a/content>. Acesso em: 12 jun. 2023.

OLIVEIRA, T. L.; SOUZA ROMERO, T. R. Da imersão à emersão: narrativa e transitividade na resignificação do eu. **Organon**, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 35–50, 2021. DOI: 10.22456/2238-8915.112969. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/112969>. Acesso em: 7 abr. 2023.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PALMEIRA, Francineide Santos; SOUZA, Florentina da Silva. **Representações de Gênero e afrodescendência na obra de Conceição Evaristo**. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação, 4. Salvador: UFBA, mai. 2008. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/enecult2008/14440.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2023.

ROSSI, Ângela Maria et al. **Diferentes vozes, diferentes olhares: representações para as mulheres na perspectiva sistêmico-funcional nos evangelhos**. 2015. 163f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria (RS), 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9927/ROSSI%20c%20ANGELA%20MARIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mai. 2023.

SAFADO. In: Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/safado>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SILVA, Francisco Mário Carneiro da; SOUSA, Camila Stephane Cardoso. A representação discursiva de crenças de homens professores da Educação Infantil. **MOARA**—Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 60, p. 156-180, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/12962/8997>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SILVA JÚNIOR, Antonio Soares. Representações linguísticas de mulheres trans sobre a transexualidade no contexto cearense. **EntreLetras**, v. 13, n. 1, p. 87-110, 2022. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/14366/20517>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

TONDO, Marlei Castro. **A violência contra as personagens femininas nos contos de Olhos d'água, da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo**. 2018. 99f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pato Branco (PR), 2018. Disponível em:

https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3583/1/PB_PPGL_M_Tondo%2c%20Marlei%20Castro_2018.pdf. Acesso em: 14 mai. 2023.

VENTURA, Carolina Siqueira Muniz; LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. O tema: caracterização e realização em português. **Direct Papers**, v. 47, p. 1-18, 2002. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/48646941/o-tema-caracterizacao-e-realizacao-em-portugues>. Acesso em: 14 jan. 2023.

ANEXOS – CONTOS DO LIVRO OLHOS D'ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

[C#1] Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar

sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

(In: Olhos d'água, p.15-19).

[C#2] Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto de ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. Os ônibus estavam aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada.

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão?

A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca-laser corta até a vida!

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai do seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito...

O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem entretanto virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze

anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca-laser que parecia cortar até a vida.

Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão?

Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser

que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado.

Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

(In: Olhos d'água, p. 39-42).

[C#3] Ana Davenga

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia-noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga. As mulheres ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. Ana Davenga reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas, dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não denunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava o seu homem? Por que Davenga não estava ali?

Davenga não estava ali. Os homens rodearam Ana com cuidado, e as mulheres também. Era preciso cuidado. Davenga era bom. Tinha um coração de Deus, mas, invocado, era o próprio diabo. Todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo.

O barraco de Davenga era uma espécie de quartel-general, e ele, o chefe. Ali se decidia tudo. No princípio, os companheiros de Davenga olharam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança. O homem morava sozinho. Ali armava e confabulava com os outros todas as proezas. E de repente, sem consultar os companheiros, mete ali dentro uma mulher. Pensaram em escolher outro chefe e outro local para quartel-general, mas não tiveram coragem. Depois de certo tempo, Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam. E quando o desejo aflorava ao vislumbrar os peitos-maçãs salientes da mulher, algo como uma dor profunda doía nas partes de baixo deles. O desejo abaixava então, esvanecendo, diluindo a possibilidade de ereção, do prazer. E Ana passou a ser

quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delitos e dos crimes de Davenga.

O peito de Ana Davenga doía de temor. Todos estavam ali, menos o dela. Os homens rodeavam Ana. E as mulheres, como se estivessem formando pares para uma dança, rodeavam seus companheiros, parando atrás de seu homem certo. Ana olhou todos e não percebeu tristeza alguma. O que seria aquilo? Estariam guardando uma dor profunda e apenas mascarando o sofrimento para que ela não sofresse? Seria alguma brincadeira de Davenga? Ele estaria escondido por ali? Não! Davenga não era homem de tais modos! Ele até brincava, porém, só com os companheiros. Assim mesmo, de uma brincadeira bruta. Socos, pontapés, safanões, tapas, seus filhos da puta... Mais parecia briga. Onde estava Davenga? Teria se metido em alguma confusão? Sim, seu homem só tinha tamanho. No mais era criança em tudo. Fazia coisas que ela nem gostava de pensar. Às vezes ficava dias e dias, meses até, foragido, e quando ela menos esperava dava com ele dentro de casa. Pois é, Davenga parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem. Davenga, Davenga! E aí acontecia o que ela não entendia. Davenga, que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança, soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficavam úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo-pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada. Depois então, ele ainda de corpo nu e ela também, ficavam ali. Ela enxugando as lágrimas dele. Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! Um dia pensou em se negar para não ver Davenga chorando tanto. Mas ele pedia, caçava, buscava. Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo-pranto de seu homem.

Todos continuavam parados olhando Ana Davenga. Ela recordou que há uns tempos atrás nenhum deles era amigo. Inimigos quase. Eles detestavam Ana. Ela não os amava nem os odiava. Ela não sabia onde eles estavam na vida de Davenga. E quando percebeu, viu que não poderia ter por eles indiferença. Teria de amá-los ou odiá-los. Optou por amá-los, então. Foi difícil. Eles não a queriam. Não era do agrado de nenhum deles aquela mulher dentro do quartel-general do chefe, sabendo de todos os segredos. Achavam que Davenga iria se dar mal e comprometer todo o grupo. Mas Davenga estava mesmo apaixonado pela mulher.

Quando Davenga conheceu Ana em uma roda de samba, ela estava ali, faceira, dançando macio. Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela. Naqueles dias ele andava com um temor no peito. Era preciso cuidado. Os homens estavam atrás dele. Tinha havido um assalto a um banco e o caixa descrevera alguém parecido com ele. A polícia já tinha subido o morro e entrado em seu barraco várias vezes. O pior é que ele não estava metido naquela merda. Seria burro de assaltar um banco ali mesmo no bairro, tão perto dele? Fazia os seus serviços mais longe, e além do mais não gostava de assaltos a bancos. Já até participara de alguns, mas achava o servicinho sem graça. Não dava tempo de ver as feições das vítimas. O que ele gostava mesmo era de ver o medo, o temor, o pavor nas feições e nos modos das pessoas. Quanto mais forte o sujeito, melhor. Adorava ver os chefões, os manda chuvas cagando de medo, feito aquele deputado que ele assaltou um dia. Foi a maior comédia. Ficou na ronda perto da casa do homem. Quando ele chegou e saltou do carro, Davenga se aproximou.

– Pois é, doutor, a vida não tá fácil! Ainda bem que tem homem lá em cima como o senhor defendendo a gente, os pobres. – Era mentira. – Doutor, eu votei no senhor. – Era mentira também. – E não me arrependi. Veio visitar a família? Eu também tou indo ver a minha e quero levar uns presentinhos. Quero chegar bem vestido, como o senhor.

O homem não deu trabalho algum. Pressentiu a arma que Davenga nem tinha sacado ainda. E quando isto aconteceu, o próprio deputado já tinha adiantado o serviço entregando tudo. Davenga olhou a rua. Tudo ermo, tudo escuro. Madrugada e frio. Mandou que o homem abrisse o carro e pediu as chaves. O deputado tremia, as chaves tilintavam em suas mãos. Davenga mordeu o lábio, contendo o riso. Olhou o político bem no fundo dos olhos, mandou então que ele tirasse a roupa e foi recolhendo tudo.

– Não, doutor, a cueca, não! Sua cueca não! Sei lá se o senhor tem alguma doença ou se tá com o cu sujo!

Quando arrecadou tudo, empurrou o homem para dentro do carro. Olhou para ele e balançou as chaves e deu um adeus ao deputado, que correspondeu ao gesto. Davenga tinha o peito explodindo em gargalhadas, mas conteve o riso. Apertou o passo, tinha de abreviar. Eram três e quinze da madrugada. Daí a pouco passaria por ali uma patrulhinha. Dias atrás ele havia estudado o ambiente.

Foi por aqueles dias do assalto ao deputado que Davenga conheceu Ana. A venda do relógio lhe havia rendido algum dinheiro, fora o que estava na carteira. E de cabeça leve resolveu ir com os amigos para o samba. Sabia, porém que devia ficar atento. Estava atento, sim. Estava atento aos movimentos e à dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele vira um dia no filme da televisão. A bailarina dançava livre, solta, na festa de uma aldeia africana. Só quando a bateria parou foi que Ana também parou e se encaminhou com as outras para o banheiro. Davenga assistia a tudo. Na volta ela passou por ele, olhou-o e deu-lhe um longo sorriso. Ele criou coragem. Era preciso coragem para chegar a uma mulher. Mais coragem até do que para fazer um serviço. Aproximou-se e convidou-a para uma cerveja. Ela agradeceu. Estava com sede, queria água, e deu-lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou. Lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. daquelas mulheres todas que ele não via há muitos anos, desde que começara a varar o mundo. Seria tão bom se aquela mulher quisesse ficar com ele, morar com ele, ser dele na vida dele. Mas como? Ele queria uma mulher, uma só. Estava cansado de não ter pouso certo. E aquela mulher que lhe lembrava a bailarina nua havia mexido com ele, com alguma coisa lá dentro dele. Ela lhe trouxera saudade de um tempo paz, um tempo criança, um tempo Minas. Ia tentar, ia tentar... Ana, a bailarina de suas lembranças, bebeu água enquanto Davenga enamorado bebia a cerveja, sem sentir o gosto do líquido. Quando terminou, pegou a mão da mulher e saiu. Os amigos de Davenga viram quando ele, descuidado de qualquer perigo, atravessou o terreiro da roda de samba e caminhou feito namorado puxando a mulher pela mão, ganhando o espaço lá fora, quase esquecido do perigo.

Desde aquele dia Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Não perguntou de que o homem vivia. Ele trazia sempre dinheiro e coisas. Nos tempos em que ficava fora de casa, eram os companheiros dele que, através das mulheres, lhe traziam o sustento. Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso ou não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele, mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver. E naquela noite primeira, no barraco de Davenga, depois de tudo, quando calmos e ele já de olhos enxutos, – ele havia chorado copiosamente no gozo-pranto – puderam conversar, Ana resolveu adotar o nome dele. Resolveu então que a partir daquele momento se chamaria Ana Davenga. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome.

Davenga gostara de Ana desde o primeiro momento até sempre. Dera seu nome para Ana e se dera também. Fora com ela que descobrira e começara a pensar no porquê de sua vida. Fora com ela que começara a pensar nas outras mulheres que tivera antes. E uma lhe trazia um gosto de remorso. Ele havia mandado matar a Maria Agonia.

Conhecera a mulher ao visitar um companheiro na cadeia. O amigo armara uma e não se dera bem. A prisão devia ser horrível. Só em pensar tinha medo e desespero. Se um dia caísse preso e não conseguisse fugir, se mataria. E foi nessa única visita ao amigo que ficou conhecendo Maria Agonia. Ela vivia dizendo da agonia de uma vida sem o olhar do Senhor. Naquele dia, quando saíram da cadeia, ela veio conversando com Davenga. Era bonita, uma roupa abaixo do joelho, o cabelo amarrado para trás. Uma voz calma acompanhada de gestos tranquilos. Davenga estava gostando de ouvir as palavras de Maria Agonia. Marcaram um encontro para o outro domingo na praça. Quando ele chegou, o pastor falava, e ela estava com a Bíblia aberta na mão. Levantou os olhos e deu com o olhar de Davenga, que abaixou piedosamente os seus. Ele saiu e se encaminhou para o botequim em frente. Ao acabar a pregação, ela saiu do meio dos outros, passou por ele e fez um sinal. Ele foi atrás. Assim que todos se dispersaram, ela falou do desejo de estar com ele. Queria ir para algum lugar sozinhos. Foram e se amaram muito. Ele chorou como sempre. Esses encontros aconteceram muitas e muitas vezes. Primeiro a praça, a pregação, a crença. Depois tudo no silêncio, na moita, tudo escondidinho. Um dia ele se encheu. Propôs que ela subisse o morro e ficasse com ele. Corresse com ele todos os perigos. Deixasse a Bíblia, deixasse tudo. Maria Agonia reagiu. Vê só, se ela, crente, filha de pastor, instruída, iria deixar tudo e morar com um marginal, com um bandido? Davenga se revoltou. Ah! Então era isso? Só prazer? Só o gostoso? Só aquilo na cama? Saiu dali era novamente a Bíblia? Mandou que a mulher se vestisse. Ela ainda se negou. Estava querendo mais. Estava precisando do prazer que ele, só ele, era capaz de dar. Saíram juntos do motel, a uma certa altura, como sempre, ele desceu do carro e caminhou sozinho. Não havia de ser nada. Tinha alguém que faria o serviço para ele. Dias depois, a seguinte manchete apareceu nos jornais: “Filha de pastor apareceu nua e toda perfurada de balas. Tinha ao lado do corpo uma Bíblia. A moça cultivava o hábito de visitar os presídios para levar a palavra de Deus”.

Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isto significava que em qualquer lugar que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era comum, em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos. Davenga devia estar em perigo, em maus lençóis. As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente. Dentre eles havia o feito em que

havia uma semelhante sua, morta. Nem no dia em que Davenga, de cabeça baixa, lhe contara o crime, ela tivera medo do homem. Buscou as feições de suas semelhantes, ali presentes. Encontrou calma. Seria porque os homens delas estavam ali? Não, não era. A ausência de um significava sempre perigo para todos. Por que estavam tão calmas, tão alheias assim?

Novas batidas ecoaram na porta e já não eram prenúncios de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo. Cadê Davenga, cadê o Davenga, meu Deus?! O que seria aquilo? Era uma festa! Distinguiu vozes pequenas e havia as crianças. Ana Davenga alisou a barriga. Lá dentro estava a sua, bem pequena, bem sonho ainda. As crianças, havia umas que de longe, e às vezes de perto, acompanhavam as façanhas dos pais. Algumas seguiriam pelas mesmas trilhas. Outras, quem sabe, traçariam caminhos diferentes? E o filho dela com Davenga, que caminho faria? Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar ou morrer chegava breve, também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus?

Davenga entra furando o círculo. Alegre, zambeiro, cabeça-sonho, nuvens. Abraça a mulher. No abraço, além do corpo de Davenga, ela sentiu a pressão da arma.

– Davenga, Davenga, que festa é esta? Por que isto tudo?

– Mulher, tá pancada? Parece que bebe? Esqueceu da vida? Esqueceu de você?

Não, Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.

O barraco de Ana Davenga, como o seu coração, guardava gente e felicidades. Alguns se encostaram pelo pouco espaço do terreiro. Outros se amontoaram nos barracos vizinhos, de onde rolavam a cachaça, a cerveja e o mais e mais. Quando a madrugada afirmou, Davenga mandou que todos se retirassem, recomendando aos companheiros que ficassem alerta.

Ana estava feliz. Só Davenga mesmo para fazer aquilo. E ela, tão viciada na dor, fizera dos momentos que antecederam a alegria maior um profundo sofrimento. Davenga estava ali, na cama, vestido com aquela pele negra, brilhante, lisa, que Deus lhe dera. Ela também, nua. Era tão bom ficar se tocando primeiro. Depois haveria o choro de Davenga, tão doloroso, tão profundo, que ela ficava adiando o gozo-pranto. Já estavam para explodir um no outro, quando a porta abriu violentamente e dois policiais entraram de armas em punho. Mandaram que

Davenga vestisse rápido e não bancasse o engraçadinho, porque o barraco estava cercado. Outro policial do lado de fora empurrou a janela de madeira. Uma metralhadora apontou para dentro de casa, bem na direção da cama, na mira de Ana Davenga. Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda.

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora, o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino?

De cabeça baixa, sem encarar os dois policiais a sua frente, Davenga pegou a camisa e desse gesto se ouviram muitos tiros.

Os noticiários depois lamentavam a morte de um dos policiais a serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga.

Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria.

(In: *Olhos d'água*, p. 21-30).

[C#4] Duzu-Querença

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho.

Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou deste sonho, arrotou satisfeita, abandonando a lata na escadaria da igreja e caminhou até mais adiante, se afastando dos outros mendigos. Agachou-se quieta. Ficou por algum tempo olhando o mundo. Sentiu um início de cãibra nas pernas, ergueu-se pela metade, acorando-se de novo. Estava mesmo ficando velha, pensou. Levantou devagar. Olhou para trás, viu os companheiros seus estirados, depois do almoço, contemplando o meio-dia. Ensaiou e mudou os passos, cambaleante e insegura feito criança que começa a andar. Sorriu da lerteza e da cãibra que insistiam. É, a perna estava querendo

falhar. Ela é que não ia ficar ali assentada. Se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar.

Quando Duzu chegou pela primeira vez à cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã.

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. Um dia sua filha seria pessoa de muito saber. E a menina tinha sorte. Já vinha no rumo certo. Uma senhora que havia arrumado trabalho para a filha de Zé Nogueira ia encontrar com eles na capital.

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para os rostos delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda. Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos. A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça? Saiu devagar, mas antes ficou olhando um pouco os dois. Estava engraçado. Estava bonito. Estava bom de olhar. Então resolveu que nem sempre ia bater nas portas dos quartos. Nem sempre ia esperar o pode entrar. Algumas vezes ia entrar-entrando. E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens acordados em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, era bem-aceita. Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou. Levantou embrulhado no lençol. Duzu viu então que a moça estava nua. Ele pegou a carteira de dinheiro e deu uma nota para Duzu. Ela olhou timidamente para o homem. Voltou ali no outro dia no entrar-entrando. Não era o mesmo. Saiu desapontada e triste. Passados alguns dias, voltou a entrar de supetão. Era ele. Era o homem que lhe havia feito um carinho e lhe dado um dinheiro. Era ele que estava lá. Estavam os dois nuzinhos. Ele em cima, parecendo dentro da mulher. Duzu ficou olhando tudo. Teve um momento em que o homem chamou por ela.

Vagarosamente ela foi se aproximando. Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois.

Duzu voltava sempre. Vinha num entrar-entrando cheio de medo, desejo e desespero. Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. Duzu não sabia ainda o ritmo do corpo, mas, rápida e instintivamente, aprendeu a dançar. Ganhava mais e mais dinheiro. Voltava e a moça do quarto nunca estava.

Um dia quem abriu a porta de supetão foi D. Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar.

Dona Esmeraldina arrumou um quarto para Duzu, que passou a receber homens também. Criou fregueses e fama.

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida.

Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois. Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a bênção. Ela sabia, porém, que ele possuía uma arma e que a cor vermelhosangue já se derramava em sua vida.

Com a morte de Tático, Duzu ganhou nova dor para guardar no peito. Ficava ali, amuada, diante da porta da igreja. Olhava os santos lá dentro, os homens cá fora, sem obter

consolo algum. Era preciso descobrir uma forma de ludibriar a dor. Pensando nisto, resolveu voltar ao morro. Lá onde durante anos e anos, depois que ela havia deixado a zona, fora morar com os filhos. Foi retornando ali que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias.

Duzu olhou em volta, viu algumas roupas no varal. Levantou com dificuldades e foi até lá. Com dificuldade maior ainda, ficou nas pontinhas dos pés abrindo os braços. As roupas balançavam ao sabor do vento. Ela, ali no meio, se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava pela cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real.

Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. E já havia até imaginado a roupa para o desfile da escola. Ela viria na ala das baianas. Estava fazendo uma fantasia linda. Catava papéis brilhantes e costurava pacientemente em seu vestido esmolambado. Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa, assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer.

Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho...

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã,

Bambene... Escutou os assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja.

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias.

Querença olhou novamente o corpo magro e a fantasia da avó. Desviou o olhar e entre lágrimas contemplou a rua. O sol passado de meio-dia estava colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro — lixo talvez — brilhavam no chão.

(In: *Olhos d'água*, p. 31-37).